

COMPRA
- FEV. 1953

Rev.

452

V.

BRANCO E NEGRO



A. S. REIS DE

PEDROZO L. C.

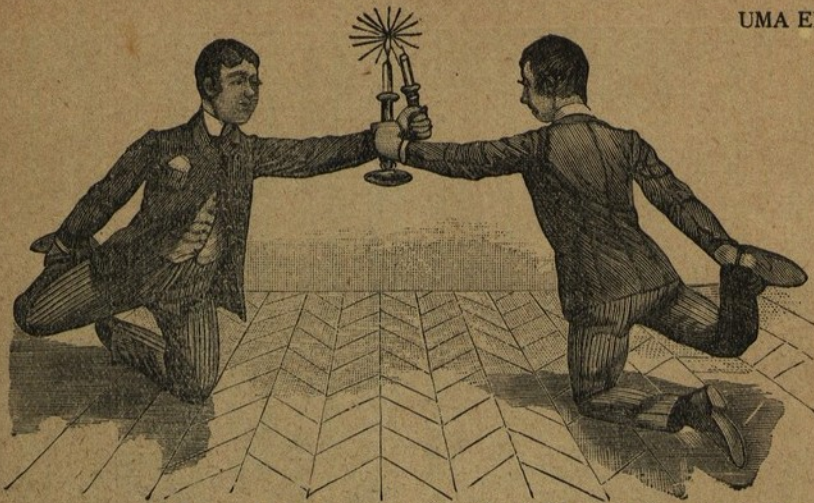
NEREIDAS

PREÇO 40 RÉIS

N.º 1

SECÇÃO RECREATIVA

UMA EXPERIENCIA ENGRAÇADA



(Extrahido da obra em publicação *A Chave da Ciencia*, de Travassos Lopes)

Duas pessoas ajoelham-se em frente uma da outra, sobre o joelho esquerdo, e pegando no pé direito com a mão direita, de modo a ficarem em equilibrio sobre o joelho. Pretende-se que a vela accesa, que uma pessoa tem na mão esquerda, accenda a da outra, que está apagada, mas sem mudarem de posição. Não é facil attingir esse resultado, e quando o consigam, será depois das mais comicas cortezas.

CASA FAVORITA

DE

F. SANTOS DINIZ

51 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 51

(AVENIDA DA LIBERDADE)

LISBOA

PIANOS COM MOTOR

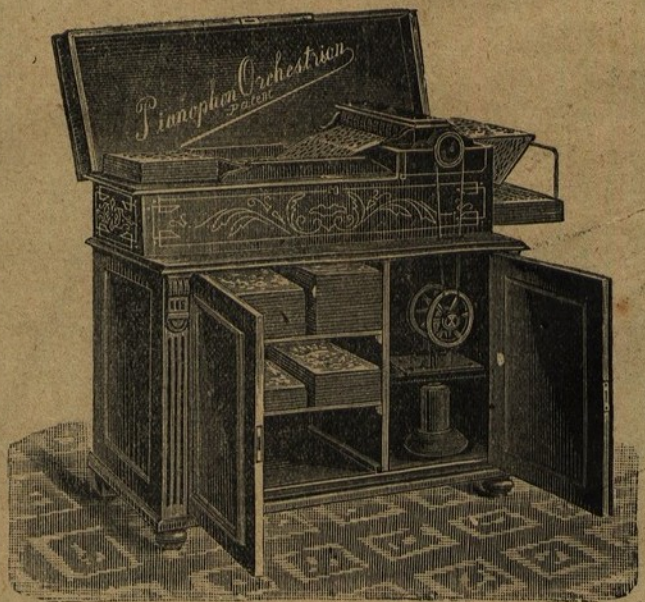
A **CASA FAVORITA** da Praça dos Restauradores, 51 (Avenida da Liberdade), acaba de receber um completo sortimento de **PIANOS COM MOTOR (sem teclado)**, e bem assim pianos melodicos com movel dos systemas mais aperfeçoados. — O piano com motor representa o instrumento mais bello e mais barato. — A superioridade a todos os outros instrumentos, ou caixas de musica, consiste nas vantagens:

1.ª de se poder tocar seja qual fôr a musica das 1:000 de que consta o catalogo. — 2.ª de se poder tocar todo o dia sem interrupção e sem cuidado e correctamente. — 3.ª que o piano com motor é muito mais vantajoso em preço e transportibilidade. — 4.ª que desarranjos, etc., são quasi impossiveis. — **O PIANO COM MOTOR** produz a musica por cordas metallicas. O systema dos martelos vibrantes dão a este pequeno instrumento um som maravilhoso, lembrando o bandolim ou o piano. O conjunto é d'um effeito maravilhoso, e o instrumento por si mesmo regula, por um mechanismo muito engenhoso, o Pianissimo, Crescendo e Fortissimo, segundo a musica original.

TODOS, mesmo os conhecedores, ficam encantados da musica e som, e admiram a sonoridade e afinação do pequeno instrumento. — A musica distingue-se pela sua perfeição, não fazendo ouvir nenhuma desharmonia.

As musicas são indestructiveis (tela com papelão, dos dois lados) o seu comprimento é illimitado sempre segundo o original, de modo que se pôde tocar Ouvertures, Pot-Pourris, etc.

O repertorio é grandioso e bem escolhido — 1:000 bocados de composições populares. **O PIANO COM MOTOR** além de bonito movel, substitue completamente o piano de 40 ou 50 libras, tendo uma força de som capaz de fazer dançar n'uma sala 300 pessoas. Qualquer creança o pôde manejar. — O motor funciona sem perigo, não exige cuidado, e toca dia e noite.



BRANCO E NEGRO

SEMENARIO ILLUSTRADO

N.º 1

LISBOA, 5 DE ABRIL DE 1896

1.º ANNO

DOMINGO DE PASCHOA NA ALDEIA



○ Natal é a festa da noite, a Paschoa a festa do dia!
Pelos caminhos da aldeia o parcho revestido de sobrepeliz e estola vae acompanhado pelo *mordomo da cruz*, pelo *cadeirinha da agua benta*, pelo *campainha*, pelo creado encarregado de receber os folares. Partem sol nado.

São muitos e distantes os logares, e a cruz, enfeitada com bellos cordões de ouro e laços de fita coloridos, aromatisada com essencia de cravo ou rosmaninho, tem de ser beijada por todos os freguezes.

Os visinhos invadem uns as casas dos outros; os parentes teem de ir beijal-a a casa dos parentes, embora a distancia seja longa.

Avista-se além a *Cruz*, n'uma volta da azinhaga. A campainha vibra no ar embalsamado pelo perfume das macieiras em flôr, e então todos se dão pressa em juncar de flôres e plantas aromaticas a entrada do seu lar, e de estender sobre a mesa a alva toalha de rendas, onde o foliar é depositado.

O padre chega. Enche-se a casa.

Alleluia, boas festas.

E a todos ajoelhados o parcho dá a *Cruz* para beijar, correndo assim a freguezia inteira.

Os ausentes teem vindo de fóra, esquecem-se antigos odios, visitam-se amigos velhos; a panella é gorda n'esse dia, o vinho espuma alegremente. E' a natureza que resurge, e quando a seiva ascende exuberante e fecunda, não é para admirar que o espirito se vivifique pela alegria.

J. AUGUSTO VIEIRA.

FLORES DA PASCHOA



DOCEMENTE, o velho tinha aberto a porta do hortejo, e ficára attento, com o ouvido á escuta, perscrutando o silencio.

No ar sereno e branco fluctuavam todos os perfumes matinaes, os ultimos bocejos das flôres que se espreguiçavam. Descia a paz a tudo; muito longe, um sino repicava a saudação paschal, n'um alegre trinado em que parecia haver oiro e sol, poeira de pedras raras e claras, risos de creanças. O velho sorriu, deu um passo na terra humida, sobre a erva; e nos bicos dos pés, veio postar-se mais longe, olhando para as janellas fechadas. Havia alguma coisa no seu olhar azul faiança que raiava pela ironia e nos fios brancos da sua grande barba de propheta luzia uma grave ondulação de bondade.

Nenhum rumor em volta, a não ser o rumor natural de uma fresca manhã de primavera, com trilos vivos nos ninhos, esvoaçar das primeiras azas, caminho do infinito.

O velho abriu a cancella pintada de verde, enfiou pelas ruas inundadas de flôres das brancas macieiras, com um alegre esfregar de mãos e um olhar agradecido para a Altura. Lepido, com uma agilidade de moço namorado, metteu as mãos pelos espinhos das rosas, cortou braços d'ellas, torcendo-as na haste, pondo no brilho aveludado das pétalas uma fulguração do seu olhar acariciador e meigo. No seu caminho levantavam-se as borboletas iriadas, e n'uma trepadeira de baunilha e madresilva houve um estremecimento que aromou todo o ar. Foi-se depois aos trevos e aos junquinhos; e, sentado no chão, emergindo de um banho perfumado de rosas, poz-se a escolhel-as, combinando as côres, — o escarlata ao meio, sangrando sobre brancuras d'espuma, as raiadas franjando em toda a volta o fresco ramallete, as amarellas ternas pondo uma mancha de melancolica saudade na gritante harmonia. Havia na sua larga face bondosa uma irradiação de alegria e nas suas bemditas mãos de velho um tremor de felicidade, infantil e descuidada.

Era um costume antigo, por aquelle tempo de Benção — desde noivos — vêr qual dos dois se levantava mais cedo para ir colher no orvalho as primeiras flôres desabrochadas. Elle, mais apegado ao calor da cama, friorento como um passaro sem pennas, ficava quasi sempre vencido n'aquella empreza florida, porque, ao abrir os olhos, dava logo com o grande ramo mettido no jarro de

louça azul, á cabeceira. Esse anno, porém, a primavera começara doce, quente mesmo; e vencendo o demonio do Bem-Estar que o puxava debaixo dos cobertores, saltou para o sobrado, vestiu-se á pressa, e, ás apalpadellas, sahiu para o jardim, rindo-se na alma por ser o primeiro, n'essa Paschoa, a dar os bons dias perfumados á cariciosa companheira.

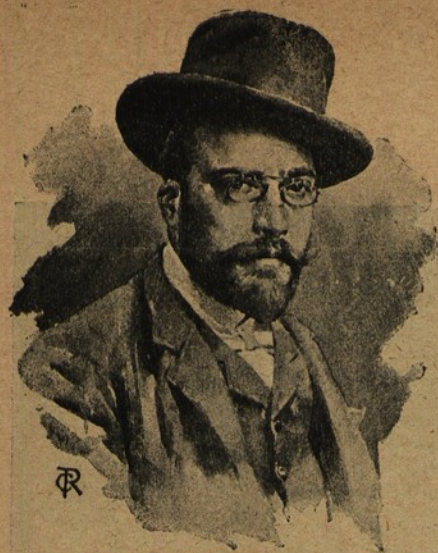
O ramo feito, levantou-se, compoz um ar galante, e erguendo acima da cabeça aquella aureola verdejante e orvalhada, sorriu para as flôres que ficavam, para os passaros que já andavam nos ramos, para o céu que lhe enviava uma benção de luz: dir-se-hia um conquistador levando á Namorada os trophéos da victoria.

Mas ao abrir a portinha pintada de verde vacillaram-lhe as pernas, teve de encostar-se ao tronco amigo de uma macieira, com uma vermelhidão nas faces e uma grande magua no olhar claro.

Ao fundo, espreitando-o da janella, com a touca branca fluctuando como um grande lilaz acima de um braçado de flôres soltas, a cariciosa companheira sorria-lhe docemente, — sorriso aromal de felicidade que não acaba.



EXPOSIÇÃO DO GREMIO ARTISTICO



COLUMBANO

A actual exposição do Gremio Artistico nada adianta em boa verdade ao já sabido acerca dos progressos que no nosso paiz tem feito a arte de pintura. E excepto a boa nova da chegada de Columbano, o poderoso e grande temperamento artistico que arredio e só, como Claude Monet, fa, n'um nobre isolamento realisando a sua obra, e da apresentação de Carlos Reis, uma paleta de artista novo em que grita ardente um deboche de côr, nada ha de novo a registrar, pois que nas tellas expostas não se logra descobrir um esforço imaginativo de pintor, incendiando-as do fulgor dos seus sonhos, mas apenas se accentua o amadornamento em que a nossa Arte escabeceia.

O que a todos os expositores sobreleva é Columbano, o goyesco artista cuja retina, arda muito embora o sol a pino, é sempre atravessada por fumos de crepusculo. O retrato de seu irmão Raphael é uma obra prima que dir-se-hia esparrinhára d'um só jacto da sua paleta, que surprehende as almas e nos seus mais subteis meandros as fixa. O retrato de Batalha Reis é uma maravilha na sua carnação tão portugueza, e as mascaras dos seus outros pequeninos quadros são tambem modelares.

A *Mulher que ri*, exposta já depois de abertas as salas da exposição, pode ccnsiderar-se uma obra prima que, n'outro meio de mais férvidos enthusiasmos d'Arte, seria aclamada e faria insculpir em marmore o nome d'um pintor; e ess'outra cabeça de mulher doentia, de pelle côr de ambar e de esmaecido aspecto, com olhos onde marulham ondas de pensamentos, a *Mulher da luneta*, palpita

com tanta vida que nos parece destacar-se da tella e vir até nós contar-nos coisas fatidicas, de Mysterio e de Sombra. Successivamente, nos numeros a seguir, iremos reproduzindo alguns dos quadros que mais se destacam n'este certamen, do mesmo passo que fallaremos dos seus auctores.

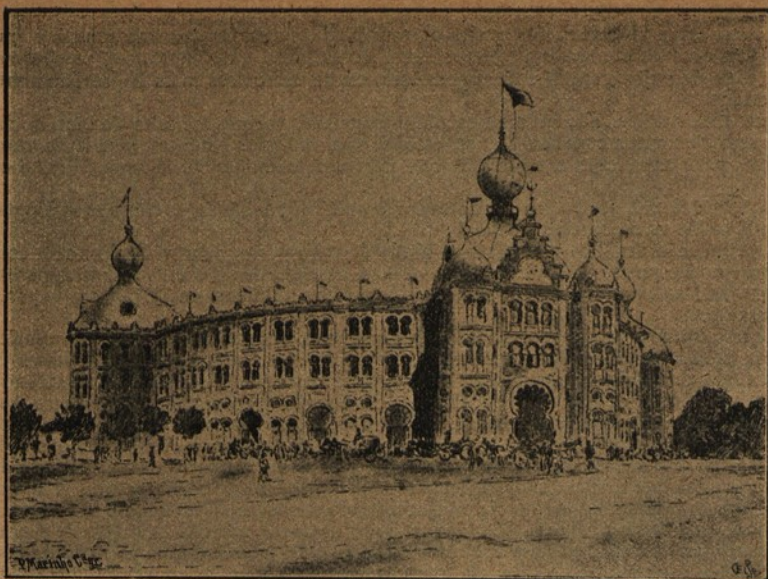


RETRATO DE RAPHAEL BORDALLO
(Quadro de Columbano — Exposição do Gremio Artistico)



INAUGURAÇÃO DA EPOCHA TAUROMAGHICA DE 1866 EM LISBOA — A ESCOLHA DO CURRO

TOIRADAS



PRAÇA DE TOUROS DO CAMPO PEQUENO

É hoje o primeiro dia de toiros, — a alegre debandada, sob o claro sol, para o Campo Pequeno, em caravanas radiantes, em trens bizarramente enfeitados, ao som de estridulas campainhas penduradas ao pescoço dos cavallos. O nosso temperamento pede-nos aquelle ruido alacre, a vozearia ensurdecadora, a commoção subita; e o entusiasmo que em ondas nos invade, a um ferro bem posto, a um *quebro* elegante, mais nos incita, mais nos faz gritar, só para ouvir o nosso grito, para o poder confundir no grito anonymo sahido da grande bocca das multidões.

O portuguez mais taciturno expande-se n'uma praça de toiros, communica as suas impressões ao seu visinho, interessa-se, applaude, quebra a bengala nas bancadas, assobia o Botas, critica os bois, binocula os cama-

rotes; e acha — ó pasmo! — que ainda ha mulheres bonitas. D'ahi, as toiradas como poderosissimo agente do amor.

Divino trio para um portuguez bem meridional: — Amor, sol e toiros!

Esta expansão da vida concentrada n'um ponto, ruidosa, despreoccupada, sem cuidado pelo que tenha de vir d'ahi a duas horas, é bem o caracteristico do alegre portuguez, o eterno não-te-rales que não préadivinha as catastrophes, as miserias, por isso que não pensa n'essas bagatellas da existencia, n'esses pequenos attrictos de cada hora, de cada minuto, que vão escorregando pela consciencia afogados no borbórinho que o cerca e o distrae. Bem se lhe importa a elle que, ao recolher a casa, de uma volta de toiros, não traga um vintem na algibeira, se o seu rosto ainda vem rutilo do entusiasmo, se os seus olhos ainda brilham, se discute ainda com calor o trabalho dos artistas. E só passado aquelle circulo de atmospheria fulgurante em que viveu por pouco tempo é que se lembra, subito, que não arranjou dinheiro p'r'o jantar, que tem um filho, uma mulher, uma casa! Esta sua mania, paixão arreigada que o domina em todos os actos da vida, enriquece as emprezas e satisfaz-lhe a exhuberancia do seu temperamento, predispondo-o para a alacridade que, de resto, boa receita é para os males que o cercam e que elle não vê, na completa abstracção em que mergulha por esta temporada de calôres. Assim explicada a diversão taurina como meio de balsamisar feridas abertas, não lhe regatêa louvores porque o livra de pensar na conta da mercearia e no alfaiate a quem deve duas prestações de um fato já no fio.

Abençoadas, pois, as toiradas que livram de torturas e canceiras de espirito e trazem á nossa alma um sol mais quente e mais brilhante.

Hoje a cidade despovôa-se, pára o movimento das ruas, não ha olhos que illuminem as janellas da Baixa; e se um estrangeiro nos visitasse n'esse momento, julgaria a cidade assolada por uma epidemia, tal o aspecto sombrio que apresenta, com raros passeiantes, as lojas fechadas, os americanos vasio e morosos.

Póde bem dizer-se, adaptando esta portuguesissima phrase: *que as toiradas nos estão ná massa do sangue.*



O CULTO DA ARTE EM PORTUGAL *

EM resultado de não termos uma historia geral da arte portugueza, devidamente systematisada e integralmente documentada em cada um dos seus capitulos, vemos grassar, não só entre o vulgo mas entre pessoas de saber, incumbidas de guiar e de reger a opinião, o erro criminoso, profundamente desmoralisante, de que somos um povo inesthetico, incapaz de concepções artisticas originaes.

A juventude litteraria, dotada de uma consideravel força de applicação e de talento, traz-nos uma poetica exotica, de climas nevoentos, anti-meridional, e vem falando uma lingua secreta, cabalística, interessantemente engenhosa, incomprehensivel para o povo e para todos os que não estiverem iniciados na morphologia espiritica das novas seitas.

Em toda a historiographia contemporanea se nota uma glacial frieza de critica, uma anemica pallidez de expressão, um geral entono de apagada tristeza, em que bem se demonstra que não circula o sangue vermelho da raça, nem se retrata do vivo o genio do nosso povo, meigo, docil, de apparencia branda, mas ainda hoje eminentemente

* A amabilidade do illustre auctor da *Hollanda* devemos o poder mimosear os nossos leitores com este bello trecho, deliciosa *primeur* do seu novo livro *O culto da arte em Portugal*, que deve apparecer na proxima semana, n'uma elegante edição de Antonio Maria Pereira. Aqui deixamos consignado o nosso agradecimento ao poderoso escriptor pela distincção concedida ao 1.º numero do *Branco e Negro*.

sociavel, amando a grande alegria estridente das feiras, das tardes de touros, das romarias dos seus santos populares, conservando nas infimas camadas sociaes um residuo trovadoresco, de paladino e de menestrel, susceptivel ainda das paixões mais profundas, todo de improvisação e de repentismo, capaz das coisas mais imprevisivelmente grandes, poetico, aventureoso e destemido.

Na poesia, assim como na pintura e na musica, não ha uma escola portugueza, porque, na falta de laço social que congregue os nossos artistas, sem elementos coordenados de estudo, sem modelos patentes, sem lição commum, não ha entre elles mutuamente, nem entre elles e o povo de que derivam, communhão alguma de ideal ou de sentimento.

Por igual razão não teem caracter nacional, sendo portanto destituídas de originalidade, e como taes inaptas para a luta da concorrência mercantil, todas as nossas industrias.

A decapitação official da nossa educação artistica manifesta-se ainda de mais perto, acotovelando nos e contundindo-nos por toda a parte, no aspecto do povo, na apparencia das casas, na esthetica das cidades, na apparencia dos predios, na decoração das praças, das avenidas, dos cemiteros, dos jardins publicos, das lojas, das repartições do estado e das habitações particulares.

Em Lisboa, por exemplo, onde não ha uma sala de concertos populares, nem vem tocar para a rua a musica dos regimentos, onde no theatro de Dona Maria se não representa Gil Vicente nem Garrett, onde no theatro de S. Carlos se não canta Marcos Portugal, onde não ha um museu de arte decorativa, nem um simples mostruario da nossa producção industrial, nem um museu de pintura, coordenado, catalogado e etiquetado de maneira que communique ao publico, assim como em todas as outras capitães da Europa, a lição que um museu contém, ha pelo contrario escaparates de apparatus armazens, que são para quem anda pelas ruas o contagioso exemplo da mais corrompida perversão, do mais provocante e pomposo relismo a que pode chegar o desvairamento do gosto. Mobílias em tal maneiras degeneradas que n'ellas desapareceu de todo o material de construcção. A almofada que em toda a antiguidade e em toda a idade média era um accessorio movel, e só no seculo XVI se principiou a fixar com pregos ao banco ou á cadeira, invade boçalmente todo o movel, armado em ripes de pinho, como uma eça de defunto, embrulhado em pelucia, que nos esburaca os olhos pela insolente má creação da côr. E horripilantes lindices de tocador, de escriptorio ou de sala, em que tudo parece apostado em ser fingido, desde a etrusca ondulação do contorno até o material empregado, porque todas as linhas são aleijadas, a prata é zinco, o marfim é gesso, o charão é de papel e o marmore esculpido é de sabão. E tudo isso se compra e se leva para casa, para infectar a família, para corromper o lar e para escrofulisar moralmente os meninos, desconjuntando-os de dignidade domestica, inoculando-os de pelintrice e de canalhismo de casta para a vida toda.

Ha uma avenida monumental em que, ao longo dos passeios destinados ao transitio do publico, em vez da ornamentação da flora regional, em vez dos longos massios de castanheiros, de laranjeiras, de palmeiras e de bananeiras, como em Barcelona e em Sevilha, esverdeinham e apodrecem dois miseros e infectos arroios artificiaes no fundo de flexuosas ravinas, gretando sinuosamente o solo, como canos dissimuladamente abertos em fosquinhas para trambulhões do viandante.

Nos predios a prodigalidade vesanica das janellas percorre a superficie das fachadas, havendo frontarias que parecem construídas unicamente com hobreiras contiguas e sobrepostas; e, ao passo que em cidades amoveis e artisticas se criam premios e se abrem concursos de janellas floridas, em Lisboa é prohibido ornamentar de flores o frontespicio das casas.

Os lindos empedrados e embrechados de tradição portugueza caem em desuso, substituídos por cimentos incompativeis com a acção do nosso clima.

O tão commodo, tão modico e tão gracioso typo da nossa antiga casa de campo é substituído nas construcções modernas pelas formas de um exotismo composito, as mais delambidas, mais pretenciosas e mais chinfrins, hybrida confusão allucinada do châtlet suizo, do cottage inglez, da fortaleza normanda, do minarete tartaro e da mesquita moira, — nodoa e vexame da paizagem portugueza nas redondezas de Lisboa. Em presença de um tão inverosimil scenario de magica, de operetta ou de revista do anno, ninguem, desajudado de outras indicações, anecdoticas e chorographicas, será capaz de adivinhar em que parte do mundo e entre que casta de gente se está passando a peça. Tal é a delirante epidemia de que estão combalidos os constructores contemporaneos, que, para ter um indicio nacional da nossa tradição, entre as casas de campo ou de praia construídas em torno de Lisboa nos ultimos vinte annos, temos de ir a Cascaes vêr o typo, unico, da habitação dos condes de Arnozo, tão saudosamente semelhante á casa de nossos avós, com o seu pequeno eirado sobre uma arcaria de meio ponto, a sua porta de alpendre n'um patamar de escada exterior, ao lado do retabulo em azulejo do santo padroeiro da família, as janellas de peitos guarnecidas de rotulas entre cachorros de pedra, destinados ás varas do estendal, e servindo de misula aos vasos de craveiros e de mangericos, em frente do poço de roldana, no mais doce e tranquillo sorriso d'outr'ora.

Nos mesmos letreiros das esquinas de ruas encontram-se denominações que esbofeteiam o pundonor patriotico, a cultura historica e a dignidade esthetica dos habitantes.

No Bairro Alto, onde a nomenclatura das ruas tão sympathicamente suggeria a lembrança bucolica da antiga fazenda suburbana, em que os jesuitas de S. Roque delinearão a nova cidade, como a rua da Vinha, a do Moinho de Vento, a do Poço, a do Carvalho, a da Rosa, a da Atalaia, ou os nomes dos officios que ahi primitivamente se arruaram, como os Calafates e as Gaveas, apaga-se, como n'uma rasura de conta falsificada, esse lindo e piedoso vestigio da tradição lisboeta, para dar ás ruas nomes novos e incarakteristicos, de sujeitos que n'ellas moram ou se diz que por lá passaram. E com igual afouteza se dissolvem, n'um borrão de brocha, sagrados dísticos, ainda mais estreitamente vinculados á historia do povo, e á historia da cidade, como o da Rainha Santa Isabel, como o dos Martyres de Marrocos.

Os trages populares, alguns tão pittorescos e tão suggestivos e tão bellos, como os das mulheres da Murtosa, da Maia, de Santa Martha e de Portuzello, como o dos boieiros do Ribatejo, dos pescadores de Ilhavo e da Povia, e dos montanhezes do Alemtejo e do Algarve, degeneram e abastardam-se ridiculamente, porque não ha entre a gente culta quem preze esse traje, quem o honre e quem o entenda.

Egualmente se desdenham e repudiam, por espirito de inconcebivel estrangeirismo, os productos primorosos de algumas das nossas industrias populares.

Nenhum outro povo matiza com mais harmonia de côr e mais graça de risco esses tecidos dos teares ou dos bastidores caseiros, combinados com estopa, com linho, com lã ou com algodão, de que se fazem os pannos liteiros, as sirguilhas, as saias e os aventaes das mulheres de Vianna, e bem assim as colxas de linho bordadas a frouxa na Beira, e os tapetes chamados de Arrayolos. Nenhum outro povo sabe tornear na roda do oleiro com mais esbelteza e mais puro atticismo o pote ou a bilha de barro, a pucara, o gomil e o pichel, de Coimbra, do Prado, de Mafra, de Redondo, de Loulé.

Se ninguem mais artisticamente do que o portuguez sabe vestir a mulher, arrear o cavallo, engatar a mula, e moldar a vasilha, ninguem, tão pouco, melhor do que elle emalha a rede e enastra o cesto.

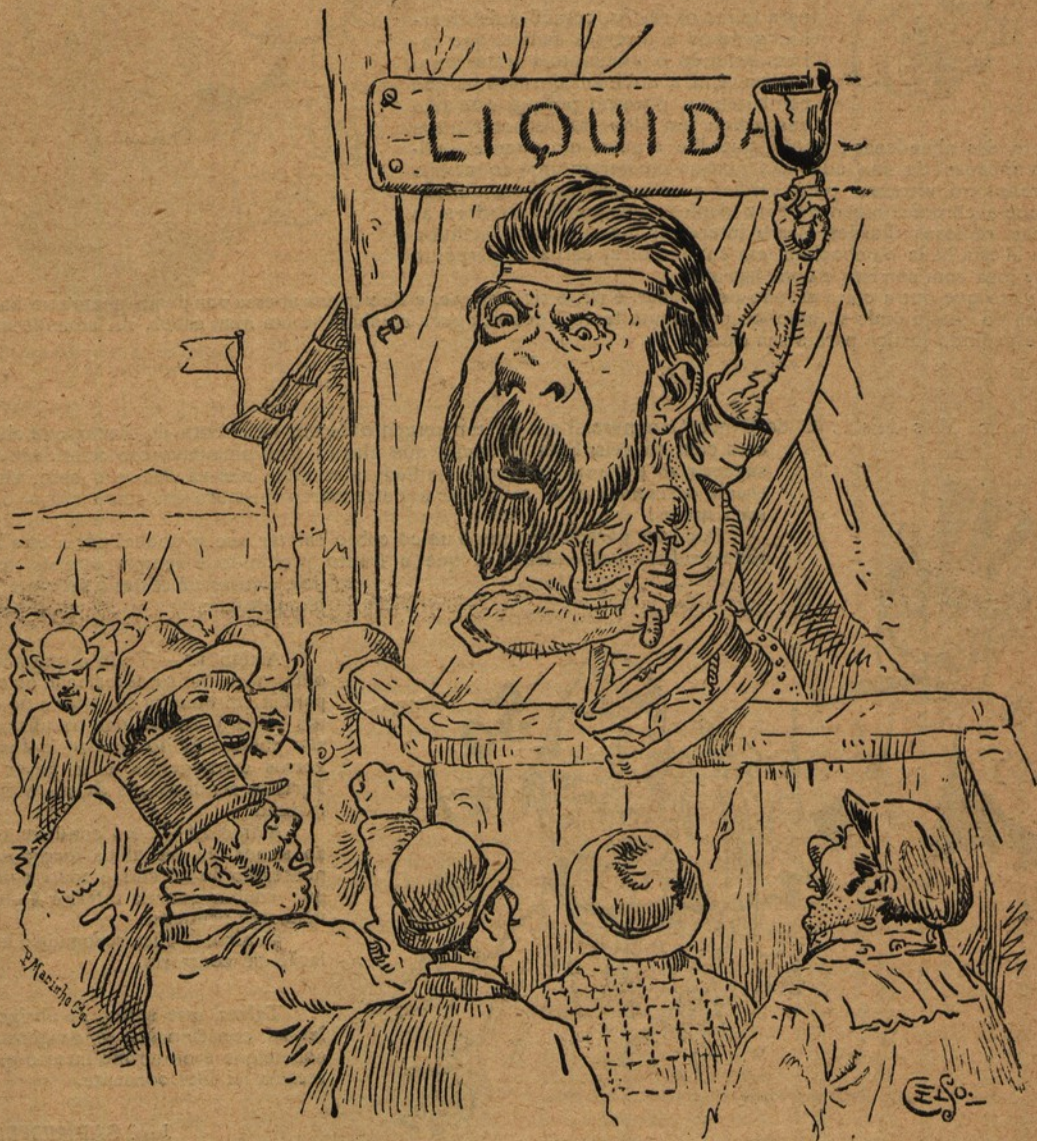


RAMALHO ORTIGÃO.

HISTORIA DOS SETE DIAS

(CHRONICA)

A Primavera appareceu este anno carrancuda, cortada de ventos, amarella de epidemias, sem perfumes e sem sol. No tempo do sr. Eduardo Vidal — ha que seculos! — o Calendario a apontal-a e ella a surgir radiante, illuminada, com o seu vestido de chita aromado em trevo e o seu grande chapéu de palha com largas fitas fluctuando. Ia pelos campos uma alegria florida e perfumada, cahia do céo uma chuva de rosas, chegavam as primeiras andorinhas aos beirões dos telhados, andavam no azul alegres bandos. Hoje, ella annuncia-se pela bocca do sr. Fuschini, bradando aos céos os peccados dos homens, fazendo cahir nos corações aguaceiros de lama e de enxurrada.



Rousseau-Fuschini, alheio aos vendavaes, estabelece barraca, bate o tambor; e logo a turba pára e se acotovella e esfrega as mãos e arregala os olhos, picada no sovaco pela cocega da curiosidade, prompta a saboreiar o escandalo dos escandalos, a applaudir ou a assobiar, consoante os seus odios ou as suas amizades.

E' uma variante do sermão aos peixes do beato Santo Antonio. Ha tubarões que não gostam e abrem a guella da colera, vociferando, clamando contra o audacioso que, em *maillot*, mostrando os musculos possantes, representa a sua farça politica, entreabrindo os labios n'um riso surrateiro, beliscando os seus personagens no que elles tem de mais pôdre e de mais vulneravel, arrancando-lhes a mascara para mostrar os aleijões moraes, mas tendo o cuidado de se encobrir, furtando o corpo, protegido pela claque que se ergue em enthusiasmos delirantes. Porque, em Portugal, não ha ninguem que não tenha um escandalo a contar e outro a esconder; d'ahi, essa facilidade em apostrophar os outros n'aquillo que elles mesmos são, mas que se conserva ainda na sombra, mercê de manejos mais bem dirigidos ou de acasos providenciaes.

O caso das *Liquidações politicas*, confissões de João Jacques... Fuschini, põe em fóco, no actual momento, o que se chama a politica portugueza, seus usos e costumes, seus modos de ser, typos e factos. Ha mascaras



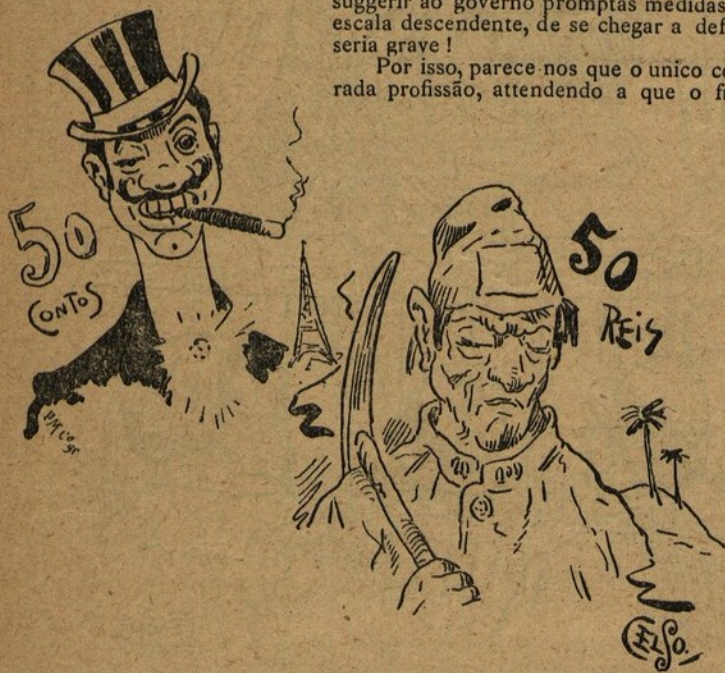
para todos os rostos, corações de diversos generos e diversos feitios, que variam segundo o assumpto a tratar ou o personagem a attender; jornaes ha que combatem o governo porque este não despachou um filho do redactor para aspirante das alfandegas; outros que lhe erguem um altar e queimam o incenso da sua adulação porque obtiveram uma concessão de terrenos no ultramar para vender a estrangeiros. Esta pluralidade, que a chronica ingenuamente deplora porque lhe desflora as suas mais radiosas illusões, serve interesses mesquinhos e facilita a marcha d'esta bella bambochata em carro d'oiro, carnaval perpetuo onde se joga com sorrisos e com lagrimas

E visto que outra coisa se não póde fazer, é rir, é rir, amigos, e deixar passar essa voz de propheta sem barbas que, fóra do queijo onde se aninhou por algum tempo, desata agora a achar-lhe um mau sabor, reclamando moralidade e pedindo justiça para a sua causa.

*
* * *

Mais um. Mais dois... O do Banco Commercial e o de um sargento de um regimento do Porto, que abalou com cem mil réis. Esta epidemia que alastra com uma pavorosa celeridade deve suggerir ao governo promptas medidas a adoptar, não vá dar-se o caso, vista a escala descendente, de se chegar a defraudar o thesouro em cinco réis — o que seria grave!

Por isso, parece-nos que o unico cobro salutar que se poderá pôr a esta honrada profissão, attendendo a que o fructo prohibido é sempre o mais tentador, é votar em côrtes o seguinte projecto de lei:



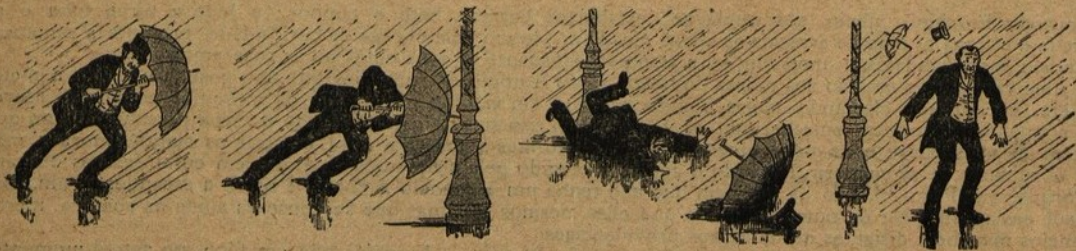
Artigo 1.º — Todo o que alliviar o thesouro, banco, associação ou companhia em quantia superior a 50 contos poderá desde logo requisitar o seu passaporte no ministerio dos negocios estrangeiros e ir gosar em Paris os rendimentos da sua honesta fortuna.

Artigo 2.º — Será condemnado a 20 annos de trabalhos forçados em possessão de 2.ª classe todo aquelle que roubar quantia inferior á citada no artigo primeiro.

§ unico. — Fica revogada a legislação em contrario.

Talvez que assim, ao abrigo da lei, as consciencias se avigorem e achem que é um crime fazer o que a mesma lei lhes consente.

José SARMENTO.



EFFEITOS DO TEMPORAL

A EPILEPSIA E AS PSEUDO-EPILEPSIAS

O dr. Miguel Bombarda, lente da Escola Medica de Lisboa e director do hospital de Rilhafolles, acaba de reunir em um volume, editado pelo prestimoso livreiro, sr. Antonio Maria Pereira, as lições, professadas em curso especial, que tão justo ruido provocaram quando fôram feitas.

A obra é consagrada aos grandes mestres da psychiatria moderna, Krafft-Ebing, Schule e Magnan, e desenvolve se por perto de 500 paginas, de composição cerrada.



Typo approximado do delinquente-nato de Lombroso

E' um trabalho que, honrando o seu auctor, nobilita a cerebração portugueza, ainda aqui ha pouco tão arredada da cultura geral europeia e hoje concorrendo com a elaboração mental, mais profunda e elevada, do estrangeiro superiormente civilisado.

O auctor demonstra uma erudição immensa, e testemunha de relevantes doctes de observação directa, adquiridos e estimulados por uma conscienciosa e indefessa pratica professional.

D'est'arte, a obra do sr. Bombarda implica uma gloriosa contradicção, refutando por exemplo pessoal, o aserto do escriptor quando, discorrendo sobre a decadencia da raça latina, apresenta a gente portugueza como tendo a triste primazia nos momentos successivos da curva descensional, cujo limite se assegura haver attingido.

Ao contrario; os productos da intellectualidade lusitana cada vez destacam mais por um poder crescente de comprehensividade e de realisacão, quer na arte quer na sciencia. De maneira que, se não socialmente, espiritalmente pelo menos, não ha, na verdade, fortes rasões para taxar de paradoxo o conceito patriotico do sr. Horacio Ferrari, quando attribue a Portugal, na provincia iberica, a ulterior funcção hegemonica que, politicamente, na Italia coube ao Piemonte, e á Prussia pertenceu na confederacão allemã.

A trama structural da obra do sr. Bombarda rola sobre a concepção, de intuição genial, que faz a verdadeira e solida originalidade do desigualissimo Lombroso, isto é sobre o estranho parentesco da epilepsia e dos modulos epileptoides com os typos differenciados do crime da imbecilidade moral, do talento e da virtude, da santidade e do genio.

Eis o que imprime ao livro que noticiámos um vasto sentido philosophico e lhe dá um caracter intenso e uma physionomia primordial. N'esta alta categoria integrado, o volume distingue-se pela prudencia do raciocinio e pelo encanto da limpídrófama litteraria que o reveste. Assim, o seu interesse excede os limites dos especialistas e invade as camadas do grande publico intelligente e illustrado.

O merecido elogio que se deve a este bello trabalho não importa uma acquiescencia plena a todas as affirmativas compendiadas em suas paginas.

Assim, quanto á coarctada audaciosa de que a mulher é uma degenerada. O proprio sabio a qualifica de paradoxal na forma; mas não o será igualmente na essencia?



Epileptico. Numerosos estigmas physicos: estrabismo, maxila extremamente avancada, etc.

A falta de altos exemplares femininos no pantheon esthetic não será, antes, um effeito social de insuficiencia, de selecção progressiva e de consequente accumulacão hereditaria, proprias a crear as condições em que desabrocha o genio? A escravisação domestica secular não será elemento de apreciação, em dominios em que modernamente, conquistada tal qual equiparacão civil, principiam de apparecer casos como os das romancistas inglezas, culminantes na litteratura indigena ao lado perfeito dos seus collegas masculinos? Não recordou o sr. Bombarda o nome de George Sand? de M^{me} Ackermano? Na sciencia, o de Clemence Royer?

E, sobretudo, não o feriu o contraste, nas familias predispostas pelo privilegio, da copiosidade de aptidões politicas e governativas na gente feminina, que orienta Estados e dá o dom especifico de momentos decisivos da civilisação humana? Não se lembrou de Catharina de Medicis, não se lembrou d'essa formidavel Isabel d'Inglaterra?

O thema é curioso e levar-nos-hia longe; mas cumpre reduzir.

Todavia, o argumento retirado da suspensão de desenvolvimento affigura-se-nos credôr de reparo. O rigôr logico deveria conduzir o sr. Bombarda a estendel-o, para todas as especies vivas, considerando, pois, degenerescentes todas as fórmãs femeas, o que será um pouco surprehendente, pelo menos.

Como o illustre professor sabe incomparavelmente melhor do que nós e nos pode ensinar com definitiva auctoridade, a embryologia é sciencia melindrosa e pouco desenvolvida. O seu estudo é difficillimo e, desde Wolff até Baer, desde este mestre supremo até os nossos dias, os avances tem sido curtos.

Darwin alargou o campo da ontogenia e o temerario Haeckel effectuou uma das suas mais originaes e tentadoras systematisações, correlacionando a explicação phylogenetica.

Ora, foi precisamente na evoluçãõ de que o sr. Bombarda deriva o seu conceito da supposta degenerescencia feminina, pela suspensão de desenvolvimento, que o professor da Universidade de Iena viu desenhados mais fielmente, na anthropogenese, os traços principaes da phylogenia do homem.

Asseverou, consequentemente, que podemos seguir, passo a passo, no embryão humano, pelo que se refere á especialisação organica observada, o mesmo desenvolvimento que nos mostra a serie dos acranios, dos cyclostomos, dos peixes, dos amphibios; depois, nos mamíferos, dos animaes cloacinos, dos marsupiaes e dos diversos placentalianos.

Deveriamos alargar, portanto, como dissemos, o conceito da degenerescencia; mas a que extremos chegariam então no imperativo dialectico?

Tambem desejavamos oppôr alguns embargos á doutrina que da epilepsia do homem-de genio, no typo social, estadista, guerreiro, fundadôr de religiões, deduz para a comprehensão da maneira das determinadas phases historicas da vida, individuada ou de relação, das populações de cujo seio emergiram esses representativos.

Reflexões seriam essas que viriam ao lance do juizo feito acerca de Napoleão e de Mahomet, os quaes dominam não porque sejam epilepticos mas apesar de o serem. A epilepsia é lhes talvez a condição necessaria para a producção do genio; mas o que os torna fecundos e orientadores é o messianismo revolucionario a um, o messianismo monotheisador a outro. E a este nos termos mediocres de especulaçãõ intellectual compatíveis com a plasticidade rudimentar das raças inferiores, semitas e negras, sobre que tem de exercer acção.

Mas, no terror do relativamente largo espaço já occupado, sômos obrigados a pôr ponto.

Fazemol-o, endereçando desautorizados mas calorosos parabens ao eminente homem de sciencia, que tanto honra este paiz.

JOSE PEREIRA SAMPAIO (BRUNO).



Melancolia n'um epileptico

SEMANA SANTA



SEMANA d'amor e paz — doces convívios do lar, alegrias sãs nos risos das creanças, p'ra quem Jesus é Pae...

Semana côr de leite — immaculada como as alvas — que é um mundo de santas creanças abençoadas, para os velinhos que ha cincoenta annos veem vir do Oriente os Magos luminosos e loiros como radiosas cabelleiras fulvas...

Resemos, constrictos. Nas egrejas sombrias e veladas a préce sóbe, como um fumo de incenso, para o Alto. Não quebra o sol nas ogivas em cores séus raios claros; não entra, a dentro das naves, o murmurio dos que passam, n'uma faina de Vida, que faz fugir a Morte; não ha desanimos, quebrantos de alma, paixões em lucta.

Os que crêem, resam. E resando, esquecem que d'este mundo são, e vão guiados para as esferas azues pelo suave olhar d'Aquelle que, entre chufas de sicarios e legiões assalariadas, ensanguentou os pés nas urzes do Calvario.

A terra veste luto pesado; enchem-se de negro os corações; as estrellas perdem o brilho doirado e desmaiam clareando, como bagas de prata. E choram...

*

Pr'ás bandas do Oriente, como um incendio onde ardesse, derretido, o oiro do mundo inteiro, um rasto amarello risca o sombrio céu em treva. E n'um clarão, a alma de Jesus sóbe lentamente, desprendendo-se da terra, p'ra casa de seu pae...

Parece que] o céu accende] as suas minusculas estrellas; que no ar embalsamado pela flôr dos sycómoros, uma santa alegria paira...

Semana d'amor e paz — doces convívios do lar, alegrias sãs nos risos das creanças, p'ra quem Jesus é Pae...

DOMINGOS GUIMARÃES.

MERINA

Rosto comprido, airoso, angelical, macia
Por vezes, a allemã que eu sigo e que me agrada,
Mais alva que o luar de inverno que me esfria;
Nas ruas a que o gaz dá noites de ballada;

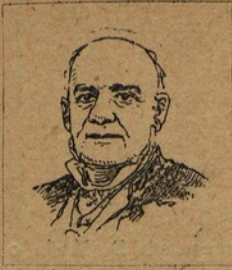
*

Sob os abafos bons que o norte escolheria,
Com seu passinho curto e em suas lãs forrada,
Recorda-me a elegancia, a graça, a galhardia,
De uma ovelhinha branca, ingenua e delicada.



CESARIO VERDE.

MORTOS ILLUSTRES



Possidonio da Silva

N'ESTES ultimos dias ha a registrar a morte de dois vultos conhecidos, dois beneméritos da humanidade, dois homens de saber, cada um na sua esfera de acção: — Possidonio da Silva, fundador da Associação dos Archeologos e Architectos e do Museu do Carmo, e o dr. Theotonio da Silva, medico.

Possidonio da Silva foi um trabalhador que honrou a sciencia especial a que dedicára todos os seus momentos. Muito novo ainda partiu para Paris a fazer os seus estudos de architectura, passando depois á Italia, onde completou a sua educação artistica, auxiliado por um grande talento e uma grande força de vontade e amor ao trabalho. Quando regressou a Portugal, foi encarregado da construcção da sala da Camara dos Deputados que foi ha mezes destruida por um incendio. Fundou no convento do Carmo o Museu de Archeologia, a cuja installação dedicou muitas horas de aturada fadiga, com um entranhado amor e uma grande tenacidade, conseguindo tornal-o digno de figurar honrosamente ao lado dos seus congeneres estrangeiros. Era architecto aposentado da Casa Real e socio do Instituto de França, indo ainda não ha muito tempo a Paris assistir á celebração do centenario d'aquella importante aggremação franceza.

Traço característico da sua muita modestia: nunca consentiu que o seu retrato apparecesse em nenhuma publicação.

No ultimo minuto, quando a morte estendia sobre elle as azaes negras, o saudoso architecto mandouchamar os filhos á roda do seu leito e pediu-lhes que mettessem no seu caixão todos os seus estojos de desenho, reguas e esquadros, e uma enxada, companheira indispensavel nas suas jornadas archeologicas. Pediu tambem que tornassem bem publico o seu reconhecimento á familia real pelos muitos favores que em sua vida d'ella recebera.

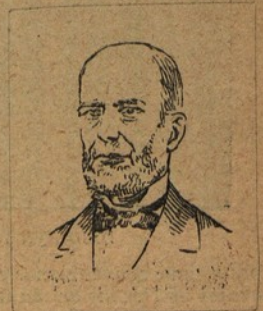
O dr. Theotonio da Silva foi um habilissimo cirurgião parteiro e dirigiu por bastos annos a clinica obstetrica da Escola Medica de Lisboa n'uma enfermaria do Hospital de S. José. Estimadissimo por todos que o conheciam, era um caracter extremamente bom e austero. A' cabeceira dos seus doentes levava a palavra do conforto e do carinho, suavizando pela grande affabilidade do seu tracto os males que os affligiam. Deixou alguns trabalhos sobre *Correio Medico*, *Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa*, etc. Praticou operações de grande valor, que lhe deram nome como cirurgião; e apezar da sua idade avançada, era ainda hoje consultado pelos seus collegas, antigos discipulos, que acceitavam e acatavam com respeito a sua palavra auctorizada.

O seu bom humor era proverbial. Nunca, nos casos mais difficeis e temerosos elle fraquejou: prova-o exhuberantemente esta *boutade* final, dita na sua hora ultima ao sr. dr. Sousa Machado, seu amigo intimo e seu medico assistente:

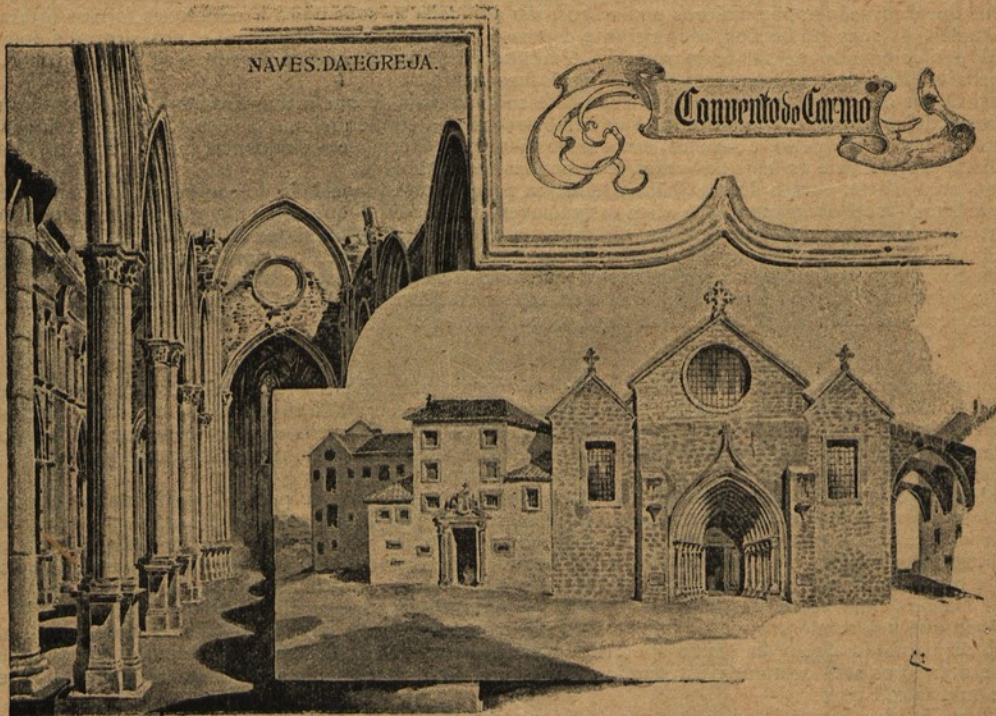
— Meu amigo, isto é uma perfeita lucha de que você não sahirá victorioso. Isto é como a guerra de Cuba. Eu sou os cubanos e você é o exercito regular hespanhol. Como guerrilha, nunca sustento um fogo regular. Ora faço fogo da direita, ora da esquerda. Quando você se defende de um lado é de surpresa atacado por outro. Eu quero cahir, você quer levantar-me, mas quem vence sou eu porque tenho 79 annos.

O dr. Theotonio da Silva era agraciado com a carta de conselho, socio da Academia Real das Sciencias e da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, onde prestou relevantes serviços.

Que descancem em paz os dois venerandos cidadãos.



Dr. Theotonio da Silva



CONVENTO DO CARMO, EM LISBOA

Onde está installado o Museu Archeologico, fundado por Possidonio da Silva

THEATROS

«JOÃO JOSÉ»

DRAMA EM 4 ACTOS, DE D. JOAQUIM DICENTA

(Representado pela primeira vez no Theatro de D. Maria II na noite de 21 de março de 1896)



D. JOAQUIM DICENTA

par a uma convencional e falsa emphase, a uma deturpada e postiza rethorica. Para affirmar-o,ahi estão, bem recentes as *Penhas arriba* de Pereda, cuja collecção de novellas historicas, com tanta justiza o sagraram, na opiniaõ do mundo culto, illustre.

De facto, a par e passo que vemos absorvidos pela civilisação franceza povos néo-latinos, e fundamentalmente penetradas pela sua litteratura as litteraturas mais distantes, pertencentes até a outras raças, em paizes que a neve inculpe e em outros que o sol enche de esmaltes de ouro, observamos que a Hespanha é de todos os povos aquelle que á invasão oppõe maiores embaraços, tão affincada ás suas quasi irreductiveis formas litterarias, aos seus costumes, ás suas tradicções, recalcitrante contra o nivelador cosmopolitismo e nos proprios dominios sociologicos evolucionando de tal feito ronqueira e monocrorde, que, sem grave paradoxo se póde affirmar, que ella será na proxima Europa sem fronteiras ainda a *nação hespanhola*.

Portanto, justo é que a critica tome em linha de conta, a mais do que o temperamento do escriptor, a propria idyosincrasia da raça a que elle pertence e que não seja rapida em condemnar a peça só porque a lingua em que está escripta não é mordente e simples, embora de indomada energia, e a eloquencia que o heroe troveja em vez de humana e grande, raie as mais das vezes pela simples hespanholada.

Como obra d'arte, pois, o drama *João José* marca pela propria fogosidade do seu entrecho, mais salientes talvez, os defeitos—sob outro ponto de vista assignalaveis qualidades—que são vulgares na obra litteraria do paiz visinho sem que por isso a tocante historia, tão humana e pungitiva, do humilde ser d'acaso, parido não se sabe de que ventre, e a quem a sociedade tudo rouba, deixe de constituir, mercê do vigor de dramatisação com que está urdida, da copiosa emoção que atravez dos seus quatro actos sangra, uma das obras mais intensas e mais caracteristicas do moderno theatro da nação visinha, e se, inferior á *Marianna* de Echegaray, igual comtudo ou porventura melhor que *De Mala Raça*, *Loca de la caça*, *Gran Galeoto* e *Dolores*.

O desempenho que a peça obteve é dos melhores que n'aquelle theatro temos visto, se considerarmos que os actores de D. Maria, tendo um repertorio na sua quasi totalidade recrutado em comedias de salão, habituados a representarem Feuillet, Dumas, a Sand e Augier, se vêem em sérios embaraços quando têm que interpretar o povo e fallarem não uma lingua aromatica e macia, de perladadas e doces inflexões, mas pelo contrario a lingua agra, sacudida e rude, mas tão cheia de naturalidade e de pittoresco, dos humildes.

Brazão que é um artista de intensas fogosidades, todo elle rutilante de paixão, traduz muito bem o personagem de João José. Sómente, a meu vêr, sombreia demasiado o papel logo ao abrir das primeiras scenas e reveste um taciturno ar, porventura ressumbrando Hamlet, que o prejudica. Mas a breve trecho, des'que entrados somos no drama, admiravelmente resgata por um passional ardor o ligeiro senão d'inda agora é magnifico de impeto, de correcto e natural desespero, quer no final do primeiro acto quer no capital monologo do terceiro.

Anna Pereira, uma actriz da grande escola de Antonio Pedro, conseguiu no papel de alcoviteira realizar uma creação que fica sendo das mais completas do theatro portuguez. A maravilhosa intuición de que dispõe e por decerto o ter habitado algum dia bairro operario ou vivido em contacto directo com mulheres do povo, permittiu-lhe, prescrutando os seus costumes, estudando-as no seu *habitat*, reconstruir agora, detalhe por detalhe, esse magnifico e inapagavel typo.

Ferreira da Silva comprehendeu com rara lucidez o seu papel e foi de todos o que se manteve e permaneceu até final verdadeiramente *chulo*, não desmentindo nunca o dialecto plebeu em que fallava, nem sacrificando a uma gesticulação melodramatica a naturalidade e singeleza do seu papel.

COM vivo agrado do publico representou-se em D. Maria o drama do escriptor hespanhol D. Joaquim Dicenta que, em theatros de Hespanha, tem feito uma carreira de triumpho.

Drama de paixão, esbrazante de vivido amor, vehemente e caloroso, de coruscantes e sobrios lances, todo elle repousa sobre o sentimental thema que vac p'ra tresentos annos deu ao olympico e barbaro inglez os selvaticos e agrestes desesperos de Othello. E comquanto os mais exigentes se comprazam em só ver no *João José* velhas situações fartamente exploradas em melodramas sombrios, e porfiem em constatar no decorrer da catastrophe que, n'uma athmosphera sinistra se debate atravez d'aquelles actos, um desdobraimento similar, ondulações eguaes ás da Carmen— não da Carmen para que Meillac e Halevy fizeram a lettra mas da adoravel novella de Merimée para portuguez vertida com amorsos disvellos pelo malogrado Marianno Level— certo é que ainda fica na peça o bastante para a considerarmos uma obra de theatro, senão de original contextura, de empolgadora e capital acção, debatendo e affirmando alguma these nova, pelo menos de situações logicas, convergindo todas com nitidez e maestria para o tragico desfecho, e, ás claras, vislumbadoras das ricas qualidades de dramaturgo que assignalar cumpre ao escriptor madrileno.

Em bem sei que na dramaturgia de hoje isto não basta; mas assim mesmo, tal qual é— forçoso é confessal-o — ella accordou, no meu espirito, pela concisão das suas scenas e relativa sobriedade do dialogo, uma impressão de sympathia. E mais este valor avulta sabendo-se como em Hespanha nem os proprios mestres, Echegaray por exemplo, a Bazan, Leopoldo Allás, e, apezar do rigor do seu processo analytico, o proprio Galdós— logram esca-

deturpada e postiza rethorica. Para affirmar-o,ahi estão, bem re-



João Rosa foi de modelar correcção.

De Rosa Damasceno, que incontestavelmente tem um fino talento apto a todos os papeis que requeiram grande simplicidade e ingenuidade nada ha a referir n'esta peça, por isso mesmo que, por confissão propria, ella nos veiu dizer as razões que motivaram a acceitação d'aquella parte, tão fóra do seu feitio artistico.

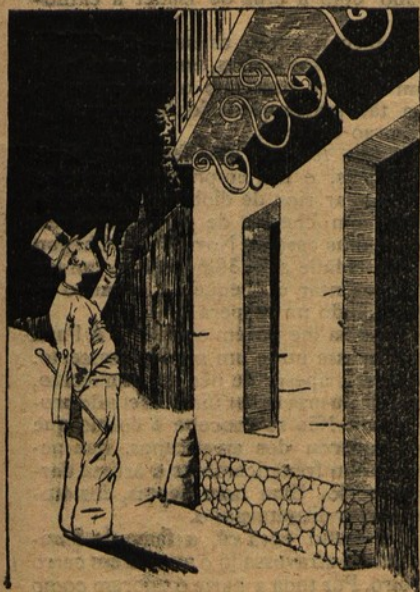
De resto só ha a lastimar que a empreza encarregasse Carlos dos Santos do papel de Paco, que elle interpretou pessimamente e, verdade seja, por fórma semelhante áquella porque lhe tenho visto fazer todos os seus tão bastos papeis.

O *Branco e Negro* dá hoje o retrato de D. Joaquim Dicenta, o laureado auctor do *João José*, e uma photographia, reprodução de um magnifico desenho de Condeixa, representando a scena final do primeiro acto.

*

No proximo numero occupar-me-hei dos *Amantes legítimos*, a estonteante comedia de Meillac e Halevy agora em scena na rua dos Condes.

DOMINGOS GUIMARÃES.



CURSO PRÁTICO DE NAMORO

SARASATE

AINDA ha pouco o extraordinario violinista, conhecido em todo o mundo artistico como a mais surpreendente organisação de musico, visitou Lisboa, onde deu alguns concertos. Quem tenha assistido a essas audições, por certo sentirá ainda a alma atravessada pela commoção que torsionava os nervos n'uma dansa macabra, arripando as carnes, produzindo a tortura d'uma grande tensão espiritual, como se o extase a que nos elevavam as notas arrancadas do violino magico, fosse um filtro perturbador, dando disequilibrios de loucura n'uma larga atmosfera iluminada por um sol mais forte.

Vão já passados dias que Sarasate sahio de Portugal, mas não é ainda passado, certo, o entusiasmo que semeiou no seu caminho esse illustre irmão dos anjos. Por isso nós, prestando a nossa homenagem, hoje, a esse extranho artista, crêmos não vir tarde.

Sarasate, muito novo ainda — aos 3 annos, dizem os seus biographos — quando as alegrias infantis são propulsionadas pelos desejos de brinquedos, entretinha-se com um pequeno violino de quinquilha; e de tal modo a sua paixão por aquelle instrumento era visivel que os paes lhe deram um mestre.

Deu, aos 6 annos, o seu primeiro concerto. O talento maravilhoso do pequenino musico chamou a attenção da condessa de Mina, que o protegeu para elle poder continuar os seus estudos em Madrid, onde teve por mestre D. Manuel Rodriguez.

Seguidamente aos primeiros estudos preparatorios, foi para Paris, acompanhado por sua mãe, em 1836. Chegado, porém, a Bayona, morreu sua mãe do cholera. Tinha então Sarasate 12 annos, não sabia francez e tinha apenas de seu o precioso violino.

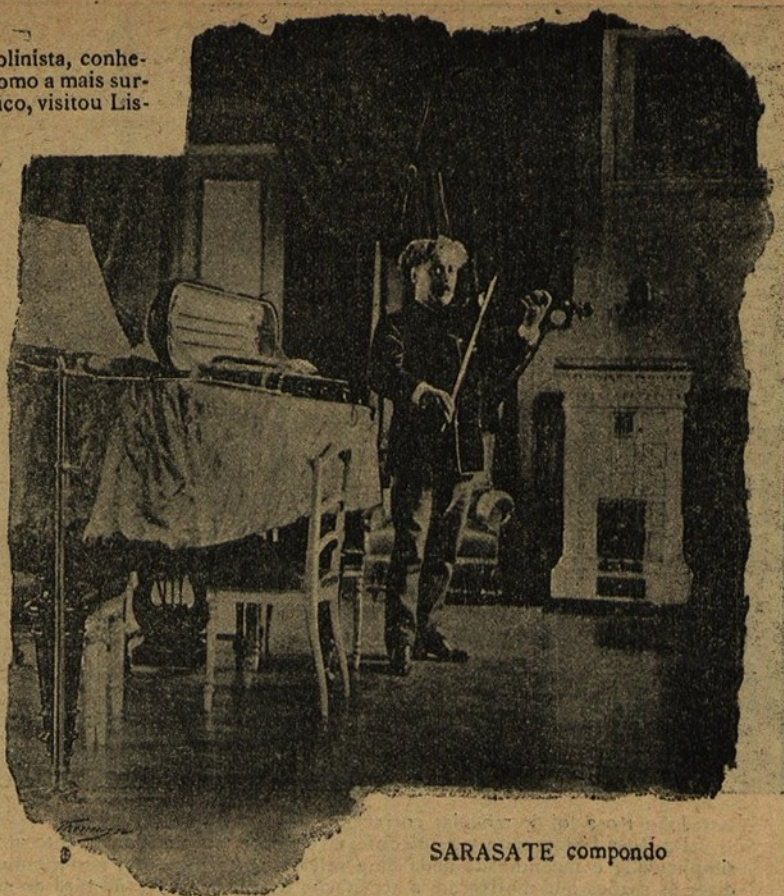
Um banqueiro madrileno acompanhou-o a Paris, onde cursou o Conservatório, fazendo provas brilhantissimas, a ponto de ser preciso distribuir-lhe exercicios especiaes, porque os que lhe davam para estudo d'uma semana, tocava-os elle no dia seguinte, passando-lhes apenas uma vista d'olhos. Passado um anno era honrado com o primeiro premio e cheze depois agraciado com a cruz de Isabel a catholica.

Começou então as suas digressões pelos diversos paizes, enriquecendo os emprezarios, pois que a sua ambição era tão pouca que não ligava grande valor ao dinheiro.

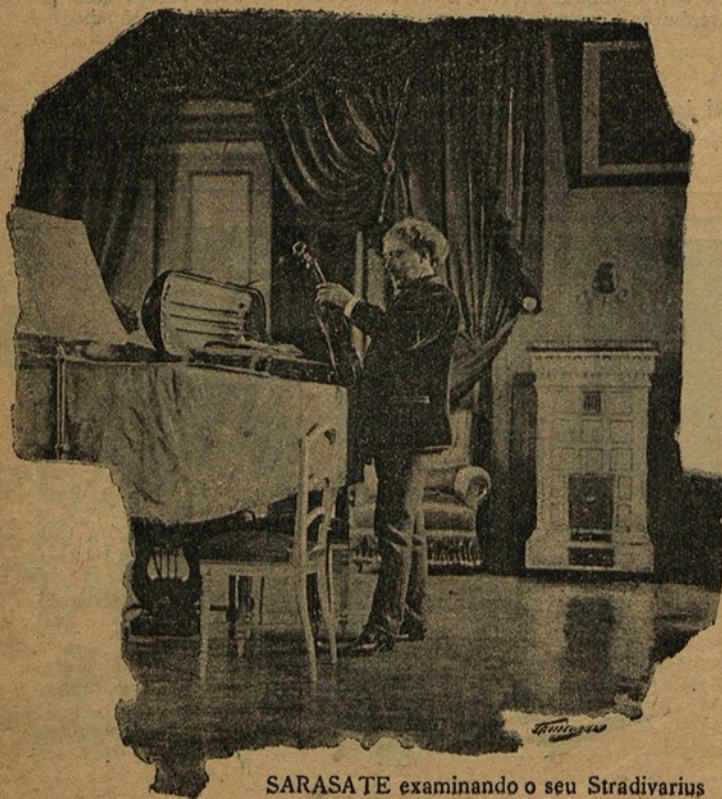
N'uma *tournee* que fez pelas duas Americas, o seu emprezario fartou-se de ganhar rios de dinheiro, dando-lhe a elle um cheque de 18.000\$000 réis sobre uma casa de Nova York. Chegou a esta cidade com 36\$000 réis, correu a apresentar o cheque... o banco tinha fallido na vespera!

Restava-lhe porém o violino. A Patti dava n'essa noite um grande concerto. Sarasate, apesar de não ser conhecido, arranhou a preencher um numero do programma. Não se concebe o delirio que se apoderou dos americanos, que acclamaram freneticamente o artista desconhecido. Uma hora depois, dez emprezarios disputavam-o.

De então, para cá, a fama de Sarasate tem atravessado o mundo em carro d'oiro. Por toda a parte o adoram como



SARASATE compondo



SARASATE examinando o seu Stradivarius

um idolo. Em Inglaterra, onde vae sempre passar um ou dois mezes, é acclamado triumphalmente, recebe felicitações dos personagens mais evidentes, é visitado por tudo que a *haute gomme* conta de mais illustre.

Nas suas tres vindas a Portugal — bem curtas, por desgraça nossa — Sarasate ergueu um côro de enthusiasmos que ainda hoje se repercute nos corações.

A primeira vez que tocou em Lisboa foi em 1880, nos concertos da empreza Amann. Em 1881 voltou de novo a visitar-nos, fazendo-se ouvir nos concertos organizados pela Associação Musical 24 de Junho, no antigo Circo Price.

Em junho de 1887 esteve de novo em Lisboa, onde deu seis concertos — quatro no salão da Trindade e dois no antigo Colyseu dos Recreios.

Quando da primeira vinda a Portugal, a primeira peça que Sarasate tocou foi o celebre *concerto* para violino, de Mendelssohn, que dezeseis annos depois ainda produziu o maior enthusiasmo ao ser interpretado divinamente pelo maior genio musical da Península,



GABINETE DE TRABALHO DE SARASATE NA SUA RESIDENCIA DE PARIS

NA AZENHA

QUANDO chega o Agosto...

Muito ao longe, o eucalypto gigante, cujas raizes abraçam os alicerces da azenha, indica-me a thebaida. Do alto do cabeço, a longa fila de salgueiros e choupos, quando me vê, dobra-se em cumprimentos prolongados e ha um sussurro de ramagem que lembra o zumbir da multidão quando apparece a pessoa ou coisa esperada. Conheço-os a todos: os que se erguem firmes como prumos; os que se dobram sobre o rio, arqueados como velhos; os de folhas meúdas, como pequenas choupas de lanças; os de folhagem verde-negra, buliçosa, em ramilhetes de ventarolas de bronze velho.

Mal passo a ponte, o rir alegre da agua, cahindo, aos soluços, dos cubos da azenha, mistura-se ao ruido das mós, suave e monotono como o rancor dolente de um grande gato. A agua espelhenta do açude, bordado de hervagens rasteiras, sombreado por cabelleiras de limos, espelha em tremuras as arvores dos combros, as figueiras de folha biblica, os delicados marmeleiros de fructos d'oiro. A vinha atapeta a encosta e lá no alto os pinheiros mansos erguem-se como colossaes umbellas, que o sol franja de esmeraldas, envolvendo os matagaes rasteiros em túneis de sombra, enquanto os pinheiros bravos — cones moveiços de agulhas — roçando os vertices, em longos haustos, dão ao ouvido a illusão do mar batendo, ao longe, os rochedos da costa.

Reconheço a paizagem e sinto dentro de mim uma branda emoção, uma ternura pueril, por todo este mundo inconsciente, por esta natureza acariciadora, cheia de trillos de aves e de aguas que cantam.

E o olhar perde-se-me ao longe, galgando as quebradas, pela charneca ampla, cheia de luz, manchada pe.as estevas, onde os palmitos amarelos de tójo florido debicam as urzes empenachadas de turquezas e d'onde o vento traz, com o chocalhar de rebanho invisivel, o aroma agreste do trevo e do rosmaninho.

Ao estrupido das ferraduras do cavallo, sobre as pedras, o moleiro apruma-se na soleira da porta.

— Por cá, outra vez?

Apeio-me e entro.

E' uma curiosa vivenda o meu moinho. Uma casita escondida no valle, cercada de cannaviaes e de maceiras, rumorosa como uma colmeia e empoada de branco como um casquilho antigo. A porta é baixa e o tecto; escalonados de encontro ás paredes caídas os farneis vasios, de trigo e de milho, esperam a vez.

Pelo centro da casa, em alcofas de esparto, rasteiras, ha montes de grão, sobre que descansam os crivos de arame e de coiro, e, encostadas a pequenos bancos de pinho reclinam-se as bandejas de carvalho, chanfradas no rebordo, a permittir a fuga do trigo limpo, quando percutidas sobre os joelhos do moleiro. Suspensas de pré-gos, ou em prateleiras, vê-se a pá, o rodo, as medidas, o azeiteiro e saleiro, cilíndricos, de chifre claro, em camaradagem com a vassoura e a candeia. Tudo isto branqueado pela farinha, que se desloca á passagem, em pequenas nuvens, de um cheiro acre e são. Ao fundo, eguaes como irmãs gêmeas, envoltas, cada uma, n'um cilindro de madeira, — o cadello —, aberto na frente, trabalham as mós. Todas as conhecem, semelhantes a dois grandes queijos de pedra: a de baixo fixa, a de cima girante, com uma abertura ao centro. Sobre ellas, suspensas do tecto, por cordas, duas pyramides de madeira, truncadas e invertidas, abarrotam de grão. São os tégões. Sob a abertura inferior, uma calha inclinada liga-se a uma alavanca apoiada sobre a mó, que ao rodar a agita n'um tremor continuo, tremor que, transmittido á calha, faz descer, lentamente, o grão. Este arrastado para entre as pedras, esborôa-se, pulverisa-se, corre no interior do cadello n'um movimento circular, até á abertura, onde um farapo de linhagem, em bambolina, o ampara e abate.

*

Ao meio da casa um alcapão. Dá para o subterraneo — o Inferno —, onde a entroz movida pelo eixo da azenha, faz girar o carreto, que empurra a mó. O subterraneo com as paredes humidas, limosas, baixo como um coval, sem claridade, com o ranger dos dentes da entroz sobre os prumos do carreto, por cima o troar das mós, ao lado o rugir da agua a engolfar-se nos cubos da roda, que ronca somnolenta, é verdadeiramente um lugar de castigo e de pena — um inferno —! Por analogia dever-se hia chamar — céu — á estancia superior, onde o ar é cheio de pulverisações brilhantes; pela porta aberta o sol entra alegre como um noivo, e, cahê, de momento a momento, de sob a mó palreira, a farinha branca dos ricos e esse pó de milho — a farinha dos pobres — cheio de aromas saudaveis, gordo, com reflexos d'oiro.

*

Eis o moinho. Não se descreve a impressão de conchego, de bem estar, que dá o isolamento n'esta casa, onde o maná cae e as pedras cantam. Na primeira hora, sente-se um ligeiro cançasso pela intensidade dos ruidos; o ouvido habitua-se e de então fica uma vaga monotonia de sons, que traz lentamente a hypnotisação, e nos alheia sonhadores, cheios de pensamentos bons, n'um mundo de desejos e de saudades. Por isso, ás vezes, a mó rola, o grão acaba no tégão, o moleiro dorme. Subitamente um ruido de ferros, estridulo, batendo a pedra dá-lhe um sobre-salto. O pião, preso no fundo do funil pyramidal pela pressão do milho ou do trigo, quando este esca-ceia, vence a resistencia da ultima camada e saltando despenha tres ferraduras sobre a mó, que rastejam n'uma traquinada horrída.

Outras vezes, o trabalho foi violento no correr da noite. A trovoadá inchou o rio, a agua rumorejou em cascata, galgando o açude. Foi preciso abrir as portas d'agua, debaixo de chuva, sobre um mar de lama, sangrar a presa, abrir o ladrão, temperar as mós de momento a momento, limpar o grão... Por isso, pela madrugada as ferraduras gritam, o grão acaba, a pedra móe a pedra e... o moleiro dorme. Sem resistencia inferior, a pedra rodeira desceu, pouco a pouco, sobre a mó firme e com o ligeiro dentado travou, progressivamente, a azenha. Quando ella pára, o moleiro acorda, fatalmente, com uma praga na bocca: — má raios...

O tégão enche-se, o pé carrega no alliviador, a mó sóbe, destrava a roda que range, espreguiçando-se, que desperta e marcha! E, pelo silencio da noite, a sua voz rouca recomeça o taciturno canto, grave cantochão plangente que rola pelo valle como um hymno rude de trabalho e de miseria!

*

Da minha cama, no quarto superior á mó eu ouço-a, tanta vez, parar como um coração, marchar como um regimento. Ha, por vezes, em toda a casa uma trepidação geral que lembra a de um navio sacudido pelo helice, o que dá a sensação de uma marcha a travez de campos sem fim. Atraz d'ella o pensamento... vôa. Quando a fadiga chega e encosto a cabeça ao travesseiro, o seu cantar sôa-me aos ouvidos como acalantar invisível, disvelado, e adormeço, n'uma grande serenidade, como se um gong, finamente percutido, vibrasse de continuo á minha cabeceira.

*

Quando chega o Agosto, os pomares córados de fructos, as encostas alcatifadas de pampanos, dias de crúa luz, noites de luar branco, tróco a cidade pelo moinho e venho reconfortar-me no isolamento, tonificar-me na paz cariciosa das coisas simples, a reviver n'um passado tão saudoso como perdido. Aqui, na solidão das noites, só, como um eremita, o mundo bem longe e os homens, janella aberta para o céu cheio de estrellas, n'uma evocação serena, a minha vida inteira, dias e horas passa!

D'esse passado, estes pequenos contos — corpos de delicto que se revêem com a alegria de amigos velhos, — por mais queridos os arranquei da sombra.

Enfeixei-os no titulo — *Na Azenha* — como se a minha companheira das noites me entendesse, tivesse uma alma e pudesse sentir sobre o corpo esmeraldado de limos, um abraço do amigo que a relembra, ao longe, n'uma ternura pagã.

MARCELLINO MESQUITA.

(Do livro inedito *Na Azenha*, proximo a apparecer).



× A coroação do Czar. O Presidente da Republica Franceza já designou os nomes das pessoas que hão de compor a missão extraordinaria que será enviada a Moscow para assistir á coroação do Czar.

Alem d'essa missão irá tambem uma embaixada extraordinaria.

× Viagens regias. Deve ter chegado hontem a Monaco a imperatriz da Russia que occupará a villa das flôres e a villa Masse. A comitiva da imperatriz é composta de 50 pessoas.

O rei dos Belgas e a princeza Clementina devem tambem ter chegado hontem a Nice.

× O «Salon» de Paris. A commissão de exame do Salon dos Campos Elysiós começou já os seus trabalhos.

O numero das obras a examinar, superior este anno ao do anno passado, passa de 3000.

× O monumento a Canrobert. O escultor Benoit, encarregado da execução do monumento a Canrobert, que deve ser erigido em Saint-Béré, acaba de terminar a *maquette*.

O marechal é representado de pé, tendo aos pés corôas onde estão gravados os nomes das batalhas em que Canrobert se distinguiu. Sobre as corôas, á frente do pedestal, está deitado um soldado, emquanto que, a um dos lados, um zuavo caminha para o marechal.

A estatua medirá tres metros de altura.

× Novidades litterarias. O novo romance *Roma*, de Zola, actualmente em folhetins no *Journal*, vae sahir em volume.

Oscar Méténier acaba de publicar um novo romance: *Raphaëla*.

Em volta de um milhão é o titulo do romance de Jules Hoche, cuja terceira edição foi agora publicada.

× As cartas de Renan e de sua irmã Henriqueta. E' conhecida a afeição que Ernesto Renan tinha votado a Henriqueta Renan e de que culto doloroso e encantador elle cercava a memoria d'aquella irmã a quem elle chamava «minha amiga» e de quem disse que «a virtude não era n'ella o fructo de uma theoria, mas o resultado de uma lei absoluta da natureza».

A publicação da correspondencia d'esses sublimes irmãos era esperada ha muito tempo, e sae agora da casa do editor parisiense Calman Levy.

Eis uma curta passagem extrahida de uma longa carta de Henriqueta Renan, datada de Varsovia, a 1 de junho de 1845.

Deixa que eu te agradeça, meu amigo, o teres escutado a minha voz e a da tua consciencia, o teres repellido os compromissos que te queriam já impor!... Que Deus e a tua razão te inspirem! Que o amor do bem e da verdade te suggira os conselhos que o meu afastamento já me não permitte dar-te! Quando virá um tempo em que possámos deixar fallar sem constrangimento dois corações que sabem apreciar-se, que serão felizes por se illuminarem um ao outro, por se interessarem um pelo outro? Que sonho! Adeus, meu querido amigo! Crê que estás em todos os meus pensamentos; crê que v'eo por ti com a mais terna solicitude, com a mais dedicada afeição. Tua, sempre, e de toda a minha alma.

Uma experiencia de velocidade n'um caminho de ferro na America.—E' na Inglaterra e nos Estados-Unidos que os comboios caminham mais depressa. Em setembro, a Companhia New-York-Central fez partir de New-York para Buffalo (698 kilometros) um comboio que fez o trajecto em 6 h. e 52' com duas paragens.

Não satisfeitos com esta experiencia os americanos tentaram outra mais arriscada. A Companhia Lake Shore and Michigan quiz recommear a experiencia entre Chicago e Buffalo, distantes uma da outra 816 kilometros. O comboio, que era formado de dois wagons-salão de 42 toneladas cada um e um wagon particular de 54 toneladas, transpoz esses 816 kilometros em 8^h e 1' comprehendendo as paragens, apezar de alguns contratempos sobrevindos durante a marcha.

A ajuizar por isto, dentro de pouco tempo chegar-se-ha á velocidade media de 100 kilometros por hora.

*

Para quem viaja.—Uma das ascensões mais faceis de fazer, nos Alpes, a uma altitude superior a 4000 metros, é a do Breithorn de Zermatt (4171 metros). Do alto descobre-se uma vista surpreendente. O accesso da montanha não offerece em tempo ordinario nenhuma difficuldade, nem perigo de especie nenhuma. E' uma longa ascensão na neve. Uma senhora pouco habituada a andar a pé, fal-a sem custo. Parte-se de Zermatt; em quatro ou cinco horas chega-se, indo pelas galerias de S. Theodulo, ao planalto de S. Theodulo (3422 metros), onde ha uma estalagem, modesta mas muito cara, que possui alguns leitos. Da estalagem ao cimo da montanha, é apenas caminho para tres horas, andando a passo ordinario. Na volta, pôde descer-se até Brenil e d'ahi até Châtillon, no valle d'Aosta. Um guia leva, por acompanhar n'este trajecto, 7200 réis, afóra gorgeta. Para duas pessoas um é sufficiente. Para as provisões, jantar, cama e almoço na estalagem, accessorios, etc. pôde contar-se com 6000 a 7200 réis. Duas pessoas não chegam a gastar 20.000 réis.

*

O Polo Norte.—Toda a gente sabe, pelas noticias publicadas em todos os jornaes do mundo, com que jubilo foi recebida a noticia da chegada ao Polo Norte do explorador Nansen. Pois essas noticias eram de pura imaginção e muito prematuras. Só em começos d'este anno é que, segundo todas as probabilidades, haverá noticias certas do ousado explorador.

Trata-se de organizar agora outra expedição maritima que partirá da foz do Lena, e se dirigirá ao archipelago da Nova-Siberia, onde Nansen devia tocar, segundo o itinerario que tinha adoptado. A expedição não continuará para o sul senão depois de ter collocado depositos de viveres tanto no cabo como no archipelago.

Oxalá seja d'esta vez levada a cabo a famosa exploração do Polo Norte, que tantas vidas tem custado!

A Estação de Paris

O melhor jornal de modas que se publica em lingua portugueza

REDACTORA: D. GUIOMAR TORREZÃO

SAE 3 VEZES POR MEZ

Os assignantes da ESTAÇÃO DE PARIZ recebem GRATUITAMENTE a CHRONICA, lindissimo jornal litterario, illustrado e de biographias, que tem já publicado os seguintes retratos: n.º 1, João de Deus, com artigo de Luiz Osorio; n.º 2, Conselheiro H. de Barros Gomes, com biographia por Teixeira de Queiroz; n.º 3, Visconde de Ouquella, com biographia pelo dr. José de Castro; n.º 4, Conde de Burnay, com biographia por Silva Bastos; n.º 5, dr. Sousa Martins, com biographia pelo dr. Virgilio Machado. Cada biographia é acompanhada d'um soberbo retrato impresso separadamente em papel velino.

BRANCO E NEGRO

SEMENARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa.

Numero avulso, 40 réis

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1\$100 réis	2\$200 réis
Africa Portugueza.....	650 »	1\$300 »	2\$600 »
Estrangeiro (paizes da União Postal.....)	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$050 réis	2\$100 réis	4\$200 réis

BARBOSA DE MAGALHÃES. — Codigo completo do Processo Commercial, annotado. Tomo I, 1 vol. br. 1\$7000 réis. Enc. 1\$200 réis. (O tomo II e ultimo sae em junho).

ROMANCE DE MULHER, por P. Mael, traducção de José Sarmiento, 1 vol. de pag., 100 réis.

ALVES MENDES. — Santo Antonio, discurso. O mais extraordinario até hoje proferido por este grande orador, 300 réis.

NESTE VALLE DE LAGRIMAS, o melhor livro de Silva Pinto. 1 vol. br. 500 réis.

COLLECÇÃO ECONOMICA. — Romances dos melhores auctores estrangeiros traduzidos em portuguez. Volumes de 240 a 400 paginas, a 100 réis. A publicação mais barata que em Portugal se tem feito.

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO. — Esplendida edição de amator, em papel de linho, a 1\$000 réis o volume. Sae o 1.º volume em abril.

ESGRIMA. — Manual theorico e pratico da esgrima de florete, espada e sabre, pelo professor Antonio Pinto Martins. 1 vol. com gravuras, br. 800 rs. Enc. 1\$000.

NA AZENHA, contos de Marcellino Mesquita. 1 vol. br. 500 réis.

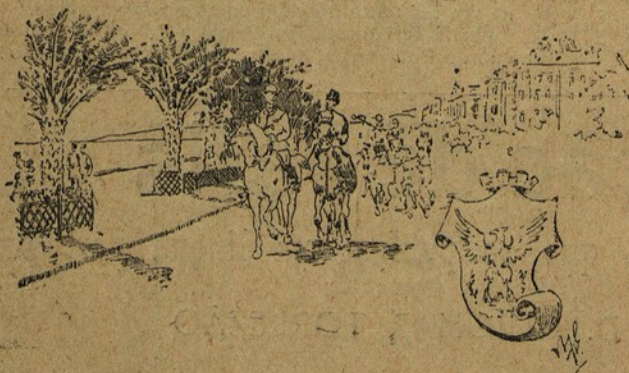
EPILEPSIAS E PSEUDO EPILEPSIAS, pelo dr. Miguel Bombarda. Livro indispensavel a todos os medicos e a todos os advogados, delegados e juizes de direito. 1 vol. br. 1\$000, enc. 1\$200 réis.

GYMNASTICA. — Manual completo de gymnastica por D. Miguel de Alarcão. 1 vol. com gravuras br. 800 réis, enc. 1\$000 réis.

ROMANCES a 100 réis o volume na esplendida — COLLECÇÃO ECONOMICA. Onze volumes já publicados. Saem 2 volumes por mez.

O DISTILLADOR PRATICO. — Tratado completo de distillação, por Ch. Vigneron, traduzido em portuguez. O livro mais claro e mais pratico que existe sobre este assumpto. 500 réis.

VIAGENS DE COELHO DE CARVALHO (MADRID, BARCELONA, NICE, MONAÇO)



Este livro concorreu ao *Premio D. Luiz*, distribuido annualmente pela Academia Real das Sciencias, no mesmo anno em que tambem concorreram Eça de Queiroz com a *Reliquia*, Lopes de Mendonça com o *Duque de Vizeu*, Abel Acacio com o *Germano*, Sousa Monteiro com os *Amores de Julia*, Guilhermino de Barros com os *Cantos do fim do seculo* e Theotonio Flavio da Silveira com o *Egas Moniz*. No relatorio que, em nome da Academia, Pinheiro Chagas apresentou, apreciando e criticando estas obras, diz elle acerca das *Viagens de Coelho de Carvalho*, que, «com quanto ellas sejam «uma simples collecção de cartas de um viajante, de notas e impressões lançadas ao correr da penna, teem innegavelmente qualidades nobilissimas, e são uma nova manifestação do talento brilhante do seu auctor.»

«Este livro (continúa o mesmo relator), em que transluzem o vivo sentimento do pittoresco e um delicado humorismo, se este anglicismo póde aspirar a ter fóros academicos, é na verdade um livro encantador, e que tem paginas bellissimas como a da representação de um drama de Echegaray no Theatro Hespanhol, que é um modelo de graça e de fina observação.»

Um volume illustrado com desenhos de artistas portuguezes. — Brochado 600 réis. Encadernado á ingleza 900 réis

BRANCO E NEGRO



PRIMAVERA

PREÇO 40 RÉIS

N.º 2

A Estação de Paris

O melhor jornal de modas que se publica em lingua portugueza

REDACTORA: D. GUIOMAR TORREZÃO

SAE 3 VEZES POR MEZ

Os assignantes da ESTAÇÃO DE PARIZ recebem GRATUITAMENTE a CHRONICA, lindissimo jornal litterario, illustrado e de biographias, que tem já publicado os seguintes retratos: n.º 1, João de Deus, com artigo de Luiz Osorio; n.º 2, Conselheiro H. de Barros Gomes, com biographia por Teixeira de Queiroz; n.º 3, Visconde de Ouguella, com biographia pelo dr. José de Castro; n.º 4, Conde de Burnay, com biographia por Silva Bastos; n.º 5, dr. Sousa Martins, com biographia pelo dr. Virgilio Machado. Cada biographia é acompanhada d'um soberbo retrato impresso separadamente em papel velino.

CASA FAVORITA

DE

F. SANTOS DINIZ

51—PRAÇA DOS RESTAURADORES—51

(AVENIDA DA LIBERDADE)

LISBOA

PIANOS COM MOTOR

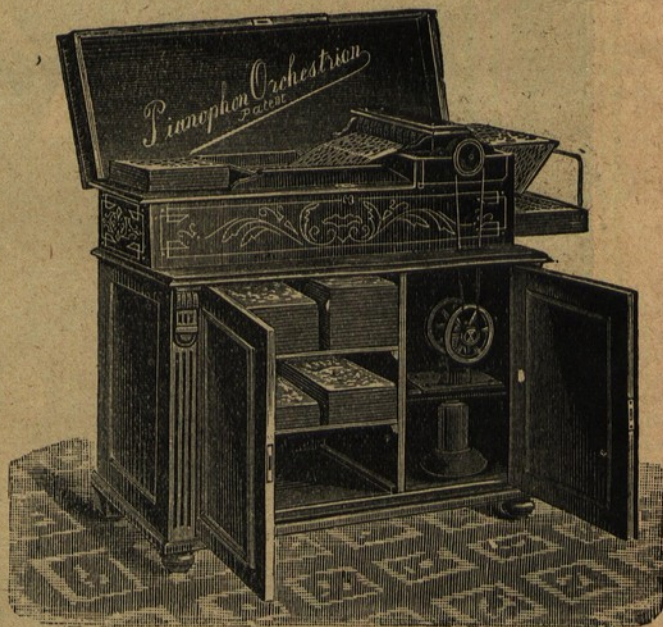
A **CASA FAVORITA** da Praça dos Restauradores, 51 (Avenida da Liberdade), acaba de receber um completo sortimento de **PIANOS COM MOTOR (sem teclado)**, e bem assim pianos melodicos com movel dos systemas mais aperfeiçoados. — O piano com motor representa o instrumento mais bello e mais barato. — A superioridade a todos os outros instrumentos, ou caixas de musica, consiste nas vantagens:

1.ª de se poder tocar seja qual fôr a musica das 1:000 de que consta o catalogo. — 2.ª de se poder tocar todo o dia sem interrupção e sem cuidado e correctamente. — 3.ª que o piano com motor é muito mais vantajoso em preço e transportibilidade. — 4.ª que desarranjos, etc., são quasi impossiveis. — **O PIANO COM MOTOR** produz a musica por cordas metallicas. O systema dos martelos vibrantes dão a este pequeno instrumento um som maravilhoso, lembrando o bandolim ou o piano. O conjunto é d'um effeito maravilhoso, e o instrumento por si mesmo regula, por um mecanismo muito engenhoso, o Pianissimo, Crescendo e Fortissimo, segundo a musica original.

TODOS, mesmo os conhecedores, ficam encantados da musica e som, e admiram a sonoridade e afinação do pequeno instrumento. — A musica distingue-se pela sua perfeição, não fazendo ouvir nenhuma desharmonia.

As musicas são indestructiveis (tela com papelão, dos dois lados) o seu comprimento é illimitado sempre segundo o original, de modo que se póde tocar Ouvertures, Pot-Pourris, etc.

O repertorio é grandioso e bem escolhido — 1:000 bocados de composições populares. **O PIANO COM MOTOR** além de bonito movel, substitue completamente o piano de 40 ou 50 libras, tendo uma força de som capaz de fazer dançar n'uma sala 300 pessoas. Qualquer creança o póde manejar. — O motor funciona sem perigo, não exige cuidado, e toca dia e noite.



BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 2

LISBOA, 12 DE ABRIL DE 1896

1.º ANNO

A EXCURSÃO DOS ATLETTADORES CIVIS ESTRELLA
E AS SOCIEDADES PARA EXERCICIOS FISICOS EM PORTUGAL



A passagem da Ribeira

SE as raças do norte, evidentemente superiores na actualidade, em qualidades físicas de força e resistencia, ás da raça latina, trabalham por corrigir as deficiencias d'aquellas qualidades, ou em aperfeiçoal-as, por meio dos exercicios de destreza e agilidade, com mais razão devemos empenhar-nos n'esse propósito, pois que o definhamento progressivo d'essas qualidades entre nós não é menos manifesto.

E' o problema da educação física que inludivelmente se nos impõe, como uma obrigação imperativa, quer sob o aspecto social, quer sob o aspecto domestico. E' o problema de mais alcance pratico que está posto para resolução na sociedade portugueza, mas não obstante sempre preterido e postergado pelas gramatiquices, latinorios e filosofices «racionais e moraes», que preparam os *demi-savants*, de que já ha meio seculo se arreceiava o bom de Saint Marc Girardin, como d'uma calamidade social.

Este problema está hoje estudado positiva e scientificamente nas suas causas e effeitos, e quem quizer conhecê-lo mesmo em lingua portugueza, encontra-o tratado valiosamente.

Não vamos pois entrar doutrinariamente no assumpto, nem isso tinha aqui lugar. Apenas de passagem indicaremos um livro portuguez «John Bull» do sr. Ramalho Ortigão. Todos que leram este «*depoimento d'uma testemunha ocular da vida ingleza*», recordam-se sem duvida dos primorosos quadros descriptivos em que o illustre critico, n'uma prosa clara e forte, nos dá a impressão viva dos exercicios athleticos d'aquelle povo, o mais audaz do tempo corrente; e mais se devem recordar da conclusão que resulta e fica em nosso espirito, quer da preponderancia systematica do athleticismo na educação britanica, quer das referencias e conceitos approvativos d'essa preponderancia, na boca de sabios e pedagogos illustres pertencentes a esse mesmo povo: e vem a ser — que o inglez está convencido (convicção suggestiva das maiores audacias) de que a sua preparação corporal e organica para lutar triumphantemente contra as mais arduas contrariedades materiaes da vida, sob todos os climas e em todas as circumstancias, tem sido e é o factor principal do poder britanico no mundo moderno.



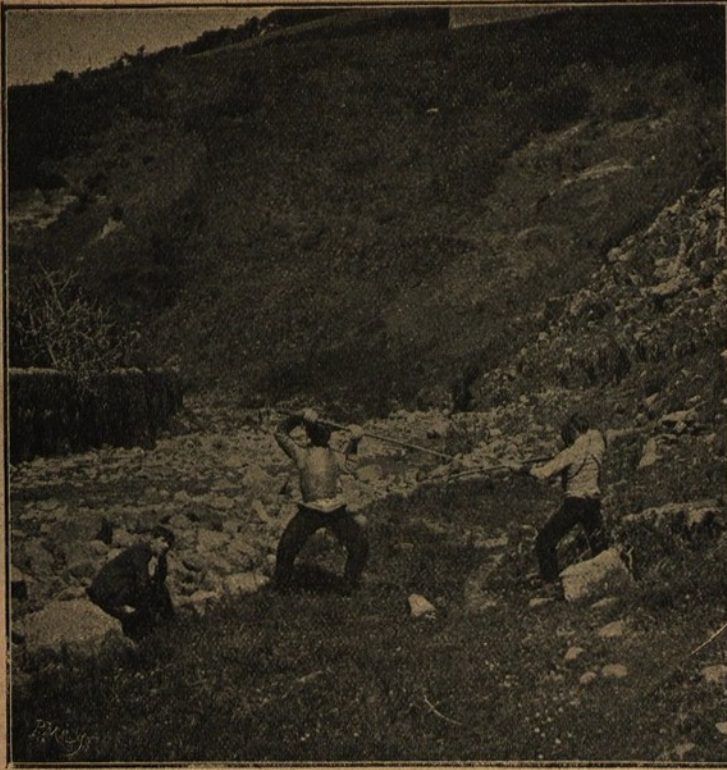
Exercícios de esgrima de páu

tes processos durante a marcha de regresso a Algés por Linda-a-Velha.

Agradou-nos a valer a leitura d'este programma, tanto que resolvemos visitar o bivaque. Era o primeiro exercicio d'applicação ao terreno, por parte de sociedades gymnasticas, de que tinhamos conhecimento.



Ribeira de Vallejas: O bivaque



Exercícios de esgrima de pau

vação que fizemos de que a energia particular parece querer restabelecer entre nós a educação physica. Quando isto assignalamos tinhamos em mente o conjuncto dos varios agrupamentos já organizados na capital: gymnastas, atiradores, velocipedistas, esgrimistas, jogadores de *foot-ball*, toureiros, cavalleiros, corredores, caminheiros, remadores, etc.

Honrada e dignissima iniciativa, a de todos. Sinceros applausos nossos.

Iremos tratando de cada gremio parcialmente, á medida que pela photographia poderemos fixar os seus exercicios.

*

Com equal sinceridade, permittam nos porém que lhes digamos o quanto desagrada e fere o sentimento nacional a tecnologia estrangeirada, que alguns usam entre si e nos jornaes.

O sr. Ramalho Ortigão, recorda-nos algures, que a Arte da Cavallaria entre nós, nos tempos brilhantes, teve uma terminologia portuguezissima que dispensava em absoluto o recorrer inconscientemente a nomes estrangeiros; e a boa prosa portugueza, moderna de lei, com que este escriptor descreve as regatas no Tamisa, e as suas pescarias d'elle no Tejo, provam como tudo se póde dizer na tão opulenta e tão bella lingua d'este velho e heroico povo do occidente. Entendam-se os senhores com elle, que é um vernaculo animado d'uma grande paixão por tudo o que fômos, e verão como ficam entendendo-se entre si e todos os entenderão tambem.

E a iniciativa n'este sentido está já feita e muito briosamente, diga se em seu louvor, pela Escola de esgrima de Mafra. A nomenclatura do *Manual d'esgrima*, para a infantaria, foi posta em portuguez, pela 1.^a vez, de commum acordo entre os officiaes que dirigiam aquelle ensino e o seu professor Pedro d'Oliveira. E hoje, os officiaes, professores d'esgrima nas duas Associações de tiro e no Velo Club, respectivamente os srs. Arnaldo Cruz, José Pires e Diogo Silva, discipulos da Escola de Mafra, seguem litteralmente o citado manual.

O distincto mestre d'armas, perito Antonio Martins, tambem respeitou este preceito no seu livro recentemente publicado.

Os hespanhoes, na sua ado-



Exercícios de esgrima de florete

Lá estivemos effectivamente desde as 11 até á hora a que foi levantado. Local pittoresco, fundo de valle, margem de ribeira corrente (obedecendo assim á principal exigencia d'um bivaque); na encosta da margem esquerda ergueu se uma barraca de campanha, no alto da qual tremulava, rijamente sacudida pelo norte, a bandeira da Associação. E' este o sitio do Casal de Caruncho, entre Queluz e Vallejas. Quando chegámos, os excursionistas almoçavam em ranchos dispersos, e a saloia dos arredores, recostada na margem opposta, gosava alegremente o espectáculo.

E' este quadro o da photographia n.º 3.

Concluido o almoço, realisou-se o concurso de tiro, os assaltos de sabre, florete, bayoneta e pau, e as passagens da ribeira em corda horizontal. D'alguns d'estes exercicios são as estampas n.ºs 1, 2, 4 e 5. A n.º 6 é a dos socios presentes.

Estas seis illustrações são feitas sobre clichés tirados pelo distincto photographo amator sr. Julio Salles.

Os exercicios foram executados com brio e destreza reveladores d'aptidões bem aproveitadas.

*

Foi este artigo sugerido, como dissemos, pela iniciativa da «Associação do tiro civil Estrella»; mas não assim, nem podia ser, a obser-



Socios da Associação dos Atiradores Civis Estrella

ravel honestidade nacional, não recebem, como os srs. sabem, com facilidade igual á nossa, palavras estrangeiras no seio da sua lingua. Quando não as têm constroem-nas originalmente.

E o sr. Eça de Queiroz, n'um dos numeros da sua *Revista de Portugal*, diz: «Um homem só deve fallar, com inpeccavel segurança e pureza, a lingua da sua terra: — todas as outras deve fallar mal, orgulhosamente mal... Na lingua verdadeiramente reside a nacionalidade... O cosmopolitismo do Verbo irremediavelmente lhe dá o cosmopolitismo do character. Por isso o polyglota nunca é patriota. O proposito de pronunciar linguas estranhas constitue uma lamentavel sabujice para com o estrangeiro. Ha ahi diante d'elle, como que o desejo servil de *não sermos nós mesmos*, etc.»

Portanto, meus senhores, quem vem ajudar a levantar a raça, não deve abater a lingua. O patriotismo é um e o mesmo, que deve entrar nos dois sentidos. Temos por certo que aos portuguezes da grande epocha, quando se encontravam, não se lhes ouvia:

— O' Coiso, tu és do *Walking-race*?

— Sou.

— Quando batem um *record*?

E outras geringonças d'este jaez.

HENRIQUE DAS NEVES.

OS DESGOSTOS DO SR. ANTUNES

○ sr. Justino Antunes tinha um grande desgosto em não ser pae.

Casára ha quatro annos, no Algarve, com uma menina de dezoito annos, filha do administrador do concelho, uma menina muito interessante, muito prendada, que tocava piano que era um encanto, bordava a oiro, e cantava a *Traviata*, em italiano. Era muito feliz com sua mulher, dava-se muito bem com ella, fóra por intermedio de seu sogro que alcançára o diploma de membro honorario da Associação dos Archeologos portuguezes, tinham-lhe prometido um logar de segundo official do ministerio das obras publicas, e o ser socio correspondente da Academia das Sciencias; mas a respeito de filhos, nada.

Antunes lamentava-se amargamente d'isto.

— Não se amofine, mano, dizia-lhe sua irmã, a sr.^a D. Josephina, viuva do coronel Segismundo, um heroe ignorado da praia do Mindello; eu fui casada trinta annos, sem ter filhos, e depois quando já ninguem esperava é que tive o Arnestoso.

Seu sogro, o administrador, tambem o animava muito.

— Deixe-se d'isso, homem, ha muitos casados que nunca tem filhos, meu pae, por exemplo...

O boticario tinha um sorriso d'embirração, quando Antunes fallava n'isto e perguntava-lhe com uma vozinha aflautada:

— Quantos annos tem você?

— Cincoenta e dois.

— E sua mulher?

— Dezoito.

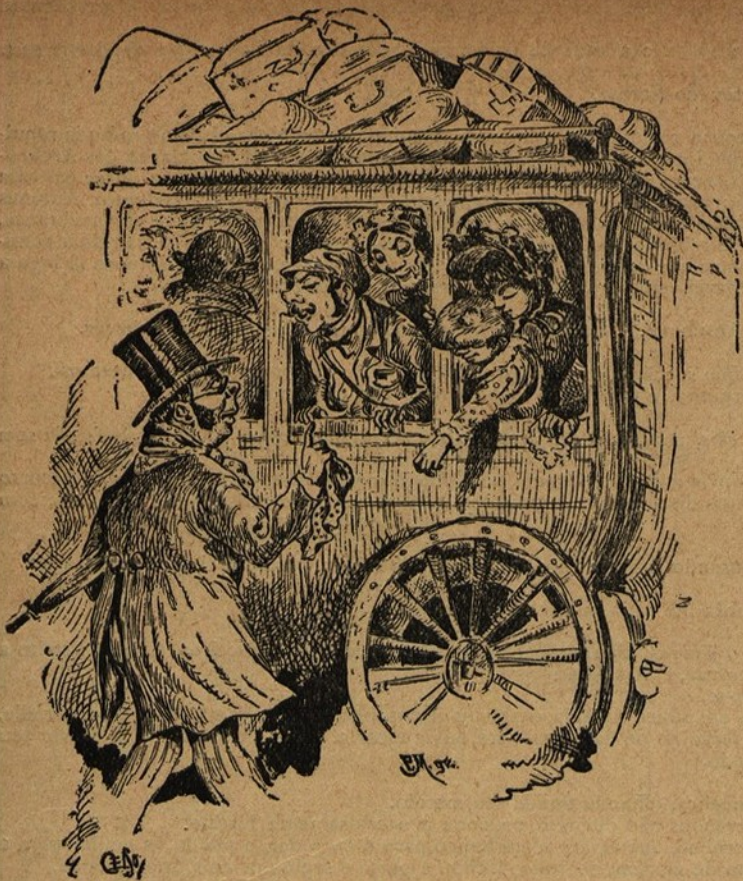
— Ora adeus! então não perca as esperanças. Sabe que mais? Vá para Lisboa, vá para Lisboa e verá...

E o tal sorriso d'embirração voltava outra vez.

O medico era da opinião do boticario, mas esse, muito sério sempre, coitado.

Por fim um dia, Antunes, veio parar a Lisboa.

Seu sogro era muito influente na politica, e tinha sobre as sciencias sociaes e administrativas, uma opinião sua, particularissima, que dizia «bem alto, para que todos o ouvissem», em todas as solemnidades publicas. Essa opinião entranhada era que «o sr. Fontes era o Bismark portuguez». O sr. Antunes desposando a filha do administrador do concelho, desposou tambem o seu ponto de vista politico. Ora com esta opinião, vae-se longe em Portugal, muito mais longe que do Algarve a Lisboa. O sr. Antunes veio até Lisboa. Seu sogro fez por lá sandice grossa, e para não se verem obrigados a demittir-o, fizeram-n'o chefe d'uma repartição. A filha não quiz mais tempó viver



n'aquelle inculto concelho, onde a eloquencia de seu pae não tinha florido. Antunes viu-se embaraçado, tinha d'um lado a politica de seu sogro, do outro os figos de seu pae. Decidiu se pela politica de seu sogro, que o fazia segundo official das obras publicas, commercio e industria, e abandonou os figos da sua infancia.

Quando sahiu da terra com a sua mulher, a sua mana, e o seu sobrinho, o Arnestosinho, o boticario veio ao bota fóra, e á despedida repetiu-lhe :

— E agora, você verá o que eu lhe dizia.

E apesar da lagrima da commoção, o sr. Antunes adivinhou atrás d'essas palavras o tal risinho da sua embirra...

O sr. Antunes gostava muito de Lisboa. Vinha cá poucas vezes porque era caro, mas, mesmo assim tinha sempre acompanhado a capital em todos os passos que ella tinha dado na senda do progresso, dizia elle.

E enumerava esse acompanhamento.

Tinha vindo a Lisboa quando casou D. Estephania, quando se destacou o monumento de Camões, quando veio pela primeira vez o Carmona, quando se inaugurou a estatua de D. Pedro IV, e quando se representou a *Filha da sr.^a Angot*. Depois casára, e foi por isso, por estar preso nos laços do matrimonio, que não veiu á chegada do Boyton.

Seu sogro tinha aqui todas as suas relações, e sobre tudo sua sogra, que o não acompanhava ao Algarve por ser muito nervosa, ter medo de andar embarcada, de andar a cavallo, de andar

no comboio, e de andar em diligencia, e não ser das coisas mais faceis o ir a pé até lá.

Ao principio pensaram em ficar vivendo todos na mesma casa : mas a D. Angelica, a mulher do Antunes, é que não esteve pelos ajustes, porque sua mãe obrigava-a a passar a manhã a tocar-lhe *La prière d'une vierge* e os *Sinos do mosteiro*, e ás noites a ler-lhe as novenas da occasião e o *Flos Sanctorum* compilado pelo sr. padre Conceição Vieira.

O sr. Antunes alojou-se, pois, com sua familia, a mulher, a irmã, o sobrinho, e uma creada velha e antiga, a Alexandrina, n'um quarto andar, do lado dos pares, da rua dos Fanqueiros, portas fronteiras com o conselheiro Torres, que tinha muitas filhas, muito divertidas, que se começaram logo a dar muito com a Angelica e com a D. Josephina.

Tomou posse do seu emprego, e ás quintas-feiras e aos domingos, para distrahir a familia levava-a ao Museu do Carmo, de que já dissemos, era socio.

Ahi, havia uma coisa que o fazia scismar.

— Onde demonio estariam umas pedras muito antigas, que elle mandára do Algarve, e que lhe tinham valido o seu diploma ?

— Já sei, disse elle um dia, tocado d'uma idéa subita, sorrindo triumphante, a sua mulher e ás meninas Torres, a quem mais uma vez arrastára ao museu á procura das suas pedras, já sei, naturalmente os monumentos que mandei, como eram muito preciosos, foram para o paço.

A menina Sabina Torres, a filha mais nova do conselheiro, que não tinha papas na lingua, e que ganhára fama de espirituosa descompondo toda a gente, já farta do museu até aos olhos, disse enfatiada ao sr. Antunes :

— Mas que monumentos mandou o senhor, algumas pyramides ?

— Não, senhora, monumentos chamam-se a todas as pedras que...

— Ora adeus ! pedras são boas para fazer paredes.

— Exactamente, mas com as pedras que eu mandei, fazem-se os alicerces d'um palacio sublime — a historia. E Antunes, achando lá dentro esta bella phrase, teve o cuidado de se ir chegando para junto d'um guarda, e de a dizer quasi que a gritar para que elle a ouvisse bem.

O guarda olhou para elle muito espantado, pensando que aquelle sujeito era surdo.

Antunes, adivinhando a admiração no rosto intelligente do guarda, atreveu-se a perguntar-lhe com um sorriso :

— O meu amigo está aqui ha muito tempo ?

— Ha tres horas, a porta abriu-se ás dez, ainda não é uma.

— Não é isso : se está aqui empregado ha muito ?

— Ha sete annos.

— Então deve lembrar-se d'umas pedras que vieram do Algarve... ha cinco annos.

E começou a fazer larga e minuciosa descripção das suas pedras.

— Vinham tambem uns quinze ou vinte tijolos, muito queimados, coisa que tinha servido de fornalha.

— Exactamente, exactamente, eram os tijolos, decerto, em que os arabes invocavam...

— Lembro-me perfeitamente... estiveram ahi a um canto muito tempo.

— Ah ! murmurou todo lisongeadado Antunes, olhando com uns ares superiores para Sabina.

— E depois foram...

— Para o paço, é o que eu dizia...

— Nada : quando se fez a escada nova, foi preciso pedras, e ellas lá foram ; olhe, estão ali... por debaixo d'aquelles degraus.

Antunes fez-se pallido.

— Não foram para os alicerces da historia, disse com grandes gargalhadas trocistas, a menina Torres, foram para os alicerces da escada.

Antunes lembrou, que n'esse dia tocava a charanga de lanceiros no Passeio Publico, e que não havia nada mais bonito que uma charanga.

E nunca mais levou a familia ao museu do Carmo.

Entretanto a historia das pedras ficou a matutar na cabeça de Antunes. Agora tinha já uma profunda repulção e um soberbo desdem pela archeologia. Uma noite, em que soube que havia sessão da Associação dos Archeologos, foi lá, remoendo uma interpegação severa ácerca das suas pedras arabes. N'essa noite havia *soirée* em casa do conselheiro Torres, sua mulher ia lá: agora andava sempre em folias com as filhas do conselheiro. Antunes não disse nada a sua esposa, e contente pela *soirée* lhe fornecer pretexto para vestir a casaca e pôr gravata branca, saiu de casa á boquinha da noite e foi direitinho ao Carmo. Era muito cedo ainda: passeiou pelas ruínas ruminando bem o seu discurso. D'ali a pedaço principiaram a entrar os socios. Abriu-se a sessão. Antunes ia logo a pedir a palavra. Um cavalheiro muito amavel veio perguntar-lhe o nome, elle respondeu seccamente:

— Justino Antunes, do Algarve.

— Ah! v. ex.^a é que é o sr. Justino Antunes?... Felicito-me immenso por ter a honra de o conhecer.

O rosto de Antunes desenrugou-se.

— V. ex.^a tem a bondade, diz-me, a que secção quer pertencer? á dos archeologos ou á dos architectos?

Justino ficou maravilhado com a pergunta, e respondeu logo, sem hesitar, com muita pressa:

— Dos architectos.

Era mais distincto, mais fino, mais *chic*, aquillo, o ser architecto e ao mesmo tempo dava uma bofetada sem mão na archeologia.

E satisfeito, lisongeado, pôz-se a ouvir a leitura da acta, sentindo já menos vontade de fazer o seu discurso de escândalo. Depois da acta começaram os discursos, e Antunes quando acordou achou-se sózinho na sala, com o porteiro.

Era o tal das pedras.

la para lhe fazer o discurso, mas pensando melhor, contentou-se em lhe dizer, pondo o chapéu na cabeça:

— Sou da secção dos architectos.

E saiu triumphante, enquanto o guarda lhe dizia muito serenamente:

— Muito boas noites.

Foi a correr para casa do conselheiro Torres. Sua mulher acabava de dançar uns lanceiros. Elle foi direito a ella, tirou-a bruscamente do braço do seu par, e disse-lhe:

— Vamos para casa... Preciso fallar-te.

Angelica, desconhecendo seu marido, um pouco trémula, despediu-se das meninas Torres e foi para casa com elle.

A D. Josephina, que estava a fazer serão ao pé da porta, para ouvir tocar o piano, ficou admirada ao ver seu irmão e a sua cunhada recolherem tão cedo.

— O que é? Ha alguma novidade?

— Não sei, respondeu titubeando Angelica, olhando timida seu marido.

— Fechem para lá a porta, para os creados não ouvirem, ordenou mysteriosamente Justino.

Josephina pegou no candieiro de petroline, que levára n'um banco para o corredor, e pondo os olhos para a testa e com a meia suspensa n'um gancho de marfim, no collo, fechou a porta e seguiu os dois, sobresaltada.

— Venho da Associação do Carmo.

As duas olharam-se espantadas, sem comprehenderem.

— Lembram-se da desfeita das pedras?

— Ah! exclamou alliviada sua mulher.

— Pois deram-me todas as satisfações e fizeram-me architecto.

— Ah! espantou Josephina. E quanto rende isso, mano?

— Não rende nada, rende honras... respondeu enfastiado Justino.

— Ah! repetiu Josephina muito contente e tratando de indagar minuciosidades da nova honraria de seu irmão: mas como elle se contivesse na mais discreta das modestias, apenas se pôde safar foi contar á Alexandrina a grande noticia, e antes de se deitar bateu na parede do quarto das meninas Torres, para ellas virem á janella, e disse-lhes atravez do papagaio:

— Não sabem a novidade!... Eu como sei que as meninas são nossas amigas e se interessam por nós, por isso as chamei.

— O que foi? perguntaram ellas com muito somno e alguma inveja.

— O mano foi eleito architecto do museu!

— Ah! bravo! muitos parabens! muitos parabens!

— Mas não digam nada a ninguem, elle não quer que se saiba...

— Fique descansada, sr.^a D. Josephina. Ora ainda bem! coitado! Muito boas noites.

— Até amanhã!

No dia immediato, as meninas Torres contavam aos seus namorados, fazendo muita troça, a grande novidade, da mana do architecto: e Alexandrina, dizia ao leiteiro, ao aguadeiro, á mulher da fructa, ao homem da peixe, — que o patrão agora estava muito bem, que tinha sahido architecto, e no domingo, quando foram á missa cedo, D. Josephina, e a Alexandrina, narraram, em *duetto*, a historia na loja de pannos de linho do Rocio, e foi assim que se espalhou pela cidade baixa a fama do sr. Antunes, architecto do museu.

D'ali a noites, quando recolhia a casa, Justino Antunes era esperado por uma grande surpresa agradavel.

Repetiu-se a scena do candieiro: as portas fecharam-se para os creados não ouvirem e D. Josephina largou a meia e pôz os olhos para a testa.

D'esta vez, quem tinha a palavra era a esposa, a Angelica.

A palavra no fim de contas não era muito facil de dizer. Angelica participava a seu marido, que lhe parecia que finalmente elle era aquillo que ha tanto tempo tinha vontade de ser, — era pae!

Justino ia tendo uma syncope de alegria, faltou-lhe a luz dos olhos, mas como que em sonhos, viu o boticario do Algarve, e tornou logo a si.

A D. Josephina, um pouco escandalisada porque «a mana não lhe tinha dito nada a ella» ainda assim, deixou-se de melindres e ficou tão contente que deixou cair cinco malhas.

E depois de ter dado muito á lingua, a respeito do enxoval, correu á cozinha, a dar a nova a Alexandrina, que ficou tão desvairada que deitou a manteiga a abrir, e poz o chá nas torradas...

E antes de se deitar, D. Josephina foi bater no papagaio das meninas Torres.

— O que é? Alguma novidade?

— Uma novidade que não são capazes de adivinhar.

— Diga lá! diga lá!

— Dou-lhes parte, disse muito prognostica D. Josephina, que meu mano vae ser pae, na pessoa de minha cunhada.

GERVASIO LOBATO.

SEVILHA



O comboio voava e eu falava commigo mesmo, a meia voz, cada vez mais á medida que as casas se multiplicavam, com a anciedade, repassada de alegria e desejo, que se sente ao subir as escadas da mulher amada. Sevilha! Sevilha está alli! Está ali a rainha da Andaluzia, a Athenas hespanhola, a patria de Murillo, a cidade dos poetas

e dos amores, a famosa Sevilha, cujo nome eu pronunciava, desde a infancia, com um sentimento de viva sympathia! Quem me diria, aqui ha alguns annos, que eu havia de vê-la um dia!

Todavia não é um sonho! Aquellas casas são bem de Sevilha, aquelles camponezes são sevillhanos; aquella torre que além vejo, é a Giralda! Eu em Sevilha? É extraordinario! Dá-me vontade de rir! Que fará minha mãe n'este momento? Se ella aqui estivesse!... Se fulano e sicrano cá estivessem!.. Tenho pena de estar só! Já vejo as casas brancas, os jardins, as ruas estreitas... Estamos na cidade... Apeamo-nos... Ah! como a vida é bella! Cheguei a um hotel, deixei a mala no *patio* e comeci a vaguear pela cidade. Pareceu-me tornar a vêr Cordova engrandecida, aformoseada e mais rica. As ruas são mais largas, as casas mais altas, os *patios* maiores; mas o aspecto geral é o mesmo: é a mesma brancura, a mesma rede intrincada de ruas estreitas, o mesmo perfume de laranjeira espalhado por toda a parte, o mesmo ar de gracioso mysterio, a mesma apparencia oriental, que desperta no coração um sentimento de terna melancolia e no espirito mil chimeras, desejos e visões de um mundo longinquo, de uma vida nova, de um povo desconhecido, de um paraizo terrestre cheio d'amor, de delicias, e de quietação. Nas ruas lê-se a historia da cidade; cada balcão, cada fragmento de esculptura, cada encruzilhada solitaria rememora a aventura nocturna de um rei, as inspirações de um poeta, a historia de uma mulher formosa, um amor, um duello, um rapto, uma festa, uma lenda.

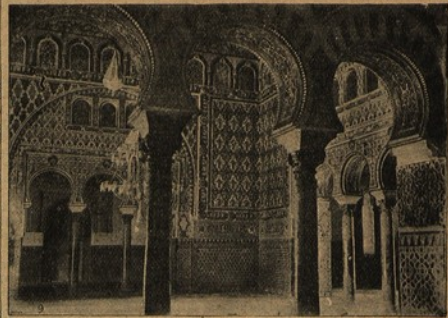
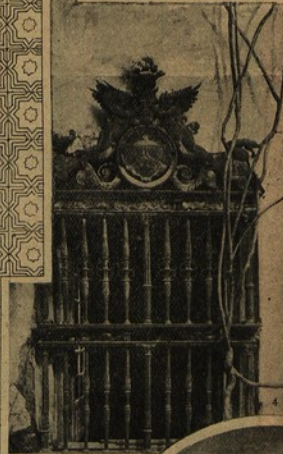
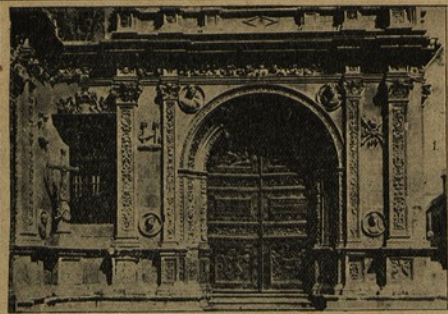
Aqui lembramo-nos de Maria Padilla, além de D. Pedro, mais longe de Cervantes, n'outros pontos de Colombo, de Santa Thereza, de Velasquez, de Murillo. Uma columna recorda o dominio romano; uma torre, o esplendor da monarchia de Carlos V; o Alcaçar, a magnificencia da côrte dos arabes. Junto de modestas casitas brancas elevam-se sumptuosos palacios de marmore; ruas apertadas e sinuosas desembocam em vastas praças plantadas de laranjeiras; de uma encruzilhada deserta e silenciosa passa-se n'alguns minutos para uma rua percorrida por uma multidão ruidosa; e por toda a parte se vêem, atravez das graciosas grades dos *patios*, flôres, estatuas, fontes, sallas successivas, paredes cobertas d'arabescos, pequenas janellas arabes, ligeiras columnas de marmore precioso; e em cada janella, em cada jardim, mulheres vestidas de branco, meio escondidas, como nymphas receiosas, entre os pampanos e os macissos de roseiras.

De rua em rua cheguei á margem do Guadalquivir, ás alamedas do passeio da *Cristina*, que é para Sevilha o que o Lungarno é para Florença. Disfructa-se de lá um espectáculo encantador.

Fui até ao pé da famosa Torre do Oiro. Esta torre, chamada «do Oiro» porque n'ella se guardava o oiro que os navios hespanhoes traziam outr'ora da America, ou porque o rei D. Pedro lá escondia os seus thesouros, é octogonal, formada de tres corpos, coroada de ameias e banhada pelo rio.

Este passeio estende-se desde o palacio do duque de Montpensier até á Torre do Oiro, e é completamente coberto de platanos do oriente, carvalhos, cyprestes, chorões, choupos, e outras arvores do norte, que os andaluzes admiram como nós admirariamos palmeiras e aloes nos campos do Piemonte e da Lombardia. Uma grande ponte atravessa o rio e conduz ao bairro de Triana, do qual se vêem as primeiras casas na margem opposta. No rio

SEVILHA



- 1 Casa da câmara, detalhes da fachada.
- 2 e 10 Praça Nova e Rua Odrero y Alfalfa.
- 3 Portico do Palacio de São Telmo.
- 4 e 8 Janela e Pateo da Casa de Pilatos.
- 5 Alameda de Hercules.
- 6 e 7 Cathedral. Vista do lado sul e Porta do Perdão.
- 9 Alcazar. O salão dos Embaixadores.

ha uma quantidade de navios, de escunas e de barcos diversos; e entre a Torre do Oiro e o palacio do duque ha um vae-vem continuo de botes. Uma multidão de senhoras percorriam as alamedas, ranchos de operarios atravessavam a ponte, nas embarcações trabalhava-se activamente, o rio estava cõr de rosa, o ar embalsamado pelas flores, o céu como que incendiado.

Voltei para a cidade e gosei do maravilhoso espectáculo que Sevilha offerece de noite. Os patios de todas as casas estavam illuminados; os das casas modestas tinham só uma meia claridade, que accrescentava á sua graça a belleza do mysterio; os dos palacios eram alumiaados por uma profusão de luzes, que faziam resplandecer os espelhos e scintillar os repuxos dos tanques como se estes fossem de mercurio e brilhar de mil côres os marmores dos vestibulos, os mosaicos das paredes, os crystaes dos candelabros; lá dentro enxergava-se uma chusma de senhoras, ouvia-se de todos os lados um ruido de risadas, de vozes e de musicas dando a sensação constante de se estar no meio de uma sala de baile; de cada porta sahia uma onda de luz, de perfumes e de harmonia; as ruas estavam repletas de gente; entre as arvores das praças, sob os portaes, ao fundo dos beccos, sobre as varandas, por toda a parte se viam ondular saias brancas, apparecer e desaparecer na sombra. Cabeças ornadas de flores sorriam ás janellas; grupos de rapazes e raparigas atravessavam a multidão dando gritos alegres; pessoas conhecidas cumprimentavam-se e conversavam das janellas para as ruas; por toda a parte havia um movimento, um ruido de vozes, uma alegria propria do carnaval. Sevilha não era mais que um immenso jardim onde folgava um povo fremente de mocidade e d'amor.

Para um estrangeiro taes momentos são muito tristes. Eu lembro-me que cheguei a sentir vontade de dar com a cabeça nas paredes. Vagueava por aqui e por ali, meio vendido, de cabeça baixa, com o coração oppresso, como se toda aquella gente andasse a divertir-se de proposito para insultar a minha solidão e a minha melancolia.

Era muito tarde para entregar as minhas cartas de recommendação e muito cedo para me ir deitar; de modo que eu era escravo d'aquella multidão e d'aquella alegria e tive de os supportar durante umas poucas de horas. Sentia um certo allivio em não contemplar o rosto das mulheres, mas nem sempre conseguia isso e quando os meus olhos encontravam por acaso duas pupillas negras, o abalo era mais violento, justamente por ser inesperado, do que se eu tivesse affrontado o perigo, de coração armado para a guerra.

E eu andava pelo meio das temiveis sevilhanas! via-as passar, apoiadas ao braço de seus maridos ou de seus amantes, tocava nos seus vestidos, respirava os seus perfumes, ouvia-lhes a voz, e o sangue subia-me á cabeça como uma onda de fogo. Felizmente lembrei-me de ter ouvido dizer em Madrid a um sevilhano que o consul de Italia passava ordinariamente a noite na loja de um dos seus filhos, que era nogociante. Procurei essa loja, dei com ella, encontrei lá o consul e entregando-lhe uma carta de um dos seus amigos, disse-lhe em tom dramatico, que o fez rir: «Meu caro senhor, acuda-me, pelo amor de Deus: estou com medo de Sevilha!»

A meia noite a cidade não tinha mudado de aspecto; as luzes e a multidão continuavam na mesma. Voltei para o hotel e metti-me no meu quarto com tenção de me deitar. Mas então ainda foi peor. As janellas do meu quarto davam para uma praça, onde um formigueiro de gente se agitava em torno de uma *troupe* de musicos, que não cessavam de tocar; por fim foram se os musicos, mas começaram a ouvir-se violões, pregões de vendedores d'agua, cantos, gargalhadas; toda a noite foi uma bacchanal capaz de accordar toupeiras. Eu tive um sonho ao mesmo tempo delicioso e afflictivo, mas sobretudo afflictivo. Parecia-me que estava preso ao leito por uma comprida trança preta, toda enroilhada e cheia de nós, e que sentia sobre os beiços uma bocca de fogo, que não me deixava respirar, e em torno do pescoco duas pequenas mãos vigorosas que me esmagavam a cabeça contra o braço de um violão. No dia seguinte de manhã fui em direitura visitar a cathedral.

Para descrever convenientemente esse edificio gigantesco seria necessario ter á mão uma relação de todos os substantivos mais compridos e de todas as comparações mais extravagantes que têm saído da penna dos escriptores mais hyperbolicos de todos os paizes quando quizeram dar idéa de alguma coisa prodigiosamente alta, monstruosamente larga, espantosamente profunda e incrivelmente grandiosa. Eu quando fallo d'ella aos meus amigos, faço, sem dar por isso, como o Mirabeau de Victor Hugo, *un colossal mouvement d'épaules*, encho a bocca e engrosso a voz pouco a pouco, como faz Salvini na tragedia *Sansão*, quando, com um accento que faz tremer toda a sala, diz que sente renascer as forças. Fallar da cathedral de Sevilha fatiga tanto como tocar um grande instrumento de vento ou sustentar uma conversa de uma para a outra margem de uma torrente tumultuosa.

A cathedral de Sevilha está isolada no meio de uma vasta praça e contudo não se pôde avaliar a grandeza em um só olhar. Nos primeiros momentos pensei na famosa phrase pronunciada pelo capitulo da igreja primitiva, decretando em 8 de julho de 1401 a construcção da nova cathedral: «Edifiquemos um monumento de tal ordem que faça dizer á posteridade que nós estávamos doidos.» Esses reverendos padres conseguiram os seus desejos. Mas é necessario entrar no templo para se pensar isso. O exterior é grandioso e magnifico, mas não tanto como o interior.

Além de não ter fachada, todo o edificio é cercado de um alto muro, como se fosse uma fortaleza. Por mais que se olhe e torne a olhar não se consegue fixar no espirito um contorno definido, que, semelhante á epigraphe d'um livro, nos dê uma ideia clara do plano da obra; admira-se, exclama-se mais d'uma vez: «E' immenso!» mas não se fica satisfeito; e entra-se sem mais demora na igreja, com desejo de experimentar um sentimento mais completo de admiração.

Entrámos e sentimo nos atordoados e como que perdidos n'um abysmo; e durante alguns instantes fazemos mais do que percorrer com o olhar aquellas curvas immensas n'aquelle immenso espaço, como que para nos assegurarmos que não somos enganados pelos olhos e pela imaginação. Depois aproximamo-nos de um pilar, medimol o e olhamos, espantados, para os outros ao longe: teem a grossura de uma torre e parecem-nos tão delgados que trememos á ideia de que elles sustentam o edificio. Percorremol-os um a um, com um olhar rapido, desde o pavimento até á abobada; e podem contar-se os momentos que o olhar leva a subir de uma á outra extremidade. A cathedral tem cinco naves, cada uma das quaes poderiam formar uma grande igreja. Na do meio poderia passar outra cathedral de cabeça erguida, com a sua torre e o seu zimbório. Todas juntas formam sessenta e oito abobadas, tão audaciosas que quando olhamos para ellas affigura se-nos que lentamente se vão elevando e alargando. Tudo é enorme n'essa cathedral. O altar-mór, collocado ao meio da nave principal, é tão alto que chega quasi á abobada, parece ter sido construido para padres gigantes, aos quaes os altares ordinarios chegassem só até aos joelhos; o cirio pascal faz lembrar um mastro de navio e o candelabro de bronze que o sustenta é um museu de esculptura e de cinzeladura e só por si merecia um dia de visita. As capellas são dignas da igreja; estão espalhadas por ellas profusamente as obras primas de sessenta e sete esculptores e trinta e oito pintores. Montanes Zurbaran, Murillo, Valdes, Herrera, Bodon, Rodas, Campana deixaram lá mil vestigios immortaes das suas mãos. A capella de S. Fernando, que encerra as sepulturas d'esse rei, de sua mulher D. Beatriz, de D. Affonso o Sabio, do celebre ministro Florida Blanca e de outros peesonagens illustres, é uma das mais bellas e das mais ricas. O corpo de S. Fernando, que libertou Sevilha do dominio dos arabes, repousa n'um relicario de crystal coberto com um véo; está vestido de guerreiro, com a coroa e o manto real, tendo de um lado a espada que trazia quando entrou em Sevilha e do outro o bastão, emblema do commando. Na mesma capella conserva-se uma varinha de marfim que acompanhava o rei santo em todas as batalhas, e outras reliquias de grande valor. Nas outras capellas ha grandes altares de marmore, tumulos em stylo gothico, estatuas de pedra, de madeira e de prata, encerradas em grandes relicarios de crystal, com o rosto e as mãos cobertas de diamantes e de rubis, e quadros maravilhosos, que infelizmente, a luz frouxa vinda das janellas elevadas não allumia sufficientemente para se poderem admirar em toda a sua belleza.

HISTORIA DOS SETE DIAS



(CHRONICA)

De nariz no ar, á espreita do acontecimento, a chronica ficou d'esta vez com cara d'asna. Deus! como tudo isto é escasso hoje! O ministerio não cahiu, a Inglaterra continúa a fazer-nos a pirraça de se mostrar nossa amiga, o rei da Madureza já não dá que fallar. Estamos n'um paiz morto. Isto não póde continuar assim; pedem-se providencias! Uma terra onde se não dá um acontecimento capital por semana, deve ser riscada do mappa das nações.

Os senhores não calculam, certo, o que seja esta impotencia de não ter que lhes dizer, de não lhes poder contar as coisas pittorescas d'esta terrinha alcoviteira, onde se espreita ás fechaduras, onde se sabe tudo, de um ao outro canto em menos de um quarto d'hora; não comprehendem esta raiva de assassinar alguém, de largar o fogo a um grande edificio, de fazer descarrilar um comboio, de pedir ao sr. Fuschini que publique já, já, a continuação das suas revelações. E' porque nunca se viram n'estas talas.

Dizia o Beldemonio que para se fazer uma chronica era preciso ter... talento. Por amor de Deus! E assumpto? Aqui estou eu, sem uma nem outra coisa, obrigado a cobrir de garatujas toda esta enfiada de papel em branco que me dá opthalmias como a neve aos exploradores do polo.

Abro os jornaes, — nem sequer um boato de crise. A esta hora, os patriarchas da nação, os que dictam a Lei e tem nas mãos os destinos dos homens — ai de nós! — enxofram as suas vinhas, no doce remanso de uma vida tranquilla d'aldeãos; o sr. de Soveral, farto das neblinas de Londres e das neblinas das questões internacionaes, foi, nas azas loucas da primavera, mostrar ao Minho inundado de sol os seus lustrosos collarinhos e o talho perfeito dos seus fracks.



Mas contam as gazetas que s. ex.^a, acordado de chofre, por um telegramma, dos seus sonhos de liberdade em pleno campo e em pleno verde, regressou inopinadamente á terra das alfices.

Turvam-se, pois, os ares. Deve haver, por força, assomos de rebellião nos burros de Cacilhas. E eu, — vá a confissão — a esfregar as mãos de contente por ter, talvez, que dizer na outra chronica.

* * *

O Hilario morreu, — agora que vinham as noites macias de luar, noites de trova, a deshoras, — morreu.

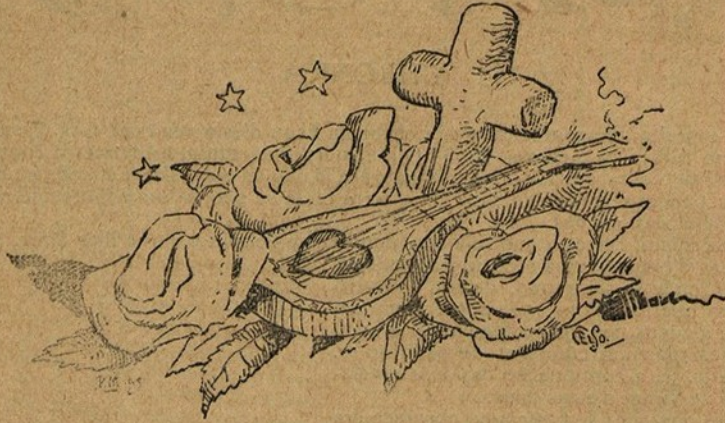
Na bohemia incorrigivel e ditosa d'essa encantada Coimbra onde pairam os murmúrios aromaes dos amores de Ignez de Castro, sempre ali ouvidos entre a rama dos choupos, ás noites, choupal acima, era o Hilario o sentimental companheiro dos noctambulos bandos, acordando na guitarra as magoas fundas, gritadas ao vivo sob os dedos, quasi vendo-se sangrar. Cantava as coisas tristes, n'essa

nacional e doce toada do *fado*, em versos tão originaes, lembrando as quadras amorosas do povo, anonyms, tão expressivas e tão lindas.

O Hilario morreu. Não sei porquê, approximo-o agora do Hamilton, do Antonio Fogaça — talvez pela sua camaradagem, agora, na excursão mysteriosa da Morte. Como elles tres, na bohemia do tumulo, juntos, se devem aquecer bem a alma!

A est' hora, já o Antonio lhe recitou ao ouvido uma oração d'amor, na lingua sonhadora e extatica das coisas desconhecidas, passeiando com elle, de braço dado, pelas estradas sem fim, onde é eterna a luz e eterno o sonho. E o Hilario, na guitarra do vento, soluçará pela sua radiosa mocidade, lembrando aos amorosos companheiros, as delicias da terra, as vigalias pelas ruas, sob as janellas onde se entreabriam, na sombra, os sorrisos mais deliciosos e mais frescos; dir-lhes-ha o desejo que despertou no coração da mulher com o vôo da sua guitarra e a melancholica intonação dos seus versos, chorando, talvez, por alguma nôiva que deixasse.

O Hilario morreu... Rosas, ide aromar-lhe a cova.



José SARMENTO.



○ HYLARIO ○



FEZ ha pouco tempo um anno que foi em Lisboa um dia de festa. Nunca vimos outra igual, outra não veremos tão cedo; a não ser a das arvores em flôr ao sol que as illumina.

Foi a apothese d'um santo feita por toda a luz d'almas ainda sem mancha.

E, quando o cortejo ia caminhando por essas ruas até á casa humilde do enorme poeta, dir-se-hia, que de toda aquella mocidade subia tenue em volutas perfumadas, o pollen fecundante do entusiasmo do bem. Faltava a primavera no céu, mas que importava? Em cada peito florescia uma primavera.

Foi n'essa occasião que appareceu em Lisboa o Hylario com a sua guitarra. Era um typo. Quanto se conta da velha estroinice coimbrã, da vida airada dos lendarios estudantes, que vão com as sebentas sobraçadas cantar nos salgueirae o amor, no Mondego o luar, quanto faz alegrar os homens em reminiscencias de longinqua mocidade e faz sonhar mulheres, a poesia simples inspirada por um raio da lua, branca, a ziguezagues reflectido entre as humidas folhagens tremulas, ou a que se bebe, altas horas, no fundo de um copo em taberna escura, tudo crystallisára n'aquella alma limpida de bohemio sincero, tudo se convertia em musica de gemidos, em que scintillavam orvalhadas as palavras mais bellas do glossario portuguez.

Cabellos negros cahidos sobre a testa, olhos negros a brilharem n'um rosto de negro, dentes muitos hrancos. Entre dois copos de vinho, uma guitarrada. Olhos em alvo. E a voz erguia-se poderosa

O mar tambem tem amante,
O mar tambem tem mulher,
E' casado com a areia,
Ai!...
Dá-lhe beijos quando quer.

E havia uma paixão enorme n'aquelle canto vibrante. A guitarra gemia, ria, tinha espasmos, soluçava, tinha estertores, affligia-se, gloriava-se, entusiasmava-se, contava sonhos que faziam sonhar. Dir-se-hia realmente que havia uma alma lá dentro e que eram aquellas cordas as fibras de um coração. Meia duzia de compassos n'aquella guitarra contavam toda uma historia d'amor.

E foi por isso que, n'aquella nunca olvidada noite no theatro de D. Maria, quando todas as academias do paiz vieram prestar culto a João de Deus, poeta do amor, a guitarra do Hylario se transformou milagrosamente em lyra.

Aquella musica falou ao mais íntimo dos corações, trouxe aos olhos, com as suas notas muito simples, pequeninas perolas que o espantaram. Nunca d'outro se contou que em tão pouco e com tão pouco, houvesse conquistado tamanha celebridade. E o bohemio entretanto, que trouxera para aquelle palco, sem receio de phariseus burguezes, a sua capa velhinha e remendada, não fez senão contar dos seus amores de rapaz, desejos, melancholias, ideaes, sonhos.

Sonhos!... Pois se elle era um sonhador! E, n'estes tempos de tão má prosa, era essa a sua originalidade. Quando tantos escondem tanto lodo na fragü capinha d'oiro, elle, n'um pouco de lodo de que é feita a fragilidade humana, escondia uma perola enorme e preciosa. De guitarra em punho, vogava no mar da vida entre visões de madrugada brumosas n'um aneio amoroso.

Ai, que lindas pombas brancas
Vejo n'aquelle pombal!
Quem me dera ser o pombo
Da que não tenha casal!

E a memoria dos devaneios, de que fôra testemunha a sua capa de estudante, queria elle leval-a para o tumulo

A minha capa velhinha
Tem a côr da noite escura;
N'ella quero amortalhar-me,
Quando fôr p'rá sepultura.

Ella ha de contar aos vermes,
Já que eu não posso fallar,
Segredos luarisados
Da minh'alma a dormir.

A's vezes os versos d'elle tinham tambem o que quer que fosse de confuso, como se realmente fossem feitos em sonhos. Mas as palavras eram lindas, a musica dava-lhes uma fórma etherea que as faziam vogar ligeiramente sobre as harmonias, a guitarra gemia e a gente sonhava.

O Hylario era um energumeno do Bem, d'esse Bem que apparece aos olhos dos idealistas aureolado d'oiro, vestido de fios d'ether luminoso, com grandes azas brancas de cysne, mas cujas garras opprimem e ferem dolorosamente as almas. Elle era um d'esses malditos, que vão sonhando entre as vaías dos que vêem perto, mas não sabem fitar o sol, descobrir luz muito para além da região das estrellas.

Na sua alma não havia espaço para sentimentos máus. Creio que nunca ninguem lhe conheceu um odio. Mas se no amor era como certos ebrios a quem o vinho faz sede de vinho, era na amisade cheio de dedicações, de finissimas deferencias.

Era por isso mesmo um atormentado. Uma duvida constante do *melhor* affligia-o, dava-lhe desalentos profundos de que sahia para procurar o esquecimento e que tinham como reacção as alegrias doidas em que todos o conheceram. Então, fazendo vibrar as milagrosas cordas da guitarra, cantava, fosse onde fosse, com a sua voz poderosa de tenor, accumulando o povo ás portas.

Nunca sonhou futuros radiantes, fortuna, celebridade, amores de princezas. Sonhava com o que tinha ao lado, e a mulher dos seus sonhos era aquella que o ouvia e a quem elle cantava as frases mais apaixonadas em quadri-nhas simples de rimas pobres.

Nunca ninguem fez mais bellos ramos nem flôres foram accites com mais gratos carinhos do que as rosas silvestres, a murta, as urzes, o rosmaninho d'esse poeta bohemio.

Mas a sede era constante. Não sonhava com o futuro, mas precisava constantemente sonhar no presente. Tudo o que tinha á mão transformava em poderoso haschich.

Era sobretudo com a musica que elle conseguia desvanecer as trevas que o asphixiavam e, com um rapido golpe d'aza, erguer-se acima dos nevoeiros, espaiar-se pelos altos purissimos, vogar mansamente no vasto campo azul em que os sonhos tomam vultos luminosos.

Então o Hylario transformava-se. A alegria florescia-lhe no rosto, os olhos animavam-se, a mão atirava para traz as longas madeixas do cabelo, a bocca sorria em extasis; e por tal fórma o instrumento cantava e lhe vibrava o coração, que elle confundindo-os, pedia em memoria d'aquella extranha harmonia que o seu caixão tivesse

A fórma d'um coração
A fórma d'uma guitarra.

Agora na luz puríssima que tanta vez entreviu sonhará eternamente.

Eternamente viverão entre nós meia duzia de notas, que brotaram d'uma alma de poeta e poderão talvez n'uma saudade irmanar-nos os sonhos.

JOÃO DA CAMARA.

THEATROS

«OS AMANTES LEGITIMOS»

COMEDIA EM TRES ACTOS DE HENRI MEILHAC

A comedia que ultimamente se representou no Theatro da Rua dos Condes e da qual no nosso numero pasado promettemos fallar, mais perpetua ainda entre nós a tradição da jovialidade e da graça, tão parisiense e faiscante, do escriptor em cujo arcabouço bate um coração alegre como uma romaria e do qual as desgarradas de imaginação estão longe ainda de poderem ser soffreadas.

Meilhac, o mestre do theatro ligeiro contemporaneo, continua a ser o *charmeur* da *Vie Parisienne* e do *Frou-frou*. A sua phantasia archi-doida, que o emoliente regimen de capilé litterario e de gracinha bem comportada da Academia Franceza — a tão illustre madama! — não conseguira vencer, adormecendo-lhe o espirito de blague e castrodo-lhe a debordante vis comica, recalcitra agora em novos vôos; e o comediographo em vez de adoptar o ar pautado e mono que tão bem fica a um immortal — carne morta a mais das vezes — continua a rir o claro riso

gaulez, ás escancras, sem vergonha, nem respeito pela velhada, nem consideração pelo grave sr. de Haussonville, que, com outros camapheus não menos illustres, se farta de benzer, indignado.

Os Amantes legitimos é uma peça que, antes que tudo e sobretudo, faz rir e á qual tudo nos sentimos dispostos a perdoar, até a absoluta falta de senso commum como nas *pochades* de Ordoneau e Brissot e até a typica pornographia como nas comediazinhas de Feydeau, des' que os nervos nos succida em vibrações largas de riso. E, a peça nada precisa que lhe concedamos; inteiriça em sua structura de verosimilhança se mantém até ao cabo, e ao contrario do que succede ás que constituem o repertorio do Gymnasio, n'esta, os personagens não são exagerados até á caricatura e revestem mesmo idéas acomodadas ao meio em que se agitam apresentando caracteres que os differenciam, determinando-lhe a acção. Mas o que em absoluto a faz divergir das *pochades* de Valabregue é precisamente que, sob o aspecto da mais louca farça, ha sempre n'ella um grãosinho de observação e de verdade e que o espirituoso cynismo que a polvilha não exclue o conceito moral que, por fim, d'ella, limpido, se extrahe.

O thema sobre que a peça gira é o que parecia já exgotado no *Divorçons* e que afinal tem dado assumpto para fartos libretos. E d'elle arrancou ainda Meilhac esta comedia que, com um fiosinho de musica, ligeira, petulante, bordado de engenhosos desenhos de orchestra, seria um delicioso vaudeville, espumoso como um vinho de Champagne, ligeiramente embriagador, de situações picaras e hilares, cheio d'esse espirito vivo e tão finamente ironico, do auctor parisiense que se não provoca em nós a recordação de Chamfort ou Rivarol nos faz comtudo lembrar certas legendas de Forain.

*

O desempenho é magnifico. Lucinda Simões reuniu, ao tomar conta d'este theatro, de que fez uma sala de elegancia e conforto, um grupo d'artistes para com a cera virgem de aptidões nascentes modelar são arcabouços d'actores capazes de com ella collaborar no embevecente sonho de, por uma tentativa audaz, sahir do mirrado *statu-quo* em que vai para annos entre nós crystallisou a arte de representar. E o que a grande actriz conseguiu no praso de breves mezes, com actores recrutados a maior parte em theatros de terceira ordem, vislumbrados em recitas de curiosos, arrancados á penumbra de vocações em botão, uns já cheios de vicios que mondar, outros de timidez e desfallencias que alentar, é maravilhoso e representa um alto serviço prestado ao theatro portuguez.

Na *troupe* nascente ha magnificas vocações artisticas floridas de promessas e cheias de intensas vontades. Cumpre agora á critica dirigi-las, guial as e ao publico tomal-as sob os seus alentos vivificadores, visto que se nos afigura chegada a hora de se darem por convencidos aquelles mesmo que receberam á ponta da espada a tentativa de Lucinda Simões e em volta do seu sonho artistico ergueram um babaréo de insulsas larachas e um esfusiar de troças imbecis.

Lucinda tem n'esta peça um papel de burgueza cuja esperta bonhomia ella dá com toda a naturalidade.

Christiano de Sousa é sem duvida dos actores novos o que tem feito maiores e mais rapidos progressos e affirma-se um galã comico feito, dizendo e representando magnificamente.

Ha ainda a assignalar principalmente na companhia de Lucinda, Amelia Pereira, uma rapariguinha cheia de talento, que é uma decidida vocação artistica, com incontestaveis aptidões para os papeis de ingenua ao qual uma *moue* graciosa empresta todos os encantos e uma voz de setim todas as maciezas; Carlos de Oliveira, um galã romantico de amplo futuro, e sobre tudo Lucilia Simões, a grande actriz d'amanhã e a notavel actriz d'hoje que é o temperamento artistico mais rico, mais amplamente dotado que ha muito alvorece na scena portugueza e para caracterisar a alada elegancia da qual eu nada encontro melhor do que aquelle delicioso verso de Jean Aicard, ao falar da ibis azul:

«Même quand l'oïseau marche on sent qu'il a des ailes.»

DOMINGOS GUIMARÃES.



Scena final do drama JOÃO JOSÉ



OS NOIVOS

(CONTO ACUSTICO)

Casára Laura ha trez dias
Com Fernando de Azevedo,
Por conselho de umas tias
Que, aqui com muito segredo,
Tinham mais de sessenta annos
Sem que Deus ou o demonio
Lhes desvendasse os arcanos
Do gosó do matrimonio.

Era a Laura mais ardente
Do que um rapaz atrevido,

Gyrava-lhe um sangue quente,
No craneo desenvolvido,
Educada n'um convento,
Grande doutora se fez
E era, em verdade, um portento
A traduzir o francez.

Na doce lingua da França,
Leu de livros quantidade,
Sabia mais em creança
Do que eu sei na minha idade,

E de tal fórma juntou
A sciencia que houvera lido
Que, um dia, deliberou
Ser mulher de algum marido.

Pensava, quando na cama
Por largo tempo pensava,
Arranjar noivo de fama,
Como ella idealisava,
Um artista, um trovador,
O mais lindo dos amantes,
Que só falasse em amor
E em coisinhas semelhantes.

Deram um baile as Cabraes
E o Fernando, já se vê,
Que é dos Proprios Nacionaes
Empregado ou não sei quê,
Deu no gôto á rapariga
Que, anciosa, doida e louçã,
Não descançou na fadiga
Da lesta valsa allemã.



Dança foi ella, coitados,
Que, depois de uma semana,
Vamos achal os casados,
Com casorio de uma canna,
Que as tias da tal pequena
Andaram mais que o vapor,
Metteram a coisa em scena
Qual habil ensaiador.



Os tres dias se passaram
N'uma doidice ideal,
Não sei em que elles falavam
Nem quero saber de tal,
Mas o Azevedo, cançado,
Sentindo a cabeça á roda,
Poz-se a dormir qual cevado,
Tres dias depois da boda.

A principio, a noiva esteve
Quasi a mandal-o ao diabo,

Triste ncou, mas conteve
Seu ardor que ia ás do cabo
E, depois de matutar
No seu porvir desditoso,
Deu-se pressa a examinar
O perfil do caro esposo

Achou-o lindo, bem posto,
Mais formoso que Cupido,
Graça e finura no rosto,
Um verdadeiro marido,

E quasi esteve a pequena
A lhe fazer uma festa
Ou a beijar-lhe a melena
Que ostentava sobre a testa.

Mas, oh raiva do destino,
Quando os labios aprumava
E o seu olhar crystallino,
Sobre Fernando fitava,
Este abriu a bocca immensa,
Poz o bigode de esquelha
E entrou, sem que o pejo o vença
A roncar como uma velha

Ninguem sabe o desespero
Com que a Laura se empinou
E o olhar altivo e fero
Que ao Azevedo deitou.
Este, porém, verdadeiro
Aborto da humana gente,
Lá ficou no travesseiro
A roncar perdidamente.



Então a noiva, curvada
Sobre o marido, o Fernando,
Chegou-lhe mais a almofada,
Seu ronco eterno escutando
E exclamou, com vivo ardor,
Depois de um longo bocejo:
— Procurava um trovador
E encontrei um realejo!

Eclipse do sol. — A 9 de agosto d'este anno haverá um eclipse total do sol que será visivel no norte da Rússia, na Siberia, e no Japão. O governo russo já nomeou uma commissão de tres astrónomos do observatorio Nicolau, em Pullkoff, para estudar este interessante phenomeno astronomico. A commissão partirá de Odessa em maio, em cruzadores da marinha voluntaria russa dirigindo-se a Vladivostock e, d'ahi, á embocadura do rio Ehnar, onde se estabelecerá para fazer observações.

Os efeitos do raio e do vento. — De 1890 a 1894, o raio causou a morte, nos Estados-Unidos, a 1:120 pessoas; 120 em 1890, 204 em 1891, 251 em 1892, 209 em 1893 e 336 em 1894.

De 1884 a 1892, o fluido electrico causou 3516 incendios, avaliando-se as perdas materiaes, em 70 milhões de dollars. Os edificios incendiados pelo raio foram principalmente os celleiros e as construcções agricolas (2335), casas particulares (664), egrejas (104).

O raio parece ter preferencias geologicas, porque cahiu uma vez sobre o calcareo, 7 sobre a argilla, 9 sobre a areia e 22 sobre os terrenos de alluvião.

Prefere tambem certas arvores: deitou abaixo 1 vez o betula, 15 vezes o pinheiro e 54 vezes o carvalho.

O vento tambem tem causado muitas mortes e prejuizes. Em 1893, 395 mortes foram ocasionadas por esse agente atmospherico, que é um verdadeiro flagello das grandes planicies americanas. Em 1892 houve 252 mortes pela mesma causa.

Desenhos sobre vidro e sobre porcelana. — Dois processos novos para desenhar sobre vidro: o primeiro consiste em escrever ou desenhar sobre placas de vidro ou de porcelana com lapis especiaes formados de uma materia vitrificavel e que existem já fabricados á venda. Depois de terminado o desenho, passa-se a placa pelo fogo: a materia depositada pelo desenhador vitrifica-se e torna-se inalteravel. O segundo processo consiste em empregar côres especiaes, denominadas ceramo-pintura, esmalte, etc., que produzem um bello effeito decorativo e applicam-se em todas as especies de objectos sem ser preciso irem ao fogo.

O QUE SE DEVE JANTAR

Que é a vida? jantar. A morte? ser jantado.

Guerra Junqueiro.

Nem só do pão espirital se vive; não é com illuções e figuras de rhetorica que o estomago se enche. Evidentemente, o nosso jornal materia tem que farte para a alma; forçoso é, pois, que aconcheguemos um pouco o estomago do leitor. Os *menús* dados abaixo — cuja série continuaremos em successivos numeros, e sempre adaptados á quadra do anno — são um aperitivo que, parecidos, nos ha-de dar grande fartura de adeptos.

DOMINGO. — Purée de hortaliça. Pastellinhos de batata com recheio de carne. Pargo cozido com molho branco. Lombo de porco assado com salada de chicorea. Ervilhas á ingleza. Doce — Tabefes.

SEGUNDA FEIRA. — Sopa de almondegas de carne e batatas. Peixe cozido com batatas. Ervilhas com ovos. Vitella estofada com macarrão. Esperregado de azedas. Doce — Pudim de pão.

TERÇA FEIRA. — Sopa de grão com espinafres. Filetes de linguado com molho de ostras. Costelletes de vitella grelhadas. Frango assado com salada de agriões. Espargos com molho branco. Doce — Crème abafado.

QUARTA FEIRA. — Sopa de arroz. Goraz assado. Lingua de vacca com molho de alcaparras. Lombo de vacca á jardineira. Ervilhas á franceza. Doce — Pudim de ovos e leite.

QUINTA FEIRA. — Sopa de pão com hortaliça. Carne cozida e arroz. Eiroz com ervilhas. Vitella assada com croquettes de batata. Esperregado de espinafres. Doce — Gelado de laranja.

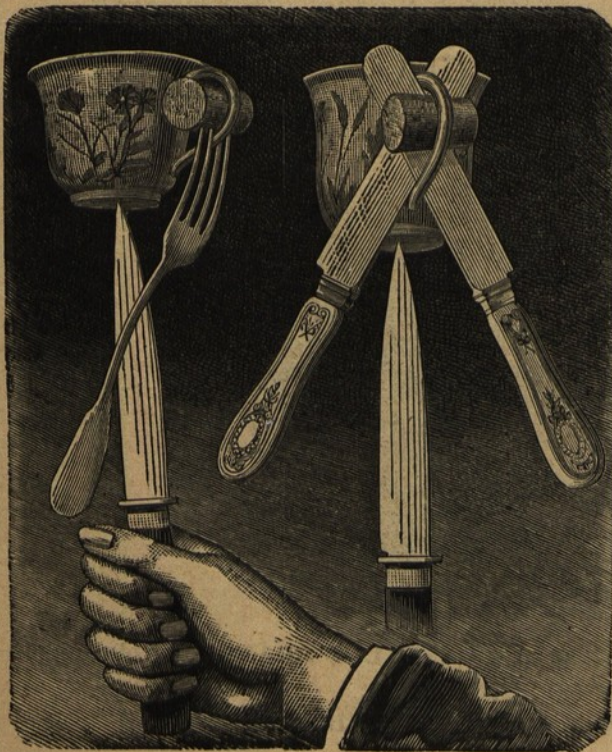
SEXTA FEIRA. — Purée de feijão encarnado com azedas. Pastellinhos de bacalhau. Goraz cozido com arroz. Mayonnaise de camarões. Esperregado de nabiças. Doce — Fatias doiradas.

SABBADO. — Sopa de pevide. Croquettes de vacca. Linguado cozido com molho branco. Costelletes de carneiro com purée de batata. Salada de alface. Doce — Farofias.

SECÇÃO RECREATIVA

EQUILIBRAR UMA CHAVENA SOBRE A PONTA D'UMA FACA

Mette-se uma rolha de cortiça na aza d'uma chavena, de modo que fique bem apertada: cravam-se os dentes d'um garfo na rolha, de modo que fiquem dois de cada lado da aza, e que o cabo se incline ligeiramente para debaixo da chavena. Colloca-se esta pelo fundo, sobre a ponta d'uma faca, e procura-se, pelo tacto, o ponto por onde se póde tel-a em equilibrio. Porque o fundo das chavenas é esmaltado, torna-se necessario ter bem firme a faca, para evitar que escorregue.



BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

Redacção e Administração — Rua Augusta, 47, 2.º andar — LISBOA

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1,5100 réis	2,8200 réis
Africa Portugueza.....	650 »	1,5300 »	2,8600 »
Estrangeiro (paizes da União Postal.....)	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1,5050 réis	2,5100 réis	4,5200 réis

BARBOSA DE MAGALHÃES. — Codigo completo do Processo Commercial, annotado. Tomo I, 1 vol. br. 1,7000 réis. Enc. 1,5200 réis. (O tomo II e ultimo sae em junho).

ROMANCE DE MULHER, por P. Mael, traducção de José Sarmento, 1 vol. de pag., 100 réis.

ALVES MENDES. — Santo Antonio, discurso. O mais extraordinario até hoje proferido por este grande orador, 300 réis.

NESTE VALLE DE LAGRIMAS, o melhor livro de Silva Pinto. 1 vol. br. 500 réis.

COLLECCÃO ECONOMICA. — Romances dos melhores auctores estrangeiros traduzidos em portuguez. Volumes de 240 a 400 paginas, a 100 réis. A publicação mais barata que em Portugal se tem feito.

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO. — Esplendida edição de amador, em papel de linho, a 1,7000 réis o volume. Sae o 1.º volume em abril.

ESGRIMA. — Manual theorico e pratico da esgrima de florete, espada e sabre, pelo professor Antonio Pinto Martins. 1 vol. com gravuras, br. 800 rs. Enc. 1,5000.

NA AZENHA, contos de Marcellino Mesquita. 1 vol. br. 500 réis.

EPILEPSIAS E PSEUDO EPILEPSIAS, pelo dr. Miguel Bombarda. Livro indispensavel a todos os medicos e a todos os advogados, delegados e juizes de direito. 1 vol. br. 1,7000, enc. 1,5200 réis.

GYMNASTICA. — Manual completo de gymnastica por D. Miguel de Alarcão. 1 vol. com gravuras br. 800 réis, enc. 1,7000 réis.

ROMANCES a 100 réis o volume na esplendida — COLLECCÃO ECONOMICA. Onze volumes já publicados. Saem 2 volumes por mez.

DISTILLADOR PRATICO. — Tratado completo de distillação, por Ch. Vigneron, traduzido em portuguez. O livro mais claro e mais pratico que existe sobre este assumpto. 500 réis.

ROMANCE D'UM RAPAZ POBRE



Por OCTAVIO FEUILLET, traducção de CAMILLO CASTELLO BRANCO, 1 volume, edição de grande luxo, ricamente illustrada. PREÇO 3\$200 RÉIS.

A' venda na Livraria PEREIRA — Rua Augusta, 50 a 54 LISBOA.

BRANCO E NEGRO



DOMINGO DE ABRIL

PREÇO 40 RÉIS

N.º 3

A Estação de Paris

O melhor jornal de modas que se publica em lingua portugueza

REDACTORA: D. GUIOMAR TORREZÃO

SAE 3 VEZES POR MEZ

Os assignantes da ESTAÇÃO DE PARIZ recebem GRATUITAMENTE a CHRONICA, lindissimo jornal litterario, illustrado e de biographias, que tem já publicado os seguintes retratos: n.º 1, João de Deus, com artigo de Luiz Osorio; n.º 2, Conselheiro H. de Barros Gomes, com biographia por Teixeira de Queiroz; n.º 3, Visconde de Ouguella, com biographia pelo dr. José de Castro; n.º 4, Conde de Burnay, com biographia por Silva Bastos; n.º 5, dr. Sousa Martins, com biographia pelo dr. Virgilio Machado. Cada biographia é acompanhada d'um soberbo retrato impresso separadamente em papel velino.

CASA FAVORITA

DE

F. SANTOS DINIZ

51 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 51

(AVENIDA DA LIBERDADE)

LISBOA

PIANOS COM MOTOR

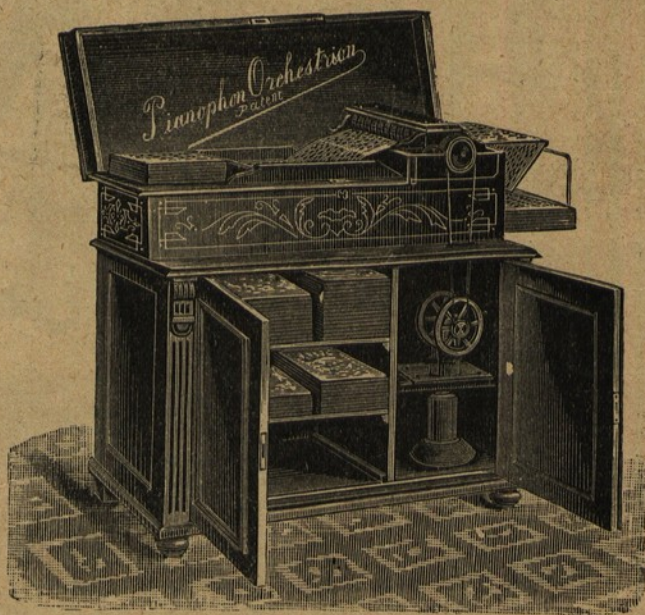
A **CASA FAVORITA** da Praça dos Restauradores, 51 (Avenida da Liberdade), acaba de receber um completo sortimento de **PIANOS COM MOTOR (sem teclado)**, e bem assim pianos melodicos com movel dos systemas mais aperfeçoados. — O piano com motor representa o instrumento mais bello e mais barato. — A superioridade a todos os outros instrumentos, ou caixas de musica, consiste nas vantagens:

1.ª de se poder tocar seja qual fôr a musica das 1:000 de que consta o catalogo. — 2.ª de se poder tocar todo o dia sem interrupção e sem cuidado e correctamente. — 3.ª que o piano com motor é muito mais vantajoso em preço e transportibilidade. — 4.ª que desarranjos, etc., são quasi impossiveis. — **O PIANO COM MOTOR** produz a musica por cordas metallicas. O systema dos martelos vibrantes dão a este pequeno instrumento um som maravilhoso, lembrando o bandolim ou o piano. O conjuncto é d'um effeito maravilhoso, e o instrumento por si mesmo regula, por um mechanismo muito engenhoso, o Pianissimo, Crescendo e Fortissimo, segundo a musica original.

TODOS, mesmo os conhecedores, ficam encantados da musica e som, e admiram a sonoridade e afinação do pequeno instrumento. — A musica distingue-se pela sua perfeição, não fazendo ouvir nenhuma desharmonia.

As musicas são indestructiveis (tela com papelão, dos dois lados) o seu comprimento é illimitado sempre segundo o original, de modo que se póde tocar Overtures, Pot-Pourris, etc.

O repertorio é grandioso e bem escolhido — 1:000 bocados de composições populares. **O PIANO COM MOTOR** além de bonito movel, substitue completamente o piano de 40 ou 50 libras, tendo uma força de som capaz de fazer dançar n'uma sala 300 pessoas. Qualquer creança o póde manejar. — O motor funciona sem perigo, não exige cuidado, e toca dia e noite.



BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 3

LISBOA, 19 DE ABRIL DE 1896

1.º ANNO

ASPECTOS DE LISBOA



NO ATERRO : A VENDA DO PEIXE

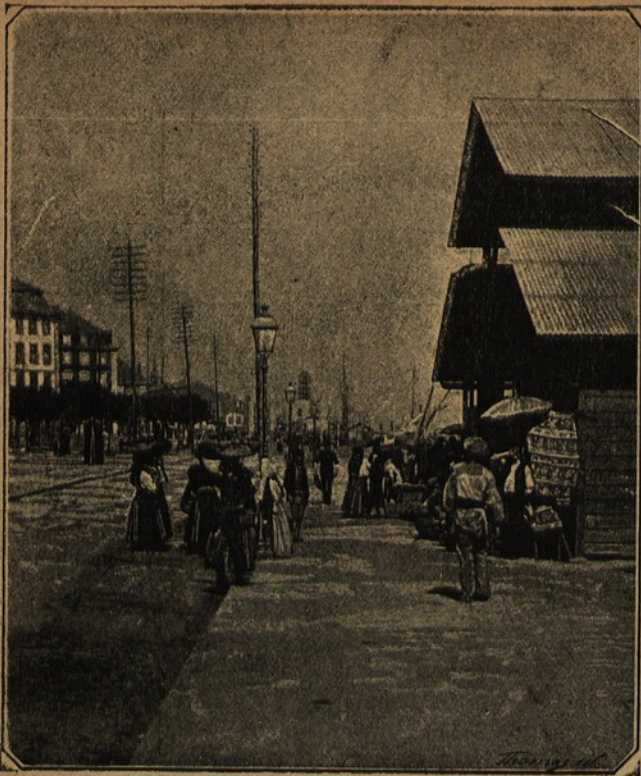
UMA das boas coisas que o porto de Lisboa nos trouxe foi, sem duvida nenhuma, o alargamento d'essa comprida fita do Aterro que nasce cá em cima, no cotovelo do Corpo Santo para o Caes do Sodré e vae acabar lá ao fundo, nas primeiras casas d'Alcantara, na margem do rio. Em toda essa bella avenida inundada de sol, destaca certo ponto, — a Ribeira — povoada por um mundo especial de ovarinas e contractadores de peixe, gente que falla uma linguagem unica, cantada, onde ferve a praga da beira-mar, original, só d'elles, que não vem nos dictionarios. A uma certa hora, esse formigueiro é denso, compacto; tudo corre a comprar a sardinha que os homens tem acamada em cêlhás e que vão contando duas a duas, pegando-lhe pelo rabo e atirando-a para as gigas das vendedeiras. E' de vêr, então, os olhos avidos e attentos que se fixam n'aquella reviravolta de peixe pelo ar, prescutando com minucia se a contagem está certa. Porque, se ha engano d'uma, — engano que é quasi sempre uma tentativa de burla da parte dos contractadores, — gyra pelo ar, como uma setta, uma esfuziada de obscuridades.

A atracagem dos barcos dá tambem uma nota curiosa n'este recanto da vida de Lisboa. Todos querem saber se a quantidade de peixe é grande, de que qualidade é. Hoje, a sardinha não constitue já a comida do pobre, como d'antes. Fez-se fidalga, faz-se pagar cara, entra nas casas ricas. Quem nos diz a nós que não houve comicio no fundo das aguas, grêve geral para as não deixarem apanhar aos milheiros? Tudo ha a esperar d'este revolto mundo submarino. E depois, o peixe grande parece que lhe seguiu o exemplo. Já não apparece com fartura: uma pescada custa cinco, oito tostões! No Algarve, o atum que era vendido em tempos idos, a 20 réis o kilo, custa hoje um tostão, seis vintens. Até o carapau, de que o gato lambareiro tinha o privilegio, se sumiu.

Por isso, dada a carestia d'este genero, fazem-se finas, as ovarinas, não param com as cestas onde lhes cheira a casa pobre; passam, soberbas, altivas, atirando gestos de desdem.

— Isto não é p'ra si!

E vôm, desaparecem, cantando os pregões, que sóbem pelas arvores, sob o claro sol, até ao céu.



PRINCIPIO DO ATERRO

trar a forasteiros curiosos que não se interessam só pelos arruamentos bem alinhados da Baixa, pela Avenida cari-

catural, triste resultado da *pastiche*, copia em miniatura do que há lá fóra.

De resto, o ponto é delicioso, descobrindo-se os montes da Outra-banda, uma grande extensão de rio abaixo; e pela hora da grande lufa lufa, quando atracam os barcos e sobre elles salta a grande legião dos contractadores, é de vêr a alegre e buliçosa perspectiva que apresenta aquelle local, defronte do barracão onde se faz a distribuição e venda do peixe. Faz lembrar, com saudade, a sahida das redes em Buarcos, puxadas a dez e doze juntas de bois, ao som do melancolico cantar dos que ajudam a arrastar a rede pela areia, melopeia que fica nos ouvidos, triste, arrastada, dolente. O que ahí é feito em toda a largueza, com o vasto mar á vista, de sabor tão local, é aqui representado em mais pequeno, mas ao mesmo tempo com o seu caracter especial tambem, visto passar-se mesmo no centro da cidade.

*

De noite, tambem a larga avenida do Aterro é digna de ser vista, principalmente para quem vem de baixo pela linha do americano que desemboca de Santo Amaro. O grande charco de treva em que se afoga o rio, picado das luzes dos candieiros da margem e das que estrellam o Tejo e as ribas da Outra Banda apresenta um aspecto feérico, que lembra um pouco, para quem viveu no norte, — tiradas apenas as tortuosidades do caminho — a estrada da Foz ao Porto pela linha da beira-rio.

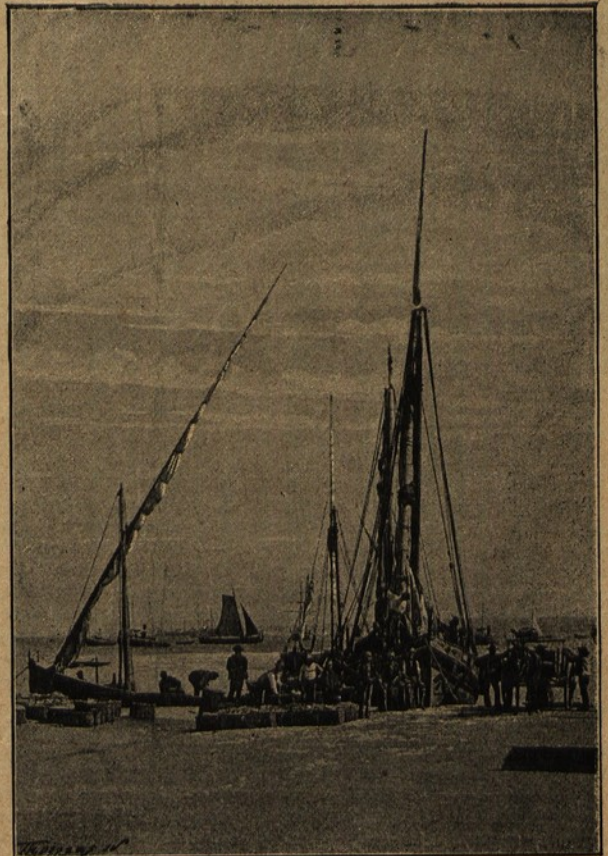
Mas a essa hora peza um silencio morto, verdadeiro contraste com a agitação do dia; o caes do Sodré é pouco frequentado então, a não ser nas noites macias de verão, em que os moradores d'alli e mesmo muitos que vêem de longe se vão sentar sob as arvores buscando na brisa que sopra da barra uma doce calma que lava dos calores e do pó que anda no ar, nos dias cálidos.

A Ribeira Nova, local bem lavado pelo ar e pela brisa do Tejo, é hoje, pois, centro especial de uma população que faz vida pela venda do peixe e que, importada dos arredores d'Aveiro — Ovar, Furadouro, Costa Nova, Torreira, costa de S. Jacintho, — enxameia a capital, tendo até bairro especial, esse barulhento bairro da Esperança, onde se acama como sardinha em canastra.

E' curiosissima a feição que tomam os julgamentos de varinos ou varinas na Boa-Hora. N'esses dias, estão todos os logares tomados, ha encontrões, a ver qual chega mais depressa e fica mais á frente. O juiz permite-se certos ditos ambiguos, que alastram pela sala n'uma hilaridade de guellas escancaradas. Mas o mais frisante é que os varinos são argutos na defeza, encostam-se uns aos outros, protegem-se, escondem mutuamente, n'uma grata cumplicidade, as suas faltas, como uma colmeia d'abelhas á roda do mesmo cortiço. São solidarios, parecem reger-se por leis especiaes, só suas, havendo chefes de bandos, a quem se obedece cegamente. Tanto assim, que uma grande parte d'elles, que anda na venda dos jornaes diarios, responsabilisa-se pela garotada que traz ao seu serviço, na maioria dos casos, parentes — filhos, primos, netos, sobrinhos, — tudo da mesma arvore.

Das mulheres, algumas são lindas, rijas, sadias, cheirando a algas e a marisco, lembrando Aveiro, os seus arredores, onde ha, talvez, no genero, as maiores bellezas, as mais correctas, com a sua pelle tostada e loira, das rijas ventanias da beira d'agua.

O Aterro é, pois, em Lisboa, um dos pontos typicos que merece ser visitado, como o é Alfama, já de um caracter bem diverso. E bem de nós que ainda nos fica isto p'ra mos-



NO ATERRO: BARCOS Á DESCARGA

PINHEIRO CHAGAS



A manifestação á memoria do fecundo escriptor portuguez promovida pela redacção do nosso collega o *Correio da Manhã*, que teve a collaboração assidua de Pinheiro Chagas, assumiu um caracter imponente, pela concorrência de amigos, de admiradores e de corporações que se enfileiraram no prestito.

Pinheiro Chagas merecia esta consagração publica porque foi sempre um grande trabalhador, um caracter honrado, amigo leal e companheiro dedicado. Mas foi, sobretudo, como orador que o seu vulto se salientou nas camadas litterarias de ha trint'annos. Era effectivamente, scintillantissimo quando subia á tribuna e deixava os ouvintes presos dos seus labios, d'onde escorria, fluente e rendilhada, uma pura linguagem portugueza. Era dos raros que sabia conduzir um discurso, sublinhando as suas mais subteis *nuances*, imprimindo-lhes uma feição original e elegante. As horas das suas lições no Curso Superior de letras eram muito perguntadas, havendo pessoas que iam propositalmente a Jesus ouvil-o nas suas preleções.

Como romancista seria, talvez, maior, se não tivesse sido tão fecundo, porque foi a sua grande facilidade de escrever e a procura de dinheiro para poder viver, que o obrigaram a ter menos cuidado n'aquillo que fazia. Por isso, o catalogo das suas obras é grande, mas a maior parte d'ellas, senão toda, esquecerá, se já não esqueceu. No emtanto, muitas paginas ha entre essas dezenas de

volumes que revelam superiores qualidades de psychologo e de estylista, por vezes raiando pelo genero alegre mas recalçando mais no sentimentalismo que era a fructa do tempo em que viveu nos seus começos. Ha, por exemplo, paginas encantadoras nas suas *Tristezas á beira-mar*, que ainda hoje se lêem com agrado, e que constituem um grande attractivo, principalmente para as mulheres.

No theatro soube fazer-se applaudir sem que, comtudo, a elle trouxesse grandes reformas ou iniciasse grandes novidades. Apezar d'isso, eram as suas peças as que, entre os originaes portuguezes — poucos, é verdade — que subiam á scena, tinham mais adeptos e melhores lucros davam ás emprezas que os montavam. Destaca, porém, da sua obra de dramaturgo, a sua ultima producção — *Lição cruel* — representada no Gymnasio pouco mezes antes da sua morte. N'essa, havia subteis qualidades de analyse e já um certo feitiço moderno, vivo, sem as denguiças piegas do romantismo, pintando mais a vida real, sabendo realçar melhor as dôres humanas, sem precisar de recorrer ás *ficelles* já gastas que puxavam a lagrima.

Foi, pois, um temperamento muito complexo; e sem ter sido um genio, foi, todavia, um homem de uma superior intelligencia, que soube aproveitar as suas faculdades na corrente do tempo em que viveu, sem, no emtanto, se deixar por ella influenciar grandemente, porque sabia adaptar o seu talento ás progressivas manifestações da arte e não permanecia na caturreira bolorenta de alguns dos seus confrades sem valor.

Isto valeu, porventura, á sua memoria, o respeito de que está cercada e que, ainda a semana passada, bem demonstrado ficou na manifestação funebre que os seus antigos companheiros lhe promoveram.

*

A' manifestação funebre concorrerem centenas de pessoas e corporações. Por parte do ministerio estavam todos os srs. ministros, com excepção do da guerra. A Academia Real das Sciencias fez-se representar pelo grande orador Antonio Candido, cujo discurso damos mais abaixo. Estavam tambem representadas a camara dos pares e dos deputados.

Eis o discurso de Antonio Candido :

«A Academia Real das Sciencias foi convidada para esta homenagem a Pinheiro Chagas, rendida pela saudade dos seus melhores amigos. Não chegou o convite com a precisa antecipaçào para que podessem vir todos os que estimariam associar-se a esta manifestação de affecto, tão sympathica e tão merecida; mas affirmo com certeza que, mais do que a representaçào official da Academia, está em mim a representaçào moral dos sentimentos que deixou apoz si, n'aquella corporaçào tão sua amada, o eminente homem de letras, de quem commemoramos a vida e a morte.

A vida de Pinheiro Chagas foi, mais que tudo, uma alta lição de moral : um grande exemplo de honestidade pessoal, instructivo e edificante.

Trabalhou indefessamente até á morte; fundou e educou uma familia excellente; foi dedicado e fidelissimo aos seus amigos; serviu a civilisaçào do seu tempo; amou a sua patria profundamente, fervorosamente, até ao derradeiro momento. Um anno de sepultura é bastante para se depositar o que ha bom e util na memoria de qualquer homem : na de Pinheiro Chagas havia este oiro puro, este oiro de fino quilate !

Dotado d'um talento esplendoroso, preluziu admiravelmente em alguns generos litterarios, deixando vestigios, mais ou menos fundos, em todos que versou a sua opulenta aptidào mental. A poesia, o theatro, o romance e a historia deram-lhe na mocidade largo renome e ampla producção de louros; mas foi na imprensa e na tribuna que a sua estatura se engrandeceu enormemente, e que o vulto se lhe fixou para sempre na admiraçào incontestada e na gloria definitiva.

A abundancia, a facilidade, a eloquencia e a graça foram as qualidades preeminentissimas do seu espirito. Como jornalista, a sua penna infatigavel exemplificou-as em cada dia; como orador, ostentou-as a sua voz vibrante, vibrante como finas folhas d'oiro, sempre que se ergueu e soou na tribuna academica e na tribuna politica.

A sua melhor prosa, dispersou-se nas folhas volantes da imprensa; a sua eloquencia fallada exhalou-se em cada discurso que produziu. Mas não é verdadeiro o juizo de que tudo isso tenha acabado. Não acabou. A obra de Pinheiro Chagas subsiste na porção de verdade e de belleza que teve em si, e duas gerações avidamente assimillaram á medida que se ia produzindo. D'este bom dia de sol não se perde a luz creadora e o calor vivificante, embora não fique, não possa ficar, em condensação visivel, essa luz e esse calor... E para vingarmos o que houve de fragil e mortal na sua obra, pelas condições especialissimas da producção quasi instantanea e transitoria, o nosso af-



NOS PRAZERES: EM FRENTE DO CADAVER

bre da voz, flamma do olhar, a vida, a vida plena... Como elle foi grande na tribuna da nossa terra! E que saudade eu tenho da sua bella eloquencia, em que elle poz o melhor do seu ser: a espontaneidade, o vigor e a graça da palavra, o frémito do pensamento quando se elevava, o impeto das investidas, o calor e a vehemencia na replica, o esplendor inescurecível das imagens, e, principalmente, aquella adoravel poesia do seu patriotismo, que era a mais pura, a mais suggestiva, a mais fecunda inspiração do seu genio de tribuno!

Foi para esta evocação sentimental, em que a sua amavel figura reaparece, e a nossa intima saudade se consola, que nos congregamos aqui. E fizemos bem. O culto dos mortos é a mais antiga religião humana. A mais antiga, e, por isso, a mais veneravel. Transforma-se; não se extingue.

Nos primeiros tempos de que ha historia, quando ainda se não fazia a distincção fundamental do corpo e da alma, acreditava-se que os mortos continuavam além do tumulo, no outro mundo, a sua existencia material, e dava-se-lhes, religiosamente, o que se julgava preciso á sustentação d'ella...

A crassa superstição desfez-se, o erro passou; mas ficaram as piedosas offerendas ás almas dos que foram...

São estas offerendas, de oração e de saudade, que trazemos ao espirito de Pinheiro Chagas; e, endereçando-lh'as hoje, no primeiro anniversario da sua morte, ajoelhados n'uma igreja ou descobertos diante do seu feretro, nós confessamos e saudamos consoladoramente a sua dupla immortalidade: a sua immortalidade em Deus, que é bom, e a sua immortalidade na historia, que é justa!»

JOÃO DE MENDONÇA

COUBE agora a vez, n'esta ultima viagem da morte, a um nosso collega, João de Mendonça, antigo redactor do *Diario de Noticias*.

Era um jornalista que, apesar de não ter um grande nome nas letras, era muito illustrado e erudito e soube conquistar sempre a estima dos seus camaradas pela grande affabilidade do seu tracto e pela inteireza do seu caracter. Além da sua collaboração em jornaes, João de Mendonça escreveu varios estudos scientificos: *Elementos da historia natural dos insectos*, *Algas portuguezas* e *Colonias e possessões*, e a morte veio surprehendel-o quando preparava outros trabalhos para o prélo. Leccionava tambem instrucção secundaria, sendo a sua especialidade a botanica a que dedicára todas as suas horas e todos os seus disvelos, tendo até ensaiado no lyceu de Lisboa um curso de flora continental e ultramarina que teve de interromper, por ser chamado a outros deveres mais imperiosos; deixou, porém, já impressa a primeira parte dos trabalhos d'esse curso que tratava da *Morphologia cellular*.

João de Mendonça nasceu no Pará a 20 de julho de 1845. Veio para Lisboa muito moço, dedicando-se aqui ao estudo dos cursos superiores. Desde a fundação da Escola Nacional que alli era professor de mathematica, litteratura, historia e sciencias naturaes.

Collaborava assiduamente no *Diario de Noticias*; e, além d'essa somma de trabalho anonymo, escreveu tambem para o mesmo jornal varios folhetins e revistas, uma serie de noticias historicas e archeologicas, criticas theatraes e alguns contos no *Brinde* que o nosso collega dá cada anno aos seus leitores.

Teve tambem uma grande tendencia para a litteratura theatral. Traduziu e arranjou muitas peças que fizeram successo ao tempo de serem representados, entre as quaes destacam:

Abelha mestra, *O tio em Pelotas*, *Uma tourada no Ribatejo*, *Dr. Manuel Mendes Enxundia*, *Nau Chagas*, *Gueras do alecrim e manjerona*. Tinha prompta a ser representada a comedia de Scribe *Querer lograr e ser logrado*. Pertenceu á Sociedade de Geographia, ao Instituto de Coimbra, á associação dos architectos e archeologos, á antiga associação dos jornalistas, etc.

Collaborou em diversos periodicos, como no *Progresso e Ordem*, no *Conservador*, no *Album Litterario*, no *Correio da Europa*, no *Univero Illustrado*, nas *Noticias de Portugal*, publicação que fundára para o Brazil; no *Occidente*, na *Bibliotheca do povo e das escolas*.

Mathematico e botânico, esta ultima sciencia cultivára-a com tal esmero, que recebera de sabios nacionaes e estrangeiros e de algumas sociedades scientificas os mais agradaveis e honrosos testemunhos. Entre esses, a sociedade Broteriana de Coimbra, e a Lineana da Universidade de Lund, na Suecia, uma das mais notaveis e das mais afamadas na Europa.





PIMENTEL PINTO

PÓDE apontar-se, como facto rarissimo em Portugal, o caso de um ministro continuar a ser discutido, depois de ter abandonado os conselhos da corôa. Dá-se isto com o ex-ministro da guerra cujos actos tem sido apreciados calorosamente e vivamente discutidos. Isto é um claro symptoma de que a obra de tres annos do titular da pasta da guerra é duradoura e promoveu resultados proveitosos. Nós pela nossa parte, pondo de banda a politica que deturpa tudo e desvirtua as mais nobres intenções, prestamos-lhe a nossa homenagem publicando o seu retrato.



MORAES SARMENTO

O novo ministro da guerra é o sr. José Evaristo de Moraes Sarmento, um militar intelligtissimo e de quem tudo ha a esperar em bem da nossa terra e dos nossos dominios de além-mar.

Pelos artigos que tem publicado em diversos jornaes e pelo seu grande tino para coisas da especialidade em que é superiormente coadjuvado por uma grande prudencia e um bello character, póde deprehender-se o que será a sua gerencia na pasta da guerra, hoje uma das mais espinhosas, mas não tanto, agora, por estar um pouco mais fortalecido o nosso dominio em Africa.

Mas ainda ha muita coisa a fazer, muita coisa a modificar, que dará a um ministro farto ensejo de se salientar e de conquistar as sympathias do publico.

THEATROS

THEATRO DE D. AMELIA — EMANUEL NO «REI LEAR» DE SHAKSPEARE

A noite do *Rei Lear* deixará na memoria dos que tiveram a felicidade de a ella assistir uma impressão soberana. Nunca, desde que vou ao theatro, me foi dado sentir uma similhante emoção, nunca o mais admiravel tragico do nosso tempo, irmão collaço de Sarah, se elevou a uma tal altura de inspiração, se manifestou tão largamente possuidor d'uma arte tão raiada de genio. Durante os actos da tragedia, por espaço d'algumas horas, o italiano fez passar por toda a sala o *frisson* do sublime, emquanto todos nós, arquejantes, fascinados, feridos de admiração e de prazer nos ficavamos presos aos labios, ao rosto, ao gesto, aos menores movimentos do artista dominador, do comediante semi-deus, cujo genio a tão incommensuraveis espaços o eleva que, visto d'ali, o proprio vôo d'aguas e estrellas parece rastejar.

A intelligencia superior das *nuances*, das gradações, das complexidades d'um só character, que Emanuel possui n'um elevado grau, essa composição do personagem nas menores inflexões, nas penumbras e nos relampagos da voz, na mimica, nas attitudes, no andar e nas roupagens — essa arte consciente, reflectida, segura de si, que se tempera n'uma fonte de esbrazada sensibilidade nervosa, na qual adquire a força de paixão rutilante, de ternura doce, de dôr calma, de colera esbravejante, de communicativa emoção, de pathetico, sem nunca se desmandar, ripostando em tonitroantes emphases, ou lambendo-se em madrigalescas *sensibleries*, sobria, *vivida*, humana, emfim — que outro nome tem senão genio?

Porventura a esta hora não ha nos dois mundos, em toda a Europa e em toda a America quatro actores a esta altura, unicos capazes de representar o theatro shakspheriano, que requer arcabouços onde arfe, esbrazado, o genio. Irving, que interpreta o *Rei Lear* seguindo á risca a rubrica de Shakspeare, em quadros seguidos, consegue alfim de longos annos de ardentés pesquisas dar no *Hamlet* a neurasthenia do intellectual conjugada com a deformação d'alma do sombrio principe dinamarquez; o norte americano Menfield, que entontece as platéas de Washington e de New-York com o *Sonho d'uma noite de verão* logra realisar a alada poesia, branca e christianissima da qual o grande actor romantico — Ernesto Rossi espargiu o *Romeu*; e Novelli o admiravel talento que vingou, a despeito da sua carencia de estro tragico e da analyse excessiva do seu methodo — analyse que deu os dois extraordinarios actos do *Papá Lebonnar* e aquelle *Pão alheio* do russo Tourgeff — modelar magnificamente o *Othello*.

Mas a todos estes sobrepuja e sobreleva Emanuel, cujo processo, moderno como o de Noyelli, é bem mais completo e alto. Ermette partia sempre para a vivesecção dos seus personagens pela observação e era pela analyse do detalhe que os reconstituia. Procedia como Flaubert para o Homais da *Bovary*. Emanuel pelo contrario possuindo a vista do conjuncto, da analyse se eleva até á synthese e a sua construcção se assimelha, pela sua amplitude e profundeza, pelo sopro de genio que a anima, á de Balzac. A's suas figuras morde elle apenas ás arestas mais vivas, modela os mais impressivos contornos, desarticula os membros mais hirtos e assim consegue fazel-as bem humanas e bem vivas e dar-nos uma impressão mais em bloco mas muito mais forte e intensa.

Logo no primeiro acto Emanuel conquistou todos os espectadores na irada scena da expulsão de Cordelia, em que a sua colera se desencadeia n'um temporal de gritos e n'um arfar de oceano se levanta emquanto resignada e dôce perpassa, como uma fimbria de luar levantino, Cordelia diliciosa da melancolia que lhe assignala Shakspeare e que a gracilidade de Nella Montagne tão bem reveste.

Mas o que destaca logo n'elle é a admiravel simplicidade da narração que é o fim supremo da arte, o poder do effeito contido n'um tom medio, todo elle radiando do fóco interior, a sua maravilhosa sciencia do gesto e do andar, essa felicidade das attitudes com o busto terso e flexivel, o peito alto e uma voz metalica enchendo toda a sala. E se insisto n'esses pontos é porque da concordancia dos seus gestos, das suas attitudes, da mimica, e das expressões de physionomia com o discurso resulta uma interpretação sem igual.

Como a olympica grandeza da chamada segunda maneira de Shakspeare (o *Rei Lear* foi já escripto nos começos do seculo dezeseite) se acentua. Goëthe em *Mainster* e Taine no estudo sobre Shakspeare vislumbaram certos subtitos aspectos da personalidade do rei Lear que Emanuel põe inteiramente em relevo.

O acto da loucura é magnifico, o final, a aparição de Lear abraçando o cadaver de Cordelia, e a scena da morte são extraordinarias. E oh! como a sua voz encontra accentos de dôr que nos commovem e como julgamos ainda ouvir, ouvir sempre, esse lamento que como uma prophencia de desgraça e um tufão de lagrimas, corre aavez da peça e nos opprime o peito d'angustia!

DOMINGOS GUIMARAES



NINHOS VASIOS

PELA janella aberta ao sol de inverno — emquanto um fogo claro flambava no fogão, — elles olhavam para o céu, onde as nuvens passavam lentas, pesadas, com indolencias de enormes animaes brancos que se tivessem espojado na neve e se lavassem no azul. O talude do rio sinuoso, como uma fita de setim desenrolada, o prolongamento, entre os esqueletos das arvores, da grande avenida pallida, ate ao tanque que parecia, um pouco inclinado, um fino crescente azul, as collinas ao longe, onde se recortavam na bruma os ramos descarnados, davam á paizagem uns longes infinitos e vagos, muito frescos; e as chammas da lenha, entre os reposteiros e cortinados da sala, faziam correr em volta d'elles um intimo calor de alcova. Estavam em sua casa, diante do grande espaço. Lá fóra, toda a natureza, ali, elles sós. Como é bello o spectaculo da immensidade celeste, tão pura e tão diaphana, que, ás vezes, se julgar ver apparecer os anjos! Como é doce o aconchego terno de dois corações na estreiteza acariciadora do quarto adorado! Os pequenos paraizos valem bem os grandes céos. Bons dias, meu Deus! e beijam-se nos labios. Ella, porém, que leva a hypocrisia da innocencia — a má! — até á perfeita ingenuidade, põe-se a dizer, de repente, batendo com a mãosinha na meza: «Quero ir acordar as aves nos ramos do bosque.» Elle não lhe objectou que se estava no inverno, que não havia folhas nas arvores, nem aves nos ninhos. Tinha perdido ha muito tempo o habito de resistir, mesmo em pensamentos, aos caprichos da implacavel creança; a cada um dos desejos de Julieta, elle dizia: «Prompto, meu senhor!»

Abafada nas pelles, ella correu, e elle seguiu-a ao longo da avenida pallida; e quando chegaram ao bosque onde corriam um vento e um sol bem frios, ella foi em busca dos ninhos nos silvedos e nos ramos baixos, com saltinhos e gritos de collegial. Achou os ninhos, mas vasios, ninhos da primavera passada, onde nem sequer havia uma pennugem. Procurou mais; nem um pobre pisco desplumado, nem uma tutinegra semi-núa, que tiritava abrindo o bico amarello. «Ah! é verdade! é porque estamos em fevereiro!...» Depois, acrescentou, chegando-se muito a elle, cariciante, com o ar de uma creança que tem medo que lhe batam: «Sou uma tola, não é verdade? Tenho a certeza de que ha-de trocar de mim». Mas elle respondeu, com a melancholia das queridas esperanças evolucionadas: «Terei eu o direito de me rir de si, Julieta, eu que, sob a neve do seu coração vasio e gelado como um ninho d'inverno, espreito ha tanto tempo, em vão, o acordar da ave-Amor?»



HISTORIAS PARA CRIANÇAS (*)

ERA uma vez um burro muito velho, a quem o dono ia fazer matar porque lhe dava mais damno que proveito. O burro era velhaco e decidiu-se a ir por essas estradas fóra arranjar companheiros para uma phylarmónica. Ao topo de uma serra encontrou um cão que gania furiosamente. *Mestre* burro parou e acercou-se do infeliz.

— Porque estás tu p'ra ahí a gemer? perguntou lhe elle.

— Ora, deixa-me. Sou o cão mais desgraçado que minha mãe deu á luz. O meu dono quer-me deitar ao rio porque estou já muito velho e só lhe causo dissabores.

— Não sejas tolo. Deixa-te de lamurias e vem d'ahi commigo.

Foram os dois, de coração alegre.

Mais adiante encontraram um gato, que miava furiosamente.

— Porque mias? perguntou-lhe o burro.

— Porque a minha dona dá uma festa lá em casa e quer matar-me para me fazer passar por lebre.

— Manda a tua dona á fava e acompanha-nos.

E os tres enfiaram por uma vereda que ia dar a uma villa.

Ao pé de um quintalorio encontraram um gallo a cantar.

— Meu amigo, disse-lhe o burro, parece que estás a cantar o *De Profundis!* Tens já ahí a faca no pescoço?

— Quasi, senhor burro, quasi. A minha dona vae matar-me, por ser amanhã o dia de Natal.

Mesma lenga-lenga do burro e uma alegre acolhida do gallo.

Chegaram ao cahir da noite á villa e pararam p'ra conselho.

— P'ra onde vamos ficar? perguntou o cão.

— Vejo acolá uma luz, disse o burro. Venham commigo e pouca *chiada*.

A luz alumiava uma caverna de ladrões e vinha de uma porta envidraçada.

— Esperem lá, disse o burro. Se vamos bater á porta os patifes desancam-nos. O melhor é fazermos assim: o cão trepa p'ra cima de mim, p'ra cima do cão vae o gato e p'ra cima do gato o gallo. Quando eu der o signal cada um de vocês bate nos vidros... lá a seu modo.

Assim se fez. Os ladrões, julgando-se descobertos, largaram a ceia que estava em principio e puzeram-se em debandada.

Eis os nossos *musicos* senhores do campo. Comeram, beberam, *fallaram* pelos cotovelos; e quando o somno lhes começou a fazer cocegas, cada qual recolheu á sua choça. O burro foi p'ra a cavallariça; o cão ficou atraz da porta; o gato foi p'r'o borralho e o gato p'ra cima do telhado.

Quem não ficou muito satisfeito foi o chefe da quadrilha que mandou um dos seus investigar as causas de tão insolito procedimento.

O enviado, como não visse luz na caverna, entrou.

Chegou á chaminé e raspou um phosphoro: o gato arranhou-o na cara. Espavorido fugiu p'ra a cavallariça: o burro deu-lhe um couce nas costas. Julgando-se perdido correu para a porta: o cão deu-lhe uma dentada n'uma perna.

Como dava meia noite quando elle alvorava pelos campos, o galo cantou.

O ladrão chegou com as feições decompostas diante do capitão.

— Estamos perdidos, disse elle, a casa está minada. Olhe: um deu-me uma facada na cara, que ainda está a escorrer sangue; outro amassou-me as costellas com um varapau: e um terceiro deu-me um tiro n'uma perna. Quando eu sahi de casa, ouvi ainda a voz do juiz que dizia:

— Prendam esse ladrão!

E aqui está, meus meninos, como um *burro*, um *cão*, um *gato*, e um *gallo* podem pôr em debandada uma quadrilha de ladrões.

(*) Iremos dando successivamente historietas para crianças. Crêmos prestar assim um bom serviço aos petizes e, principalmente ás mães. E para ellas que appellamos, pedindo nos enviem as varias lendas, tão lindas e tão portuguezas, que andam na tradição oral.



lha-se por toda a natureza... Espreguiçam no ar os seus ramos em flôr, as macieiras— como virgens toucadas de branco que vão para a primeira communhão... Voltam do trabalho, cantarolando, as raparigas — e, ao longe, pelos casaes, sae o fumo das chaminés, em espiraes suavissimas, lentamente, como fumo d'incenso que arde em thuribulos de prata...

Nenhum d'elles faltou ao encontro combinado — é vêl-os !

Carlos risca com a bengala a areia do jardim : ella, melancolicamente, a cabeça voltada, deixa voar o espirito, Deus sabe até onde !...

Uma palavra mais, trocada, e as lagrimas saltar-lhe-hiam dos olhos !... Mas Carlos presente-o e cala-se !... — Tanto mais que elle está convencido de que ella não lhe fizera aquillo por mal...

Dias antes, á despedida, elle notára em Luiza um certo retrahimento... ; depois, quando viera ao muro do jardim, contra o costume, ella não esperara que elle desaparecesse na volta da estrada... Luiza confessara-lhe tudo, com uma simplicidade angelical : a tia Luiza, n'aquelle dia, dissera-lhe o quer que fosse que a fez córar... E desgostara-a... E Carlos estava já com remorsos de a ver assim . sentia um desejo febril de cahir-lhe aos pés !

— Então ?... Luiza...

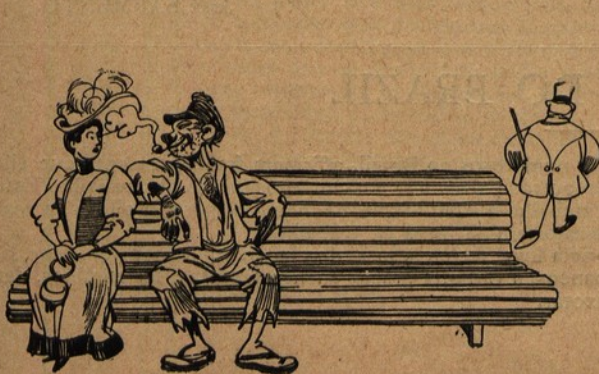
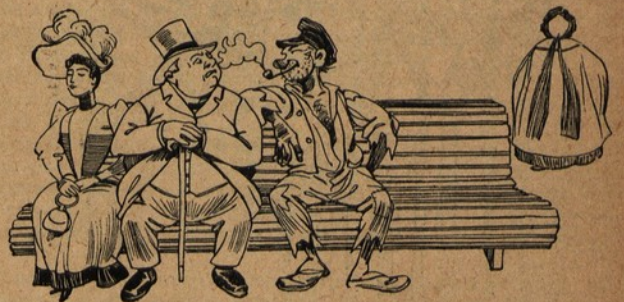
Ella voltou machinalmente a cabeça e o seu olhar, muito doce, envolveu-o n'uma nuvem cariciosa e tremula... E quando Carlos poisava os seus labios nas mãos côr de rosa de Luiza, ouviu a voz do sr. prior, em cima, de guarda sol voltado contra o poente :

— A' vontade, meus filhos, façam de conta que não está aqui ninguém.



ANTONIO SARMENTO.

CONTO MUDO



HISTORIA DOS SETE DIAS

(CHRONICA)

N'ALDEIA onde vivo de noite, com bem pezar do não poder tambem viver de dia, causou funda impressão a quéda do sr. ministro da guerra. Isto é um grave symptoma que merece meditação n'um sitio ermo, longe dos homens e com os olhos virados para Deus.

A politica no campo! Estão d'ahi vendo o máu fructo que ha de produzir a má semente. Isto está a pedir 'preces ao Altissimo, com mais urgencia que as terras crestadas pedem chuva. Discute-se, aqui, o sr. ministro da guerra, que Deus haja, palavra. Por esses caminhos cheios de sombras, onde canta a agua de penhasco em penhasco, andam as borboletas perguntando anciosas, porque cahiu o sr. Pimentel Pinto. Elle, o Appollo feito Marte, o que fez pulsar tanto coração de menina da Baixa e que provocou uma paixão — que o Senhor lhe perdõe — na minha creada minhota, uma bella mocetona lá da Trofa, com uma voz de granadeiro e que, quanto a disciplina, não transige a ponta de uma unha.

Pois, cá na terra, mercê das coscovilhices do nosso amigo *Seculo* — que é o oraculo d'estes meus irmãos em Christo, — o caso produziu basto alvoroço. A personalidade do ministro andou esfarrapada nos conclaves da tenda; pezou-se a grave resolução como quem peza um arratel d'assucar; e, depois de maduros exames, olhado integralmente o fiel da balança moral, todos accordam n'isto: que, se elle sahiu, lá tinha as suas razões.

Tambem me parece, companheiros. Um ministro



que cáe têm-as sempre. De uma maneira ou d'outra, claro. A chronica não investiga, agora, sobre a cova ainda humida do chorado politico, a nobre causa que o levou a abandonar a pasta. Contenta-se como prova de bem creada em deixar correr uma lagrima, mais sincera que a lagrima official vertida pelo *Diario do Governo* e em lastimar ingenuamente que o ministerio ficasse com o jarrão — Soveral, — paixão de *ladies* sentimentaes — e alijasse o outro, muito mais decorativo e de mais pomposo reclame.

*

O sr. João Arroyo, perdida a vocação para tyranno, que era talvez um dos seus traços mais caracteristicos e que haviam de o levar á immortalidade, envergou o garrido traje de andaluza e veio para a Camara, com grave escandalo de meia duzia de lavradores, contar historietas em hespanhol, com uma pronuncia tal e qual, dizem os jornaes.

Sabida a pasmaceira portugueza, é de ver a cara picara com que os conspicuos membros do parlamento acolheram a hespanholada do collega. Muitos não perceberam; mas, os da raia, que andam muito em contacto com gallegos authenticos, tiveram ápartes felicissimos, onde os *caramba* e os *saléro* esfusiavam n'uma roda viva hilare. A continuar assim, o parlamento portuguez transforma-se n'uma praça de toiros, com sortes á gaiola e assobios ao

Botas. A chronica estima isso, como boa meridional que é, e não perderá occasião para gritar ao *diestro*:
Bem dita sea tu madre, João!

JOSÉ SARMENTO.

ASPECTOS DO BRAZIL

Os estrangeiros e particularmente os portuguezes, tão numerosos no Brazil, affirmam frequentemente que elle é por excellencia o *paiz do trabalho*, como se os outros paizes não fossem igualmente de trabalho. Essa fórmula resulta de que no Brazil se dá á palavra trabalho a significação de *negocio*, porque elle é na realidade o paiz do negocio, e tudo quanto não seja negocio não tem ali fóros de trabalho.

Trabalhar quer dizer negociar, comprar, vender, abrir a loja, fechar a loja, dar balanço, debitar, creditar, liquidar. Trabalhar é estar ao balcão, ir á alfandega, aos bancos, á Bolsa, á praça, encher facturas, ler cambios, dar encomendas, despachar fazendas, encaixotar, desencaixotar.

O que não seja isto não é trabalho.

Em França, Zola é um trabalhador; no Brazil, um trabalhador é o sr. conde de Figueiredo.

N'um paiz em que o negocio assim absorve tudo, a vida intellectual é necessariamente penosa.

Poucos escriptores trabalharão tanto como os escriptores brasileiros e alguns ha, para não citar outros, como Coelho Netto e Aluysio Azevedo que, com pouco mais de trinta annos, tem já uma obra numerosa. A vida jornalística é activa e laboriosa. Um critico dramatico como Arthur d'Azevedo, além de encher o theatro com produções suas, encontra tempo para escrever livros e collaborar assiduamente em uma porção de jornaes, e um critico litterario muito culto, Valentim de Magalhães, annota com uma pontualidade admiravel em publicações de varia natureza todo o movimento litterario e artistico europeu e americano. Poetas como Olavo Bilac, são alternativamente trovadores, prosadores, chronistas. A absorbente politica não impede que Affonso Celso invada as livrarias com produções suas: só no catalogo de um livreiro se registam com o seu nome mais de dez volumes; e um medico, o dr. Viveiros de Castro, nos intervallos da sua clinica, vae reunindo em interessantes estudos, o que vê e o que sabe.

Um livreiro da rua do Ouvidor, o sr. Domingos de Magalhães, expõe quasi todas as semanas uma novidade litteraria e nas suas estantes e *vitruines* quasi não se encontra outra coisa que não seja litteratura brasileira.

Comtudo, a isto, a esta immensa producção, a esta febril actividade, não se chama no Brazil *trabalhar*, e n'esse paiz rico, como no nosso precario Portugal, esse genero de trabalho é pouco remunerador. O escriptor é pobre, o jornalista é pobre, é pobre o poeta.

Mas sobre serem pobres, não gozam d'essa alta consideração que muitas vezes tambem indemnisa, e não vi que fossem admirados, fallados, discutidos fóra dos seus cenaculos. A muitos poetas ouvi chamar *vagabundos*, expressão de desdém que talvez queira dizer *bohemio*; dos romancistas não ouvi o nome, e dos escriptores de jornal affiguraram-se-me de mais prestigio apenas aquelles que se occupavam de politica, como Ferreira de Araujo, Bocayuva e José do Patrocínio.

Apezar dos energicos esforços de muitos homens de boa-vontade, o espirito publico não se deixa apprehender por interesses litterarios ou artisticos e o grosso de uma população de negociantes, como a permanente absorpção de uma vida de negocio, pesam sobre todas as tentativas de emancipação intellectual. Promovem-se conferencias litterarias, organisam-se exposições de quadros, mas taes iniciativas não conseguem attrahir sequer a attenção. O esforço é admiravel; o resultado nullo.

Mas se a obra do escriptor não interessa, a propria personalidade do escriptor parece não ser comprehendida. Não se entende n'uma sociedade de homens praticos, methodicos e sobrios, a existencia d'esse maniaco imprevidente e estroina que se chama o *artista*. Os seus habitos são considerados vicios, e as suas manias graves defeitos. Offende pelo seu modo de pensar, offende pela sua maneira de conduzir-se, offende quasi pela sua profissão, que ninguém quer reconhecer, porque ninguém suppõe que por ella se possa fazer carreira.

A intelligencia brasileira, tão vivaz, tão fertil, asphixia sob uma avalanche de saccas de café e fardos de algodão.

De resto, o negocio, *systematico* e rotineiro, absorvendo todas as iniciativas, não dá logar a que medre nenhuma outra, e a propria industria, que reclama a intervenção de energias novas e de muita intelligencia e sagacidade, acha-se no Brazil rudimentar. O Brazil importa tudo, ate palitos!

A vida de negocio, trouxe habitos de negocio, e assim como esta palavra *negocio*, volta a cada passo n'este capitulo do meu livro, assim a cada passo apparece nos incidentes da existencia commum e da conversação, como uma obsessão e um *tic*. Diz-se: «este *negocio* do tempo tem-me feito muito mal», o que significa: — «estas mudanças de temperatura tem-me prejudicado a saude»; este *negocio* da guerra, este *negocio* da paz. Para o vocabulario corrente veio todo o calão dos *comptoirs*, e, assim, é vulgar o emprego dos verbos *liquidar*, *creditar*, *debitar*, nas conversações mais extranhas a coisas de commercio. Tudo se justifica com o negocio e pelo negocio, faltar a uma entrevista, como chegar tarde para jantar, fazer, como deixar de fazer qualquer coisa, e sendo o negocio a base de tudo, é o negocio a razão de tudo.

Comtudo dentro d'esse Brazil povoado de colonos, ha um outro Brazil de brasileiros ricos, que, vivendo de proventos prodigiosos da agricultura, não fazem negocio. São os brasileiros do Café de la Paix, aquelles morenos rapazes, que tantas vezes encontramos em Paris, vestidos a primor, constellados de anneis, e para quem as mulheres olham com tanta cubiça.

Esses brasileiros — convem dizel-o — não os conhece Portugal, como não conhece as brasileiras suas irmãs e suas esposas, pela razão de que raro visitam o nosso paiz. O brasileiro rico — dizia-me um brasileiro illustre — conhece duas unicas terras: o Brazil e Paris. Com effeito, assim é.

As familias opulentas mandam os filhos a educar ás universidades de França, da Belgica e da Suissa, para a escola de engenharia civil de Gand, para a de agricultura de Gembloux, para a de artes e officios de Liège, para a de medicina de Montpellier, ou para as faculdades de Paris. Esses jovens estudantes vivem no estrangeiro splendidamente pensionados, o que lhes permite ao mesmo tempo cultivarem-se e divertirem-se; de fórma que, regressando aos seus lares, o seu pensamento é a Europa e n'essa Europa a França, porque a civilização franceza é a que mais os fascina pelo apparatus do seu luxo e do seu brilho.

Emancipados, livres da tutela familiar, dividem a sua existencia entre Paris, que amam e o Brazil, que adoram, porque o brasileiro é muito patriota. As meninas, por uma igual attracção seguem-n'os, com os paes e as mães, e a familia toda convoca-se periodicamente nos centros ruidosos da Europa a assimilar-lhes os costumes, os habitos, a educação, vestindo-se nas grandes modistas, residindo nos melhores hotéis, frequentando os melhores theatros e penetrando-se d'arte e de elegancia até se confundirem e dispersarem de todo na onda das civilizações que as envolvem.

No Brazil toda a gente toca piano, para o que, tanto os homens como as mulheres, possuem recursos de *doigté* extraordinarios, mas entre a multidão dos *pianoteurs*, ha authenticos pianistas. Toca-se igualmente o violoncello, o violino e a harpa, como igual conhecimento e maestria, mas as senhoras preferem o canto e, se bem que eu não tenha tido occasião de ouvir amadoras de grandes façuldades, notei que quasi todas haviam estudado muito e educado a voz com um grande escrupulo.

A vida intima da gente rica está toda eivada de estrangeirismo. As creanças são conduzidas a passeio por *bonnes* francezas e educadas por professoras inglezas; os criados, os cocheiros, os *grooms* são quasi sempre estrangeiros. Em casa falla-se francez, porque o francez é o idioma da moda, e em cima das estantes como sobre as mesas dos bellos salões não se encontram senão musicas e revistas francezas, litteratura franceza, arte franceza, *souvenirs* de França, lembranças da civilização. Da França levam tudo o que é preciso para viver bem, os moveis de luxo, os tapetes, as criadas, os trens; do Brazil guardam a terra, de que não prescindem, o caffezal, d'onde jorra o oiro, o theatro lyrico e o habito das coisas assucaradas.

Esta população aristocratisada pela fortuna vive á parte, nos lindos suburbios do Rio, em palacetes e pavilhões construidos á sombra de gigantescas montanhas, ou á beira de quietas bahias d'agua salgada, n'uma amena e regalada villegiatura. Vae á cidade algumas vezes mas não passa da rua do Ouvidor, deixando o seu *coupé* n'alguuma estreita travessa circumvisinha. Não quer saber de negocio, não se confunde com negociantes. E' o Brazil brasileiro, o Brazil discretamente chauvinista, mas profundamente internacional — O Brazil de Paris.

Esse Brazil não trabalha — frue.

(Do livro inedito DE BOND)

João CHAGAS.



UMA FEIRA NA CERTAN

FEIRAS E ROMARIAS



ANDÁ já no ar, com esta primavera que parece um verão, a alacridade das feiras e romarias, tão pittorescas, algumas, por esse paiz fóra.

Evohé! Aprestam-se as pipas do espumoso vinho que ha de correr a jorros; as phylarmonicas ensaiam as suas pecas; estudam-se os entremezes; vem chegando de todos os pontos os ciganos, com os ursos amestrados; os saltimbancos antecipam-se já, cabriolando pelos terreiros das aldeias, diante do povo que os applaude.

E' preparar, é preparar. Tudo a postos para a primeira chamada. Vem, no norte, a romaria de S. Bento das Pêras, a da Trofa — onde os fornos esperam o carneiro, o leitão loiro; — a de S. Torquato, em Guimarães; e a de Mathosinhos — pandega de tres dias, successivos — o ultimo, das lavradeiras, que accorrem de todos os logarejos de por alli perto, com os peitos cheios d'ouro, roçagando sêdas, algumas ricamente enfeitadas, promptas para o sorriso facil, para o namoro em verso de pé quebrado, que é o traço principal, o mais caracteristico, d'esta festa de terça-feira.

Bemdito seja o Senhor da alegria! Começam a gerar-se os casamentos á sombra d'uma arvore, á beira d'uma agua que corre, entre os perfumes das flôres e o primeiro riso dos fructos. Bailar, bailar, que dá saude, dá vida, cura saudades, traz o esquecimento.

Está por pouco o Sant'Antonio, o S. João. — ambos muitos queridos cá, milagreiros, amigos da rapaziada. Que o diga Coimbra, que lhes levanta arcos enramados de buxo, *foqueiras*, e lhes compõe cantares, lindos cantares para a viola: que o diga Santo Thyrsó, com as suas festas nocturnas, festas extraordinarias, onde os copinhos de côres, os celebres copinhos minhotos, rivalisam com as mais surprehendedentes decorações que nossos olhos tenham visto.

Batem os corações das raparizas, appressados, espreitando o calendario, n'uma ancia de folguedo; não ha sangue que gyre tranquillo; anda pelas veias, em borbotões, quente, impetuoso, debordante.

A vida, agora, é um florir d'esperanças. Onde vão ellas, as tristezas vindas com o inverno, com o ar cortante, as arvores nuas! Já a passarada começa a levar palha para os ninhos: as andorinhas, — risonhos bandos, — chegaram de muito longe para nos dar os bons dias. Borbulha a terra em fremitos de seiva; trepa pelas arvores um sopro rude de vida; anda no ar, diluido, um vago aroma de coisas amorosas.

E' rir, é rir, que o céu promette radiosa luz e o bom deus folião que surge n'estes dias morre porque lhe façam coegas. p'ra se espojar na erva, de panca n'ro ar, feliz como um mortal que não tem dividas.

Vae tambem apparecer o reverso da medalha, a grande legião dos estropiados, que lamuriam aos que passam, enterrados nos fossos das estradas: canta aos nossos ouvidos, de mistura com o som alegre das cantigas, o côro das miserias fingidas e reaes, — pustulas sangrando, troços de pernas mostrando as chagas vivas, caras n'uma bola disforme, sem narizes, sem olhos, sem bocca. Ha muito d'isso lá p'ra cima, mais, muito mais que p'ra cá. N'essa romaria de Mathosinhos, logo á sahida dos americanos, a longa linha estende-se, caracolando pela estrada fóra, até á porta da egreja.

Felizes dos que passam, podendo lá chegar com as suas pernas, comer com a sua bocca, olhar pelos seus olhos! Mas quanta intrugice allí armada, quasi difficilmente differenciada da verdadeira desgraça! Como aquelle pobre que, em Paris, pedia esmola, ao centro da Ponte Nova, tendo por guarda um cão, com uma taboleta pendurada ao pescoço, com este distico: *Sou cego; dae uma esmola por amor de Deus*; e que, um dia, que lia attentamente um jornal, respondeu ingenuamente a um transeunte que o interrogava estupefacto: «*Não sou eu, meu senhor; o pobre animal é que é cego!*»

Mas vá de desgraças, é visto o calor apertar — evohé! — venham de lá essas tarracadas do bom vinho verde, bebido á sombra das ramadas, com o bello appetitivo da salada fresca e do peixe frito a saltar, estrallejante, da certã,



D. ANTONIA ADELAIDE FERREIRA

(A FERREIRINHA)



ERA uma grande millionaria feliz porque os seus milhões jámais açularam inimigos. A ninguém affrontou com o fausto do seu viver, e a muitos valeu com a grandeza da sua bondade. Espírito immensamente religioso incarnou em si o rico do christianismo — thesoureiro do pobre sobre a terra.

Não vivia para os seus milhões, nem vivia dos seus milhões; não era avarenta, nem faustuosa. Levava a vida simples de qualquer proprietaria modestamente remediada; e o seu dinheiro circulava sempre n'uma area immensa, arrancando vida dos fragedos trasmontanos, impulsionando a agricultura, o commercio dos vinhos do Porto, e aquecendo no desconforto do seu lar o pobre desvalido. Trabalhou sempre, e por um grande ideal: a prosperidade da região onde nasceu, a grandeza do seu Douro querido! A immensa riqueza foi-lhe um accidente que naturalmente decorreu do seu espirito superiormente organizado de grande administradora: o fito da sua vida não foi nunca enthesostrar. Se muito tinha era para muito gastar, para dar muito trabalho e engrinaldar de vinha todo o Douro!

Oriunda d'uma familia rica, casou em primeiras nupcias com seu primo o Ferreirinha da Regoa, lendario no norte, como typo do elegante dissipador. Com elle viveu a vida apagada da mulher submissa. A morte do marido deixou-a viuva e quasi arruinada, tam-nhas eram as dividas que pesavam sobre a sua grande casa. Data de então a ecllosão das suas excepcionaes facultades de administradora. Tomou immediatamente a gestão dos seus vastos dominios agricolas, creou a sua casa commercial, e, desempenhando-se, levou os seus haveres ao grau de prosperidade em que os legou agora aos seus herdeiros, com o mais extraordinario exemplo de uma vida-modelo.

Se todos os ricos assim fossem não haveria decerto conflicto entre o capital e o trabalho. O capital nas suas mãos era a providencia do pobre. Perguntem a qualquer proletario duriense se queria a divisão dos haveres de D. Antonia. Nenhum o desejava, porque todos os sabiam productivos em suas mãos, todos quinhoavam da riqueza. Ella accumulava o capital em beneficio do trabalho, não o dissipava na nobreza irritante do fausto, o capital em suas mãos permittia o que disperso jámais poderia realisar. As suas quintas eram escolas agricolas de que todos aproveitavam, os seus haveres o melhor banco do pequeno proprietario, e a sua caridade o manto a que sempre se acolhia o desvalido seguro de ser soccorrido: o trabalho na saude, o dinheiro para o amanho da terra, o auxilio na difficuldade, o hospital que ella quasi sustentava a expensas suas, tudo facultava modesta e liberalmente.

E essa senhora tão rica dizem que teve por vezes difficuldades de dinheiro, nas loucuras dos empreendimentos a que se abalançou para dar trabalho aos seus conterraneos.

Nas suas propriedades havia sempre obras, mesmo realisadas com o intuito unico de racultar o auxilio do trabalho — o melhor de todos os auxilios.

A este proposito ha um factio curioso. A D. Antonia gostava mais de dar o trabalho do que a esmola: esta ia para os invalidos. Os trabalhadores velhos, que pouco faziam e todos recusavam, encontraram acolhida na sua quinta de Travassos, a quinta onde vivera o pae, e que ella convertera n'um hospicio de soccorro aos provecitos.

N'aquella quinta, quasi jardim, havia ordem para empregar de preferencia os velhos. E elles por lá andam agora vagarosos, aos cardumes, saudosos da sua boa senhora, que já não vê o rebentar da vinha!

Como todas as mulheres tocadas do genio era verdadeiramente superior e completa. Sentia os negocios; e em assumptos de administração ninguem como ella tinha a *videncia* a largos prazos. Negociando por milhares de contos não consta que jámais perdesse um talão nas suas vastas operações mercantis. Para isso mesmo concorria o tipo com que sabia escolher os seus empregados e a enorme força que lhes dava. Não entrou nunca, nem queria entrar em syndicatos, negocios de banco, ou jogo de fundos. A sua fortuna não foi feita por deslocação de bens; não foi arrancada ás mãos dos que trabalham e capitalisam a pequena economia, que depois vae ser condensada em mãos dos poderosos nos habeis movimentos de bolsa; a sua fortuna não representa as lagrimas de ninguem. Foi feita convertendo em oiro o uberrimo schisto do seu Doiro, arroteando montes do sopé á cumeada, luctando heroicamente contra os flagellos que assolaram a vinha, levantando o credito dos vinhos do Porto, dando trabalho — e muito trabalho — e deixando que á sua sombra protectora prosperasse o trabalhador, e se constituissem pequenas fortunas. Foi uma enorme força organisadora de riqueza.

Por isso, como nos bons tempos feudaes, quando na sua capella de Santa Joanna das Nogueiras ella dormia a primeira noite do eterno somno á enorme multidão dos seus visinhos, dos seus companheiros de trabalho, desfilou reverente e commovida para beijar a mão d'onde tanto bem se havia desprendido.

Abençoada a riqueza que o trabalhador bem diz!

IDÉAS E SENSACÕES

A phrase de Bonald deve ser modificada: — o homem é uma intelligencia «trahida por órgãos.
— Passou a época da invasão dos barbaros; estamos no tempo da invasão dos saltimbancos.

GONCOURTS.

ERRATA

Por lapso da revisão sahiu no nosso ultimo numero, por baixo da photogravura dos *Atiradores civis*, *Exercicios de pau* em vez de *Exercicios de esgrima de bayoneta*.
Vá lá mais esse peccado á nossa consciencia.

TYPOGRAPHIA E STEREOTYPIA MODERNA

Apostolos, 11, 1.º — LISBOA

As excentricidades americanas. Celebrou-se ha dias na Nova Jersey o casamento do director de uma *ménagerie* com a domadora. Os noivos installaram-se, para receber a benção nupcial, na gaiola dos leões. Mas o *clergyman* ficou, prudentemente, do lado de fóra da grade.

× Uma receita. *Meringues de chocolate*. — Meio de utilizar as claras d'ovo. — Batem-se em neve dura 2 ou 3 claras d'ovo. Mistura-se depois a esta neve uma colherada d'assucar e uma de chocolate raspado, por cada clara d'ovo; bate-se vivamente durante 10 minutos. Com esta massa formam-se pequenos bolos, que se põem em cima de uma placa de folha e se mettem no forno. Bastam 15 minutos para se cozerem a um fogo brando.

× O que será a exposição de Paris em 1900. As grandes festas far-se-hão, como na exposição de 1889, no Campo de Marte. Reservaram-se espaços livres, parques e jardins, proprios para receberem ao ar livre a multidão dos visitantes. Em todo o circuito do jardim haverá terraços de circulação, no rez-do-chão e no primeiro andar. Do alto d'esse andar, a vista abrangerá o panorama feerico do Campo de Marte e do Trocadéro, que será illuminado, de noite, por efeitos combinados de luz e d'agua. O palacio da Electricidade será um palacio de vidro, resplandecendo, á noite, como um pharol gigantesco.

D'entre os projectos de varias novidades, apresentados ao governo francez, destacam-se: um balão captivo subindo a 1:000 metros; grande telescopio refractor; panoramas da Volta do Mundo; os exploradores do seculo XIX; a coroação do czar; palacio das mulheres; esphera celeste de 50 metros de diametro; um projecto de theatro antigo onde se poderá ouvir Soplodes e Aristophanes; uma grande pyramide do Egypto; as cataractas do Niagara, os jardins suspensos de Babylonia.

No numero dos projectos estranhos ou burlescos: o carro de Amphitrite; a bocca de Paris em tamanho natural; os jantares servidos a Sardanapalo; e, enfim, um guarda-chuva universal servindo para cobrir todo o globo terrestre!

As despesas feitas com a exposição devem elevar-se a vinte mil contos de réis!

× Uma gata que esqueceu á morte. Toda a gente sabe que o gato póde viver de dez a doze annos, havendo comtudo alguns que chegam aos deseseis. Mas estes eram, até hoje, considerados como os Mathusalém da raça felina.

Comtudo existe ainda uma gata que nasceu em 1868, contando, portanto, a esta hora, vinte e oito primaveras. É propriedade do porteiro do palacio de Rambouillet.

Tem dado á luz duzentos filhos.

O QUE SE DEVE JANTAR

(Vidé n.º 2 do nosso Jornal)

DOMINGO. — Sopa julianna feita em substancia de carne. Frituras de miollos. Pargo cosido com molho de manteiga derretida e summo de limão. Perna de carneiro assada á caçadora. Ervilhas tórtas á ingleza. Dôce — Arroz do Japão.

SEGUNDA FEIRA. — Sopa de macarronete. Croquetes de vaca. Pescada cosida com molho branco. Codornizes assadas com agriões. Couves de Bruxellas, com molho de manteiga negra. Dôce — Puding de gabinete.

TERÇA FEIRA. — Purée de grão. Filetes de pescada. Carne de vacca estufada guarnição á jardineira. Costelletes de carneiro salteadas. Alcachofras recheiadas. Dôce — Leite crême.

QUARTA FEIRA. — Purée de azedas e batatas. Pasteis de peixe. Borrachos com ervilhas. Esperregado de espinafres com ovos cosidos. Dôce — Omellete queimada.

QUINTA FEIRA. — Sopa de ervilhas e cenouras em substancia de carne. Pargo cozido com arroz. Vitella estofada com cebollinhas. Frango assado com sallada. Cardos com molho branco. Dôce — Puding de pão.

SEXTA FEIRA. — Purée de feijão branco e hortaliça. Rui-vo guizados com ervilhas. Vol-au-vent de bacalhau. Linguados fritos. Espargo com azeite e vinagre. Dôce — Sonhos.

SABBADO. — Sopa de massa fria. Carne cozida com guarnição de hortaliças e molho á flamenga. Frango de fricassé. Costelletes de carneiro grelhadas com esperregado de azedas. Broculos em molho branco. Dôce — Puding de batata.

Na proxima semana darêmos a receita do *Coelho á caçadora* e do *molho á flamenga*.

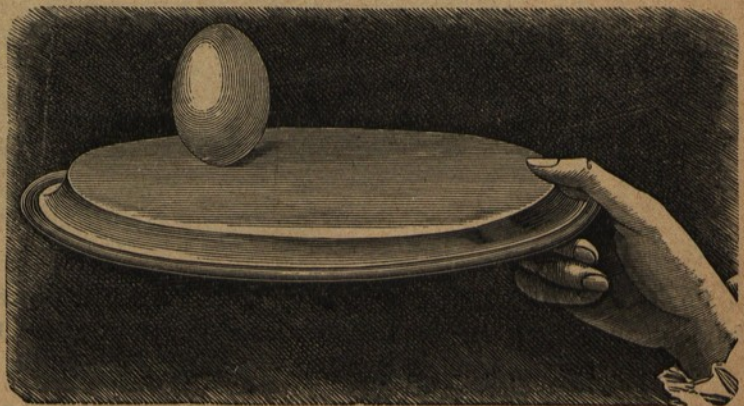
RECEITA PARA LIMPAR RENDAS PRETAS, FITAS E VELLUDO PRETO

Embebem-se as rendas em cerveja, retiram-se e apertam-se bem nas mãos, para as seccar, e passam-se a ferro pelo avesso, em quanto humidas, tendo o cuidado de pôr um papel de seda entre ellas e o ferro. — Ao velludo preto quando já amachucado e com a côr perdida, também se lhe dá a apparencia de muito mais novo, passando-lhe pelo avesso uma esponja humedecida em cerveja e passando-o ao ferro depois (pelo avesso bem entendido) estando duas pessoas a segurarem cada uma das extremidades para o conservar bem liso.

SECÇÃO RECREATIVA

EXPERIENCIA

Colloca-se um ovo cosido no fundo bem polido d'um prato, ao qual se vae dando um movimento circular horisontal, cada vez mais rapido. O ovo, que a principio estava deitado no meio do prato, sendo impulsinado por este movimento, vae-se levantando, começa a girar sobre o seu eixo e acaba por tomar a posição vertical, como se fosse um pião. — Se houver difficuldade, por falta de destreza, em fazer a experiencia, como fica indicada, põe-se o prato sobre uma mesa, com um bocado para fóra, de modo que possa ser agarrado promptamente; depois, com o dedo polle-gar da mão esquerda e o indicador da direita, collocados parallelamente, e ficando o ovo entre elles, imprime-se-lhe um vigoroso movimento de rotação. O ovo começa a girar; em seguida pega-se no prato e continua-se esse movimento.



(Extrahido da obra em publicação, *A Chave da Sciencia*, de Travassos Lopes)

BRANCO E NEGRO

SEMENARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

Redacção e Administração — Rua Augusta, 47, 2.º andar — LISBOA

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1\$100 réis	2\$200 réis
Africa Portuguesa.....	650 »	1\$300 »	2\$600 »
Estrangeiro (paizes da União Postal.....)	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$050 réis	2\$100 réis	4\$200 réis

BARBOSA DE MAGALHAES. — Codigo completo do Processo Commercial, annotado. Tomo I, 1 vol. br. 1\$000 réis. Enc. 1\$200 réis. (O tomo II e ultimo sae em junho).

ROMANCE DE MULHER, por P. Mael, traducção de José Sarmento, 1 vol. de pag., 100 réis.

ALVES MENDES. — Santo Antonio, discurso. O mais extraordinario até hoje proferido por este grande orador, 300 réis.

NESTE VALLE DE LÁGRIMAS, o melhor livro de Silva Pinto. 1 vol. br. 500 réis.

COLLECCÃO ECONOMICA. — Romances dos melhores auctores estrangeiros traduzidos em portuguez. Volumes de 240 a 400 paginas, a 100 réis. A publicação mais barata que em Portugal se tem feito.

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO. — Esplendida edição de amator, em papel de linho, a 1\$000 réis o volume. Sae o 1.º volume em abril.

ESGRIMA. — Manual theorico e pratico da esgrima de florete, espada e sabre, pelo professor Antonio Pinto Martins. 1 vol. com gravuras, br. 800 rs. Enc. 1\$000.

NA AZENHA, contos de Marcellino Mesquita. 1 vol. br. 500 réis.

EPILEPSIAS E PSEUDO EPILEPSIAS, pelo dr. Miguel Bombarda. Livro indispensavel a todos os medicos e a todos os advogados, delegados e juizes de direito. 1 vol. br. 1\$000, enc. 1\$200 réis.

GYMNASTICA. — Manual completo de gymnastica por D. Miguel de Alarcão. 1 vol. com gravuras br. 800 réis, enc. 1\$000 réis.

ROMANCES a 100 réis o volume na esplendida — COLLECCÃO ECONOMICA. Onze volumes já publicados. Saem 2 volumes por mez.

O DISTILLADOR PRATICO. — Tratado completo de distillação, por Ch. Vigneron, traduzido em portuguez. O livro mais claro e mais pratico que existe sobre este assumpto. 500 réis.

ROMANCE D'UM RAPAZ POBRE



Por OCTAVIO FEUILLET, traducção de CAMILLO CASTELLO BRANCO, 1 volume, edição de grande luxo, ricamente illustrada. PREÇO 3\$200 RÉIS.

A' venda na Livraria PEREIRA — Rua Augusta, 50 a 54 LISBOA,

BRANCO E NEGRO

9





VITRAES

Decoração de chateaux, palacetes, villas, chalets, egrejas, capellas, etc.

GENERO ANTIGO E MODERNO

Imitações dos vitraes dos seculos XII e XIV até á epoca actual, VITRAES ARTISTICOS, segundo aguarellas dos principaes artistas portuguezes.

*PINTURA A FOGO INALTERAVEL,
FIGURAS ALLEGORICAS, BRAZÕES E MEDALHÕES*

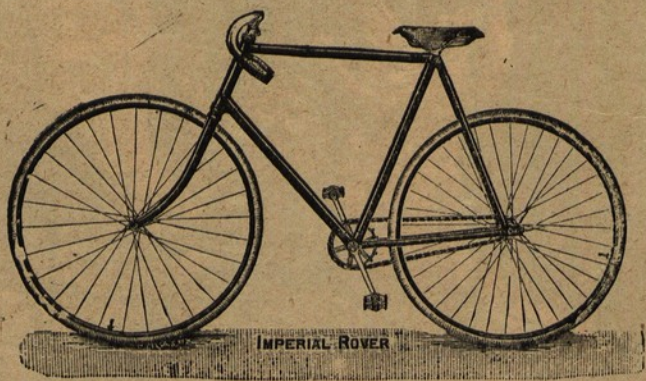
VITRAES para casas de jantar, gabinetes, salões, salas de bilhar, salas de armas, bibliothecas, vestibulos, escadas, jardins de inverno, etc.

VIDROS GRANULADOS E LISOS

Carta a J. CABRAL, Arco do Bandeira, 86, 5.º, E.

IMPERIAL ROVER

Pecam cartazes illustrados
dos "Rovers"



Fortaleza, elegancia,
ligeireza

Esta marca está causando uma certa revolução no meio velocipedico, porque ainda não veio ao mercado até hoje uma machina de melhor seguimento, reunindo um acabamento esculpulo e uma solidez sem egual.

CASA FAVORITA

DE

F. SANTOS DINIZ

51 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 51

(AVENIDA DA LIBERDADE)

LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMENARIO ILLUSTRADO

N.º 4

LISBOA, 26 DE ABRIL DE 1896

1.º ANNO

A PROCISSÃO DA SAUDE



SENHORA da Saude! Senhora da Saude!

Tive logo de manhã, lá em casa, o rumor primeiro da tua esta, em certo alvoroço com que antes da hora senti vozes no prédio, e antes da hora fui acordado bruscamente pela luz que de um jacto me inundou o quarto — mostrando-me o teu dia:

— Senhora da Saude! Senhora da Saude!

Ah, perfeitamente! Vamos lá ter com essa madrugadora que d'aqui a pouco anla na rua — á hora a que de ordinario, consoante os habitos lisboetas, meia Lisboa dorme ainda... A pé! a pé!

E que pena, virgem santa, que não saias do teu pequenino oratorio da Mouraria senão uma vez por anno! Porque dada a devoção da capital pelo valor do teu eficaz patrocínio, desconfio, creio piamente, que uma revolução adviria aos habitos matinaes da população feminina, — esta definhada população que ás 11 e meia do dia assoma ás janellas e varandas — por pentear...

Senhora da Saude! Senhora da Saude!

Que formigueiro, por essas ruas! Convergem de toda a banda, para a linha annunciada do teu itinerario, os bandos alegres das mulheres, trajando de gala... E vê-se, pelo porte, pelo extasis de uma certa introversão que

se lhes adivinha, que é novidade aquelle chapeu, que é novidade aquelle vestido, que é novo, sobre a fimbria baixa, o breve sapatinho...

Senhora da Saude! Senhora da Saude!

Que immensa, infinita galeria de caras ao longo dos passeios, pelas janellas, nas escadas, aguardando a tua passagem!... Ao ar fresco da manhã, tremulam nas ruas do prestito as bandeiras; sobre a calçada, aqui, além, acolá, areia vermelha lembra as alegrias da sorte grande... E ha ramos de buxo fazendo tapete em certos pontos, e já sobre o parapeito das janellas assomam os taboleiros das petalas...

Ouve-se a musica... veem soldados a cavallo... debruçam-se nos balcões os bustos das raparigas...

Senhora da Saude! Senhora da Saude!

Vem garrida a tua festa, luzida e brilhante a guarda avançada do teu andor, que ao longe adivinho, juncado de flores, entre as alas douradas das lanternas...

Passam cavallos, que artilheiros montam... gente com opas azues e brancas... uma banda marcial... a fileira de *anjós*... musica... tropa... soldados com opas sobre as fardas, e velas em vez de espingardas... outra banda... mais tropa... agora o andor de S. Sebastião martyr, e logo atraz d'elle, em tropel, a chusma dos que lhe fizeram promessas... tres filas de marinheiros... continúa a legião dos teus confrades... passam *anjós*... chovem flôres...

Senhora da Saude! Senhora da Saude!

Eis-te, sorrindo, ao alto do teu bello andor, que parece um enorme *bouquet*, bello, viçoso, primaveril, como o não tens melhor lá no ceu...

Salvè rainha... E' da côr do mar o teu manto... mãe de misericórdia... juncado todo de estrellas, bordado todo de flores... vida, doçura, esperança nossa...

Senhora da Saude! Senhora da Saude!

... Salvè!

... e crede, Senhora, que se em toda essa devoção ha um pouco de medo, tambem em todo esse medo... a vós bradamos... ha um pouco de devoção...

TRINDADE COELHO.

OS NOIVOS



VAE apparecer, em edição completamente refundida, este romance do illustre escriptor Teixeira de Queiroz, mais conhecido nas letras pelo pseudonymo de *Bento Moreno*.

Teixeira de Queiroz é um temperamento de verdadeiro artista, de larga psychologia, accentuando bem os mais leves traços dos personagens e dando-lhes o caracter predominante da raça portugueza. Já na sua *Comedia do Campo* os typos são de uma verdade flagrante, pois que se topam a cada passo na vida; e a *Comedia Burgueza*, analyse minuciosa e tão bem feita da classe media da nossa sociedade, é, na tenção de Balsac ao dar as grandes paginas da *Comedia Humana*, uma fiel reproducção dos variados recantos e arestas d'esta existencia postíça que muita gente por ahí leva.

A sua obra de escriptor, apezar de não muito grande ainda, é, comtudo, sufficiente para se poder avaliar do seu talento e das suas qualidades raras de romancista, esse difficil genero de litteratura em que Portugal é tão pobre.

Publicando o retrato de Teixeira de Queiroz, e um excerpto do seu livro prestes a apparecer prestamos a nossa homenagem incondicional ao grande artista do *D. Agostinho*.

EM CINTRA

Os primeiros dias passaram-nos recolhidos n'uma intimidade egoísta. Comiam alli mesmo no quarto, n'uma pequena mesa coberta por uma toalha de linho fresco, collocada perto da janella, para verem a extensão dos campos, o que lhes saciava o espirito. Tinham frequentes momentos de silencio, durante os quaes mastigavam muito

sérios, olhando incomprehendidamente um para o outro, com ternura vaga. A's vezes, Arminda, sorria-se com expressão de pudor e perguntava a seu marido, d'um modo gracioso e amante, com delicadeza ingenua: «em que estás tu a pensar?»; «porque olhas tanto para mim?!» Elle respondia-lhe fingindo occultar-lhe qualquer segredo que ella devesse ignorar: «nada, é cá uma coisa...» e continuava a sobrepor camadas de manteiga em fatias de pão, que mastigava de vagar, sorrindo.

Este isolamento systematico em que se tinham collocado, era uma exigencia amorosa das suas organizações. A' mesa redonda reunia-se, em alguns dias, muita gente que ia de Lisboa, jantar a Cintra. Todos fallavam e riam

vulgarmente, com gargalhadas banaes, contando aneddotas. Arminda não poderia decerto supportar os olhares curiosos e offensivos d'essas pessoas que comiam de um modo brutal, com o appetite guloso de esfomeados pelo longo passeio. Tanto Gustavo como sua mulher, se incomodariam com isto: — tinham certa vergonha em se expôr ás observações obscenas, que esses hospedes de um dia poderiam fazer, sabendo que elles eram noivos. A mesma presença da unica criada que os servia — uma cheia de sardas, magra, a quem se sentiam as omoplatas, através do casebeque branco — julgavam importuna e inconveniente. Os olhares d'essa mulher pareciam intencionaes, quando com um sorriso proprio da sua expressão de myope, relanceava a vista sobre a larga cama, onde elles dormiam. Por isso é que principiavam a considerar a sua permanencia no quarto, enquanto jantavam, como uma interrupção no amor, uma quebra de fidelidade, a primeira falta aos juramentos reciprocos. Por isso Gustavo, para evitar que a rapariga do casebeque branco estivesse a olhar muito para elles, disse-lhe com certa pronuncia ligeiramente submissa, não a querendo offender:

— Olhe, traga tudo de uma vez, que é melhor. Escusa de andar para baixo e para cima. Poderão precisar de si lá para outros serviços. Nós agora não queremos mais nada. . .

— Pois sim, senhores, se precisarem, toquem a campainha que eu venho logo — instruiu a criada saindo.

— E' verdade, nós podemos tocar a campainha sendo necessario — concordou Gustavo, quasi agradecido.

E em tom confidencial, intimo, disse para Arminda, fechando a porta por dentro:

— Assim é melhor, muito melhor, não achas? Ficamos mais á vontade. A rapariga olhava tanto para a gente, que me estava a metter raiva. . .

E vinham-lhes, quando assim ficavam sós, momentos tão imperiosos de amor, que paravam de comer, com o fim de se beijarem reciprocamente, ficando por muito tempo unidos, em contacto profundo e demorado. Algumas vezes, em lugar de se conservarem em frente um do outro, comendo sensatamente, mudava elle a sua cadeira para o lado d'ella. D'este modo collocados, podiam mais facilmente abraçar se conservando se em longo effluvio, silenciosos, n'uma intimidade avara, absorvendo-se um no outro. . . E de tal modo se esqueciam de tudo, que deixavam arrefecer a comida nos pratos, ficando ás vezes com fome!

Até se deitarem, passavam a noite sentados no mesmo vão da janella, com os joelhos em contacto, conversando de coisa agradaveis. A's vezes, Arminda levantava-se da cadeira para o collo de Gustavo, ficando ambos silenciosos, com as caras unidas, os olhos fechados. . . na idéa de uma morte nupcial, sobre um leito de violetas roxas. Passavam assim tempos infinitos ao pé da janella: — a profundeza da campina, o silencio mysterioso da noite, a plangencia terna e vaga que vinha da vastidão infinita do céu, o marulho desvanecido das ondas que se ouviam a distancia. . . era a indecifavel orchestra da natureza que os lançava n'um sonhar delicioso, inoculando-lhes, como n'um virus, o profundo desejo de gozo!. . . E quando o momento physiologico do cançasso os enlanguescia, Arminda, sempre desejosa de ouvir a voz amante do seu Gustavo, em cuja expressão encontrava melodias celestias e descobria sensações inexprimiveis, perguntou:

— Para que lado é Mafra?

Elle designou, sem pensar, o indeterminado d'aquella noite sensual:

— P'rá colá. . .

Depois, n'uma voz mais positiva, olhando mais á esquerda para o lado d'onde vinha um murmurio permanente, acrescentou:

— E p'ra'li a Ericeira.

Arminda, com o fim de melhor confundir os desejos de Gustavo com os seus, consultou-o de novo:

— Havemos de ir uma vez á Ericeira, sim?

— Pois sim, havemos de ir — prometteu o marido, na mesma cadencia, parecendo o som da mesma voz que se continuasse.

Como n'esse mez ainda estava muito pouca gente em Cintra, no primeiro dia em que saíram, planejaram passear para os jardins da Pena, procurando alli calculadamente as sombras mais recatadas, amorosas e convidativas. Por entre pinheirões, por entre flores e por entre penedos, foram sempre ao acaso, sem intenção de ver, sem proposito de admirar, escondendo-se nos sitios mais escusos, separando se acintosamente dos raros visitantes que encontravam.

Durante estes passeios conversavam muito pouco, preferiam andar n'um silencio sonhador, fixando a vista em pontos indeterminados, n'um aspecto de melancolia deleitosa, cheia de superiores encantos. Consultavam-se, ácerca de coisas triviaes, só com o fim de se encontrarem nos mesmos pensamentos. E logo que essa risonha coincidencia se dava, sentiam na verificação, uma delicia cheia de languidez, porque no fundo mysterioso d'este acontecimento inexplicado, viam sempre o seu amor, esse grande e magnetico poder, que os conservava unidos e contentes.

Um dia, no qual Gustavo, com a tendencia apathica da sua organização, começou a fallar do futuro conjugal, do conchego da casa em que viveriam, dos intensos attractivos da ordem no interior, Arminda sentiu alguma fadiga cerebral, certo aborrecimento. . . Não estavam assim bem n'aquella vida descuidosa de hotel? Não era melhor do que verem se constantemente obrigados a suspenderem o amor por causa dos infimos cuidados domesticos? . . . E interrompeu-o:

— Deixa lá. . . São coisas para depois. . .

E no intuito de afastar prosaicas lembranças perguntou:

— Trazes ahí a *Graziella*? Podia-se ler um bocadinho.

Gustavo não tinha trazido a *Graziella*. Porém, como á vista d'elles, andava sempre um velho astmatico, que os seguia de longe, á espera d'alguma gorgeta, chamou-o para que fosse ao hotel buscar o livro que ficára sobre a commoda do quarto; e com o fim de confirmar a ordem, entregou-lhe um bilhete de visita.

O homem, querendo-se mostrar interessado e perspícaz, importunou o com a sua voz nasal:

— No Victor? Vossas excellencias estão no Victor?

— Sim, já te disse que no Victor — respondeu o marido de Arminda enfadado.

Chegou o romance desejado. Gustavo principiou a ler de um modo brando e reflectido, com voz cadente, como um murmurio. Queriam entender absolutamente, penetrar-se do profundo espirito amoroso e triste d'aquellas paginas eloquentes, filhas d'um coração purissimo de poeta.

Arminda, a cabeça ligeiramente inclinada sobre o hombro de seu marido, escutava absorvida n'um extasis de admiração. Tinha, nos lances infelizes, um rosto contristado; lagrimas sinceras e candidas nas impetuosas apostrophes da paixão. Assim unida a seu esposo comprehendia-lhe melhor as intimas sensações do seu peito d'elle. Esta excitação da leitura dava-lhe ensejo de surprehender, quanto de profundamente apaixonado havia n'aquelle peito amante.

Gustavo lembrára-se de trazer este romance, por ter reconhecido, com a sua intuição de noivo, que nenhum outro dos que tinha lido, poderia melhor sustentar a poetica sensibilidade do coração da sua Arminda, no meio d'aquelles logares alpestres. Era n'este evangelho que tinha aprendido os maiores segredos do sentimento, era elle que o iniciára na linguagem da paixão melancolica, aerea e sublime! Só atravez da *Graziella* podera perceber a eterna felicidade dos que passam a vida inteiramente no desejo infinito, nunca saciado. . .

AS SOCIEDADES PORTUGUEZAS PARA EDUCAÇÃO FÍSICA *

II

O PASSEIO DO VELO-CLUB

No mesmo dia em que a *Associação dos atiradores civis «Estrella,»* sahi para a excursão de que já tratamos no nosso 2.º n.º, sahia tambem o Velo-Club em numero de 72 socios cyclistas, com destino a Queluz no seu primeiro passeio official. E' o mais importante passeio que até hoje tem sido empreendido por Clubs portuguezes; e da sua boa organização, da ordem e disciplina durante a marcha, sem ter occorrido incidente desagradavel, depôz a favor a ambulancia... que não chegou a servir.



SOCIOS DO VELO-CLUB

Não é porém aquelle o numero total de socios, mas sim aproximadamente seis vezes esse numero, pois que já excede de 400. E' uma das sociedades mais fortemente organisadas e bem dirigidas de Lisboa. O arranjo dos seus salões (pavimento nobre do Colyseu dos Recreios), o primeiro sarau, a organização d'este passeio e do almoço em Queluz, são documentos honrosissimos da actividade e dedicação dos actuaes directores.

Projecta-se para o mez de maio proximo, um segundo passeio, e n'outro domingo, corridas em velocipedes.

Por essa occasião, e acompanhando as estampas respectivas, fallaremos detidamente da organização e fins d'este Club. Tambem se realizará novo sarau no mesmo mez.

Emfim, por hoje nada mais dizemos, pois que não é nossa intenção, nem o espaço nos permitiria, ir além d'estas singelas palavras com que apresentamos os dignos socios cyclistas... no largo de Queluz.

HENRIQUE DAS NEVES

* O artigo, do 2.º n.º, quer pelas considerações geraes, quer pela ordem chronologica, fica considerado como o 1.º d'esta serie; por isso conservamos, n'este segundo artigo, o titulo generico tirado do primeiro.

PRIMEIROS FRUCTOS

Sob a frescura deliciosa dos ramos, perto d'agua, na manhã de um dia quente, ella desceu ao jardim, com o largo chapeu de palha de fitas escarlates e nos labios um lindo sorriso de alegria.

D'oiro fôsko, as nesperas: — pôdem comer-se já. Rijos ainda os pecegos tostados... De um ramo alto, a passarada enviou-lhe os bons dias. Conhecem-a; primavera vinda é a sua companheira habitual das manhãs bellas. Espreita de cima um melro, os seus seios córados; e foge pelo ar fóra, cantando um epithalamio, feliz como noivo desejado.

Mas, emquanto enterra a unha côr de rosa no perfumado fructo, vae-se o seu sorriso diluindo no sonho vago de um desejo. Aos primeiros calôres, casará na egreja d'aldeia; vê-se já toda de branco, por caminhos aromados de baunilha, encostada a um coração que baterá por si, na volta d'esse dia feliz. E pergunta ás suas illusões, docemente, que sensação experimentará, no outro anno, ao rebentar dos outros primeiros fructos...





HISTORIAS PARA CRIANÇAS

Um homem que não tinha onde cair morto, meteu-se a caminho abandonando a sua terra, em busca de fortuna.

Ia batendo á porta das herdades e ninguem lhe dava que fazer. Por fim, ao cabo de um penoso dia, encontrou quem o recolhesse para o amanho das terras.

Tinha o homem por cama um monte de feno e por albergue um curral. A' noite quando começou a rilhar uma codea de pão duro viu na parede uma grande aranha, que descia vagarosamente.

— Olá! disse elle. Desça, faça favor, e venha sentar-se ao pé de mim.

A aranha assim fez. E de alegre companhia os dois comeram o *pão amassado pelo diabo*.

Continuou isto por muito tempo, até que a *fortuna* do homemsinho prosperou e em pouco tempo se viu mais que remediado.

Tomou, pois, ao seu serviço uma criada, e disse-lhe:

— Ouças o que ouvires, não dês cavaco. Cala e obedece.

A creada assim fez. Ouvia falar-lhe e não via ninguem.

Mas como não era supersticiosa deixou correr o marfim.

Um dia o pae do nosso homem convidou-o para ir assistir a uma grande festança lá na terra.

E como lhe tinham contado que o filho casára, convidava tambem a mulher.

— Esta é uma dos diabos, disse consigo o camponez. Eu não posso levar a aranha, porque se ririam todos de mim. Ah! já sei, levo a criada e faço-a passar por minha esposa.

Coisa pensada, coisa feita.

A creada não cabia em si de contente; ria, cantava, pulava pela casa. N'isto, ouviu a *voz* da aranha, que lhe dizia:

— Vae comprar dois saccos de milho. Dirige-te a um grande palacio que ha no fim da aldeia; bate á porta e entra logo. Has-de vêr dois gallos enormes, brancos, com uma fitinha verde ao pescoço; dá-lhes todo o milho, que elles te deixarão entrar. Na primeira sala que encontrares verás um vestido: veste-o. Na segunda, verás um fato de homem: tral-o contigo.

A creada foi e tudo se passou como a aranha tinha dito. Quando o camponio regressou a casa ficou maravilhado com o vestido sumptuoso da creada; e mais embasbacado ficou quando ella lhe deu o fato que a aranha lhe destinára.

N'isto parou á porta uma elegante sége, puxada por fogosos cavallos.

Saltou de dentro uma mulher, linda como os anjos, que disse ao misero aldeão:

— Eu era uma princeza encantada. Só um homem muito leal me poderia quebrar o encanto. Achei-o: esse homem és tu.

Muita festa para a festa, o nosso heroe ficou sendo principe e lá se foi, atirando dinheiro ás mãos cheias, visitar o velho pae.

— E a creada? estão já d'ahi a perguntar os petizes.

A creada ficou sendo a aia da princeza.

Por onde se vê, meus meninos, que a perseverança, o amor ao trabalho e muito principalmente a lealdade, fazem a felicidade n'este mundo.



D. MARIA PIA

ter sido sempre uma verdadeira rainha.

COM uma actividade infatigavel e um grande amor desinteressado pelo bem da humanidade, Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia doou Lisboa com um confortavel estabelecimento onde são recebidos os soldados vindos do clima torrido da Africa, extenuados pelas febres e pelas luctas, defendendo a bandeira da Patria.

Esta generosa ideia e, do mesmo passo, a piedosa recordação que o titulo dado ao estabelecimento evoca, eleva ainda mais a figura da Rainha que soube sempre conservar-se, acima de tudo, mulher cariciosa e boa, consolando os infortunios e estendendo por sobre a grande camada miseravel a sua occulta e valiosa protecção. A Caridade não precisa que a exaltem; a Caridade é uma flôr mysteriosa que desabrocha na sombra e com a sombra vive; o seu perfume não estonteia, — é casto e leve, dá tranquillidade á alma e revigora a consciencia.

Lembrança abençoada! No rude peito do soldado portuguez, bate de certo um coração reconhecido; elle não precisa da gala da ostentação para affrontar a morte sem receio; ganha honrarias obscuras e ignoradas, levanta monumentos de gloria, ergue triumphante o nome da nação; e passa na vida, mysterioso como uma sombra, sem que o pregão da fama retumbe o seu nome aos quatro ventos. Mas o que nunca esquecerá, o que ha-de preencher as suas noites de velhice tranquilla, o que ha-de contar ao fogo claro da lareira, será a historia de uma rainha que lhe deu calmos momentos de bem estar e uma grande suavidade de vida, sob as suas quentes azas de Mãe de todos.

Póde a Rainha virtuosa dormir as suas noites sem cuidados: a bondade amavel do povo portuguez lembrará sempre, n'um grande fundo de respeito, aquella que é a companheira em todos os caminhos da Desgraça e que nunca deixou de ser uma verdadeira mulher apesar de

* * *

A ideia do Sanatorio D. Luiz I, que está installado no palacio da Mitra, ao campo de Santa Clara, foi planeada e posta em execução no curto praso de oito dias. Este quasi milagre deve-se ao dr. Garcia de Moraes, director d'aquelle estabelecimento e cirurgião-ajudante de artilheria 1 e á dedicada cooperação de sua ex.ma esposa.

A casa, espaçosa e bem batida pelo vento, fica n'um ponto d'onde se descobre um grande pedaço de rio. Apesar da sua construcção antiga, as obras ali mandadas fazer deram-lhe um ar alegre, com os seus azulejos antigos, muito claros e lavados; os tectos são apainelados, o que dá ás salas um aspecto de igreja de aldeia. Os soldados nunca pensaram, certo, que viria um dia em que estariam tão confortavelmente, tão rodeados de carinhos e de fidalga benevolencia. Não se sente ali a disciplina do quartel e do hospital, com horas certas de deitar, de passeiar e de dormir. Cada um faz o que quer, joga, vae para a cerca, dorme, fuma, passeia. Isto e, a nosso ver, a principal condição de cura, a que mais resultados praticos produz, porque põe o doente á vontade, deixa-o expandir-se, liberta-o de deveres pesados e desnecessarios n'aquelle local.

Dia sim, dia não, Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia manda para o Sanatorio docês e flôres e faz uma visita aos seus protegidos. Disse-nos o pessoal d'aquelle estabelecimento que Sua Magestade é inexcusavel de bondade e de dedicação, servindo os soldados ao jantar, animando os, a todos fallando uma linguagem simples e cheia de encanto, pondo-os absolutamente á vontade. E tal modo as attentões da Rainha tem captivado aquellos valentes ignorados que, estou certo, elles beijariam o chão por onde ella passa, com a profunda veneração que se tem diante do altar de uma Santa.

Em verdade, de todas as manifestações feitas aos expedicionarios d'Africa, — vivas, foguetes, charangas — nenhuma ficou, nenhuma trouxe resultados proficuos e praticos, a não ser esta, que tem uma alta significação e que permanecerá sempre de pé, como um padrão, attestando ao mesmo tempo a virtude de uma rainha e o heroismo do povo portuguez.

As refeições são sempre variadas; de manhã, ao almoço, café com leite e pão com manteiga; ao jantar, sopa, cosido, arroz, feijão guizado, carne e sobremeza (queijo, figos e vinho do Porto). E á noite, pouco mais ou menos o que comem ao jantar e vinho do Porto tambem. Além d'este regimen usual, soldados ha que, por fastio causado pela doença, comem o que lhes appetee.



UMA ENFERMARIA

Esta existencia, por assim dizer, livre e despreocupada, torna-os em pouco tempo aptos para a vida, sãos, c6rados, bem dispostos. E' curioso ouvir-os contar na sua pittoresca linguagem as diversas phases da campanha, o ataque dos pretos, a promptid6o e disciplina com que obedeciam 6s ordens de commando, — tudo isto com uma grande simplicidade, como se n6o se tratasse de verdadeiros actos de bravura, de verdadeiras batalhas travadas peito a peito, com a morte de perto, espreitando a cada passo.

Ha um que deve merecer a attenç6o dos poderes publicos pelo heroismo com que serviu a naç6o nos mais arriscados lances contra o inimigo. E' o soldado n.º 209, de caçadores 3, Manuel Antunes. Este valente foi ferido por uma bala que lhe entrou pelo nariz e lhe sahiu por uma face. L6 tem, bem marcada, a cicatriz honrosa que vale mais que todas as medalhas que possa ostentar no peito. E' um inutilizado para a vida. De vez em quando sahem-lhe pelo nariz pedaços de cartilagem da face, que elle guarda preciosamente n'um lenço vermelho d'Alcobaça, como um valioso troph6u. Contou-nos com toda a singeleza que n6o deu pelo ferimento e continuou a fazer fogo com a mesma coragem, como se nada tivesse. Foi um companheiro que o arrastou para f6ra da fileira, yendo o coberto de sangue. Sua Magestade a Rainha n6o precisa que ninguem lhe lembre, decerto, o que j6 ter6 sido suggerido ao seu coraç6o pela consciencia do bem realiado; no emtanto, o governo ou o parlamento bem poderiam tomar a iniciativa de se dar ao obscuro soldado a pens6o de sangue, que seria n'este caso a melhor de todas as recompensas.



FACHADA DO EDIFICIO



DR. GARCIA DE MORAES

O pessoal do *Sanatorio*, cuja amabilidade extrema nos penhorou 'profundamente, comprehendeu perfeitamente a ideia humanitaria que presidiu 6 installaç6o d'aquelle estabelecimento e trata com toda a affabilidade e doçura os pobres soldados doentes, que nos confessaram a gratid6o de que est6o possuidos, tecendo os maiores louvores a todos.

Eis os nomes d'esses cavalheiros: Placido Jos6 Souza, almoxarife; Jo6o Camillo Gomes de Mattos, empregado da secretaria; Henrique Florencio da Rocha de Souza Pinto, ajudante do almoxarife e Eduardo Ferreira da Silva, pharmaceutico.

Os *clich6s* sobre que foram feitas as photogravuras que damos n'este numero s6o devidas ao distincto photographo amator e nosso dedicado collaborador artistico sr. Julio Salles.

Por termos colhido demasiado tarde alguns apontamentos biographicos do dr. Garcia de Moraes, director do *Sanatorio*, dal-os-hemos, no nosso proximo numero, bem como mais uma photogravura d'aquelle util estabelecimento de beneficencia.

TRIOLET

(A D. C. A. M. S.)

E' sorriso feito fl6r,
ou fl6r feita sorriso?...
S6 sei que desmaia a c6r
de todas ao teu fulgor!
Eu por mim sinto um languor
que me faz turvar o sizo...
E's sorriso feito fl6r
ou fl6r feita sorriso?...

(Inedito).

GOMES LEAL.



O CULTO DA ARTE EM PORTUGAL

FOR

RAMALHO ORTIGÃO



Na morbida e irrequieta litteratura d'agora, cheia de anxiedades e atormentada de nevroses, sem refflorir d'esperança, allucinada e cynica, egoista e pessimista, esta figura litteraria, serena e affirmativa, rebentando n'uma plethorica saudavel e forte, adquire singulares relevos e desperta mal dissimuladas invejas que um soberbo desdem não consegue esconder.

O publico, farto de *détraqués* e de dóentios, cuja prevertida visão lhe descreve differentemente o que elle vê, divorcia-se cada vez mais d'esse bando de loucos e reserva todas as suas vivas sympathias para o escriptor poderoso das *Farpas*; adora, n'elle, esse formidavel e possante arcabouço de homem de letras cujos braços vigorosos foram os primeiros que metteram a garra forte do arado da critica na terra chistosa e endurecida do preconceito e passeiaram mais triumphalmente o seu riso sadio e claro, lembrando Courier e Rochefort, em roda da banalidade e do sentimentalismo de uma geração de romanticos. Foi elle que, nas *Farpas* ensinou, n'um regimen tonificador e salutar, a reagir contra a acanhada comprehensão esthetica da grande avalanche dos derreitados, choramingas e lamechas; foi elle o primeiro a erguer um grito de orgulhosa revolta contra a absorvente e enervante acção das nulidades consagradas do seu tempo, e que, atravez da quietação fradesca do artificio litterario fez correr um vento de profunda e humana verdade.

Ramalho é, por certo, de todos os escriptores portuguezes aquelle que marca uma maior coherencia entre o seu *typo* physico e a sua conformação espirital. Na sua prosa, movimentada e concisa, ondulante e polychroma, a cuja epiderme afloram rubores saos de vida e em cujo tecido gorgolleja um sangue vivo e rutilo, transparece a sua galharda figura, equilibrada e sã.

O *Culto da Arte em Portugal*, esse livro que vem pôr de novo em foco a individualidade original e pittoresca do escriptor em cujo silencio d'annos alguns queriam vêr uma abdicação litteraria, continua a afirmar e a fortalecer o logar proeminente que lhe pertencia de direito. E é de tal modo inteiriço e completo que não se logra perceber, atravez das suas paginas, que elle fóra ao principio um simples relatorio que o auctor apresentou á commissão dos monumentos e que depois alargado, abarcando maior campo d'acção, constituiu uma curiosa monographia d'arte. Estes trabalhos que ou resultem de inqueritos ou sejam fructo de missões especiaes, são lá fóra frequentissimos, em Portugal são fragmentarios e dispersos, feitos em notas d'acaso e artigos soltos, não tendo havido, até hoje, quem os reatasse.

Estamos, de resto, n'um paiz em que as coisas artisticas andam ao Deus dará. Os governos não se interessam por ellas, os jornaes andam sempre preocupados com os mexericos da politiquice de campanario; não ha revistas especiaes d'arte que advoguem esta causa com caloroso alvoreço.

Este livro, documentando esta miserrima situação, é, pois, um brado soltado por uma voz que a indifferença publica não conseguiu afogar. E' contra o gosto decorativo, pelintra e imitador, ignobil macaqueação franceza que o escriptor se insurge; e são sanguinolentas as feridas que o seu riso abre nas rotundas vaidades.

Nós temos, senão uma arte genuinamente portugueza, pelo menos elementos para a constituir e alentar; façamos todos por isso, resuscitemos algumas das velhas industrias artisticas nacionaes, como as tapeçarias d'Arroyos, que rivalisam com as de Gobelins, as lindas faianças azues do Rato, e esse velho estylo da marcenaria portugueza, tão linda e suggestiva, de que ha tão bellos exemplares nos contadores.

Temos tambem a arte de ourivesaria que ainda hoje mantem as tradições das officinas da Renascença; os trabalhos de lavrar e filigranar, tão notaveis; as maravilhas que se fazem por essas teares das aldeias do Minho; os aventaes de Vianna, os frescos linhos de Guimarães, as rendas de Peniche e de Villa do Conde, as olarias de Prado e de Extremoz, as faianças das Caldas, as serralherias de Sande, que produziam as mais bellas ferragens da Renascença.

Vae já longe, entre nós, o alvorecer do gosto pela obra d'arte. Ha no nosso paiz, principalmente em Lisboa e Porto, um numero relativamente grande de individuos que se interessam pela arte decorativa; e o commercio do bibelot é já um negocio desenvolvido e lucrativo. Para fóra de Portugal — posto a saque pelos agentes do South-Kensington — tem ido maravilhas d'arte, abroquelados por um preço miseravel, como o jarro e bacia cinzelados por Benevenuto Cellini e uma terrina de prata assignada Germain. Mas o peor defeito, ou desmazelo nosso não é esse: o que não vendemos estragamos! Quantas d'essas atrocidades citadas pelo auctor do *Culto da Arte em Portugal* não nos são narradas nas paginas do seu livro! A' ignorancia, muitas vezes, junta-se a malvadez, o prazer de desmanchar o que está feito, de destruir, de esphacelar! Para pôr cõbro a este desacato, urge que nos unamos, que façamos alguma coisa de util no sentido de não deixar que a picareta demolidora dos inesthetics destrua, pela inconsciencia e pela imbecilidade, o que ainda ha de bello e artistico em Portugal.

O sr. Ramalho Ortigão foi o primeiro a erguer o grito no *Culto da Arte em Portugal*. Para o propagar e enraizar bem em todos os espiritos, tornava-se preciso uma edição popularissima e barata, ao alcance de todas as bolsas, visto que a prosa, por clarissima, está ao alcance de todas as intelligencias. Tente o editor este empreendimento que não será baldado o seu empenho.

Assim, do mesmo passo que o scintillante ironista das *Farpas*, o arguto observador e admiravel prosador da *Hollanda*, enriquecia a litteratura portugueza com uma obra vigorosa e duradoura, o editor, auxiliando-o n'esta tentativa de revivencia da arte, prestava um enormissimo serviço ao paiz, fazendo irradiar por todos os recantos de Portugal, por um preço diminuto, essa outra Biblia da arte!

José SARMENTO.



HONTEM á noite, recebeu-se n'esta cidade a noticia do fallecimento de Marçal Pacheco. Pela manhã annunciaram telegrammas de Loulé que elle se achava na agonia. A tarde, porém, dizia-se que amigos seus receberam informações, dizendo ser gravissimo o seu estado, mas não desesperado. Foram mentirosos esses boatos! Quando corriam, a morte já o empolgára. Bruxuleava nos derradeiros clarões a luz d'aquelle grande espirito. E o pobre corpo, ha tantos annos desvestado de soffrimentos, aquietava-se no eterno repouso, no somno de que se não acorda mais!

Quem o visse, a Marçal Pacheco, não suppria que estava em pleno vigor da existencia aquelle homem, de cabellos brancos, curvado, andando de vagar, parecendo arrastar o peso de muitos annos. O indifferente que lhe falasse, não julgaria pela sua fala arrastada, palavras caindo-lhe espacadamente dos labios, olhos um tudo nada amoretcidos e movendo-se sob as palpebras arroxadas, que estava allí alguem ainda quasi na mocidade! Se os olhos são, na phrase do poeta, as janellas da alma, deveriam ser jorros de luz os clarões expellidos do seu olhar! A doenca porém, os desgostos, as luctas da vida, as susceptibilidades d'um animo finissimo, torturas moraes de longos annos, alquebraram aquelle corpo, e, dia a dia, o arrastaram para a beira da sepultura. A alma resentia-se d'esses abalos e soffrimentos. Periodos de amargura, de concentrada agonia moral, de duvida e de azedume, salteavam-no n'essas quadras de dôr. A enfermidade que lhe marasmava as forças não o deixava trabalhar. E, raro, Marçal Pacheco affirmava publicamente, no parlamento ou na imprensa, o seu extraordinario valor, a tempera do seu espirito vibrantissimo, fino e lampejante como a lamina d'uma espada, enroscando-se como uma cobra no argumento do adversario, ferindo-o com a vivacidade do ataque, pungindo-o com a mordacidade da ironia, deslumbrando-o com o resplendor da graça, estonteando-se pela argucia da subtilidade, dominando-o, vencendo-o! Grande e lumbosissimo talento, que não resplandeceu e fructificou tanto quanto valia porque Marçal Pacheco nasceu

poberrimo, teve de luctar muitos annos para adquirir uma posição em que se affirmasse, porque o seu infinito amor pelos seus, que elle estremecia até ao desvairamento quasi, o obrigou a labutar os melhores annos da vida — sabe Deus com que dôres! — para os ajudar, porque, quando, uma aragem da felicidade soprava em volta d'elle, a doenca se lhe assenhoreára do corpo e o fez viver, n'estes ultimos annos, tristissima e dolorosa vida! Ha oito annos que Marçal Pacheco casára. Era rica, formosa, cheia de bondade e ternura, a senhora a que se unira. Pois, por uma triste fatalidade, os seus padecimentos recrudesceram pouco depois do casamento, quando elle vivia doido de felicidade, amado, entregue ao seu amor, escorregadas as sombras negras dos dias maus! Nasceu-lhe o primeiro filho pouco depois de regressar do estrangeiro onde, fóra buscar allivio aos seus padecimentos. Como elle o adorava, que encanto era vê-lo enlevado no balbuciar dos labios infantis, tomando-o ao collo, beijando-o com soffreguidão nos cabellos! Nas horas de dôr, quando, no leito se estorcias desfigurado, livido, gottejando-lhe suor do rosto, gritando em arrancos que despedaçariam o coração mais insensivel, a dôr da alma era ainda maior que a do corpo. Deixal-a a ella, á pessoa que lhe dera na vida as maiores alegrias e socegos, deixal-o, ao seu filho! Ah! quem estas linhas escreve viu-o n'uma d'essas horas de indissolvel soffrimento. Nunca as podemos esquecer! E longe, d'aqui, reconstruindo na sua memoria o quadro angustioso d'então, parece-nos assistir a essa tremenda agonia em que o espirito havia de luctar desesperadamente, preso ao corpo, não por amor ao miseravel envólucro onde não havia fibra que não fosse dolorida, mas pelo horror de deixar para sempre aquelles que adorava tanto que era um fanatismo, quasi um excesso até, a paixão que a elles o prendia!

Repouse em paz. Nosso adversario não queremos recusar o preito da nossa admiração ao seu grande espirito, e deixar de manifestar a nossa tristeza pela sua morte. Repouse em paz, na sua terra querida, no cemiterio da sua aldeia, lá longe, n'um recanto do Algarve que elle amava tanto e de cuja natureza, dos seus campos, dos seus arvoredos, do seu mar que o embala, elle falava sempre com tanto enthusiasmo e com tanto amor. Recebam todos os seus, a expressão da nossa magua. Durma, repouse em paz!

JOSÉ D'ALPOIM.

NOTA. — Por nos ter sido impossivel arranjar um retrato moderno do notavel parlamentar, damos, em já antigo, tirado quando mais novo e mais robusto.

TRAGEDIA NO CAMPO

A hora do descanso, enquanto os outros se estiravam entre os trigos ainda por ceifar, amolecidos pelos calores, os dois sentaram-se a um lado, mesmo em frente da azenha, para combinarem a escolha do Grande Dia que havia de consagrar promessas feitas n'esse anno, na primeira romaria em que dansaram juntos. No silencio d'esse meio dia quente, sem um vôo d'ave no ar, sentia-se o bater dos corações, n'uma ancia doida dos sentidos, que lhes punha nas faces rosetas côr de fogo e lhes deliquescia o olhar n'uma languidez de sonhados prazeres castos, santificados pela lei de Deus. Vinha de longe, para elle, esse desejo de serena paz, um pequenino romance sem complicado enredo, branco e perfumado como agua correndo entre campos de trevo. Na sua rude imaginação de trabalhador, visionára sempre esse recanto luminoso e simples, sem tragedias, sem brigas, sem humilhações, levantando-se ao canto do primeiro gallo, pegando da enxada e indo, o dia inteiro, suar, suar sobre a terra querida que era o pão de sempre; e depois, cantando pelas estradas, ao acender dos primeiros lumes, recolher, apressado, ao calor da lareira onde o chamava a malga de caldo a fumejar, o sorriso da mulher, o gralhar dos pequenos — quem sabe? — tudo isto n'um pleno verão de amor. Isto sonhava e isto dizia, n'uma linguagem aspera como os callos das suas mãos, sem artificios porque os não sabia, entrecortando por vezes as palavras, — não a fosse ferir, — soletrando essa radiosa confissão de vida casta; ou então, calado, implorava-a n'um olhar que parecia querer lambe-lhe as mãos, como um podengo deitado aos pés do dono.

No rosto d'ella, impene-travel, não se podia lêr a impressão que essas palavras lhe causavam. Apenas as compridas pestanas tremiam de quando em quando, a um arfar de seio mais violento, e uma íntima commoção a vibrava n'um desejo vago e inconsciente, crispando-lhe as carnes como a uma rajada de nordeste.

Diziam-a volúvel e vaidosa, não fixando nunca o seu olhar e o seu amor, indo de um a outro, n'uma inconstancia de borboleta, mostrando sempre a côr azul dos seus sorrisos, n'um desprendimento que lhe abalava o nome honesto. Nos araaes, estrellava de alegria as danças á viola, ria de tudo, com um claro riso de creança, não subordinando as suas maneiras a nenhuma especie de criterio, deixando-se ir na onda do seu temperamento; mas se algum mais ousado, lhe furtava nos labios um rubro beijo que lhe escaldava o sangue, ficava muito pallida, com as azas do nariz a tremer, e nunca mais lhe fallava.

Aquelle, tímido e honesto, agradara-lhe logo, talvez porque a sua voz quebrada e melancolica, erguida para o luar, em noites de esfolhadas nas eiras, lhe fallava de passadas tristezas que o seu coração forte precisava abrigar e aquecer. E agora, quasi com a cabeça d'elle no regaço, tinha revoltas subitas do sangue, uma vaga incerteza de remorso, como uma mãe que fosse seduzir um filho. Na verdade, era bem um filho, amoroso e casto, passando as mãos pelos seus cabellos, sem uma cristação, n'um affago sereno, n'uma perfeita calma dos sentidos. Ao principio, quando se via junto d'ella, perturbava-o aquelle fresco aroma de carne, como uma bebida muito forte que lhe subisse á cabeça; e precisava de fechar os olhos, mergulhar no sonho da sua vida, d'onde resahia calmo, falando sem sobresaltos, com o olhar muito limpido e fixo, desfiando n'um luminoso traço a caricia de uma vida tranquilla.

Dir-se-hia que a agua que aos seus pés corria, múrmura e leve, lhes trazia a doce canção de uma existencia quieta e sem perigos. A roda do moinho cortava-a mansamente, fazendo-a cair d'alto com um ruido macio de perolas desfiadas. Ella pensava n'aquelle sol perpetuo que elle lhe entremostrava n'uma ingenuidade de inexperiente. E, mais fria, encarando melhor a vida aspera ficava-se a morder o beijo rubro, com os olhos perdidos n'esse futuro mysterioso, tentando perfurar a sombra inviolavel.



R. CHRISTINO
1890

— Queres ? perguntou-lhe elle, erguendo um pouco a cabeça.
 E cravava n'ella os olhos grandes e azues, de um transparente azul de porcelana.
 Ella disse que sim com a cabeça, sem o fitar, com a indiferença de quem não pensa o que diz. Continuava a olhar p'r'a' agua clara, como quem procura a solução de um pensamento torturante. Mas, de repente, pondo-se a pé, com uma intenção firme no olhar:

— Não, não ; é melhor esperarmos... Nada apressa... Tu és muito novo... eu sou muito nova...

E ao vê-lo com o rosto transtornado :

— Isto não é dizer que não. Quero pensar, vês, quero pensar isto bem.

Tinham-se levantado d'entre os trigos os ceifeiros. Cantigas atravessavam o ar.

D'olhos no chão elle continuou o seu trabalho, mesmo ali, pela beira do rio. E quando, á tardinha, Avè-Marias dadas, os camponezes começaram a vestir as jaquetas e a pôr ao hombro as foices, ninguem o viu no caminho d'aldeia, ninguem o viu mais n'aquelles sitios. Talvez a agua, múrmera e leve, em que a roda da azenha, espadando, parecia desfiar maciamente perolas, pudesse contar alguma coisa.

A arvore sob que elles se deitaram, n'aquella tarde quente, nunca mais ouviu as confidencias dos namorados. Solitaria, como atravessada por um vento de peste, nunca mais a sua cabelleira de folhas acompanhou o doce murmúrio das confissões soluçadas a mêdo.

DOMINGOS GUIMARÃES.

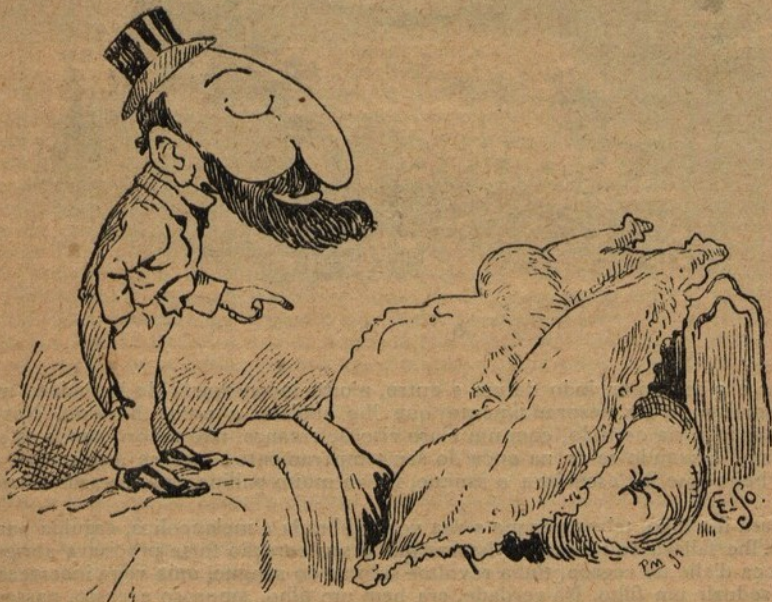


(CHRONICA)

QUE, afinal, são sete dias que não tem historia, — a não ser que eu lhes venha dizer que o sr. Alpoim está doente — lá está *messire* Burnay a rir — e que o cambio do Brazil está pela hora da morte.

De resto, por toda a parte preces : *ad petendam pluviam*, — Deus os ouça ; uns a pedir aos seus santos que o ministerio caia, outros a pedir que se conserve ; e a minha vizinha — muito senhora do seu nariz, sabem ? — a pedir que lhe saia a sorte grande e que o namorado passe ás quatro horas — por coisas que ella sabe. Tudo pede a esta hora em que pezam sobre nós os calores ; se até o maldito sapateiro me veio agora mesmo pedir que lhe pagasse as botas que trago. Como se eu andasse aqui a moirer para lhe sustentar os vicios ! Esta epidemia de preces ao Altissimo leva cada sexta-feira, á Graça, uma romaria de meninas hystericas e de velhas apegadas ás batinas fradescas. E' por intermedio do Senhor dos Passos que os pedidos vôm mais depressa aos pés de Deus. E é de ver a bonhomia com que o Santo alforja aquelles recadinhos lá p'ra cima e a grave auctoridade com que se permite attender á diversidade de promessas que lhe são feitas. E não se lembra, o bom do Santo, que o malvado anda desenfreado n'este mundo e que a mão que estende a divina é a mesma que recolhe logo a recompensa.

Perigos de andar lá pelas alturas.



Batem os jornaes a rebate por que um couraçado allemão está ciona nas aguas de Macau. Alguns permitem-se graves considerandos, embrenhando-se na meada internacional, pezando as consequencias de tão nefando acto ; lembram o caso da bahia de Kionga, piratarias, extorsões. A nossa ingenuidade e o nosso patriotismo exagerado levam-os a isto. Como se a Allemanha precisasse de nos mandar adiante o aviso, como pessoa bem creada, de que se ia apossar de alguma coisa que é nossa ou que occuparia um ponto para nos fazer damno — tal o caso d'hoje. Temos o coração muito perto da bocca ; onde está um ponto imperceptível nós vemos logo um borrão negro. Mas por agora, atiremos p'ra traz das costas com os cuidados visto as *Novidades*, órgão do Imperador Guilhermê, nos affirmarem — sob palavra d'honra, quasi — que não é intenção dos teutões engulir-nos d'esta vez.

Respiremos.

Foram prohibidos em Coimbra os espectaculos da Chiquita.

Esta noticia alarmante vinda a correr pelos arames, prova quanto os da Lusa-Athenas andam enfronhados no pudor. Mas eu estou em crer — não vejam n'isto sombra de melindre — que o principal protesto partiu mais das coisas inanimadas que das coisas vivas. Foi, por certo, a voz occulta da formosa e casta Ignez, a melodiosa harmonia dos choupaes, o chôro perlado da Rainha Santa que abriu mossas na consciencia da auctoridade e a fez subtrahir aos olhos ávidos dos meus queridos paliteiros esse estranho espectaculo de uma mulher expondo, no tablado, á luz offuscante dos lustres, toda a pouca-vergonha fim de seculo, requintada e cynica.

As nossas auctoridades, que são as primeiras, nos seus camarotes, a applaudir as nuances mais escabrosas de uma comedia fresca como neve que se dá no Gymnasio ou a atirar beijos — *in petto* — ás langorosas attitudes da Pepa no *Caluda, José!* e quejandas porcarias litterarias, deram-se agora em ter pudor só porque a Chiquita rebola, com a maxima pericia, o ventre! No que, já se vê, deixa de haver uma certa coherencia, ficando, portanto, melhor á auctoridade o fechar os olhos e deixar correr o marfim.

No emtanto, em Lisboa, ahi para os lados do Crucifixo, abriu um estabelecimento de barbeiras. Está-se d'aqui a vêr o que as *mestras* poderão escanhoar na cara dos freguezes. Mais, muito mais n'um minuto do que a Chiquita em uma noite inteira, — pela bichinha gata amena com que a estrangeira sem pudor não pôde prender os seus mirones.

Ah, meus amigos, está Lisboa guarda, em seus recantos, aspectos tão curiosos que eu não resisto á tentação de vol-os ir desvendando. E quando vos vir d'olho arregalado e cubicoso, fradesicamente satisfeitos, será então maior ainda a minha satisfação por me ter sido dado erguer a pontinha d'este véu

que encobre grandes escandalos e grandes pagodeiras.

INTERINO.



JARANA

TOURADAS E TOUREIROS

O *espada* Jarana, que trabalha hoje na Praça do Campo Pequeno, não é a primeira vez que vem a Portugal. Ainda na epoca passada os afficionados tiveram occasião de applaudir os seus trabalhos, em que foi eximio.

Jarana não é um novato na difficil arte de tourear. Em Hespanha, onde tem bandarilhado nas principaes praças e onde o publico é, por temperamento, mais exigente que o nosso, é sempre acolhido com verdadeiro entusiasmo o seu apparecimento na arena.

Recebeu a *alternativa* das mãos de Gallo; e, mais tarde, Luiz Mazzantini confirmou-lh'a, o que é um grande titulo de gloria para um *espada*.

O publico da capital, que já tem visto desfilar na arena do Campo Pequeno as maiores notabilidades tauromachicas do paiz visinho e que é, portanto, quasi tão exigente como os hespanhoes na apreciação e justa critica dos trabalhos que vê executar, ha-de mais uma vez, esta tarde, confirmar os applausos que tem dispensado a Jarana nas vezes que cá tem vindo e consolidar a sua fama já, hoje, tão apregoada.



CONSULTA

O telegramma era grave. Recebera-o n'essa mesma manhã na praia onde veraneava.
 «Venha depressa. Morro.» E, atirando o chapéu de palha para a nuca teve apenas tempo para se metter no comboio, que passava precisamente a essa hora.

Encontrou-a deitada, com uma pallidez cançada e graciosa, os aneis dos cabellos esparsos pelos altos travesseiros.

— Ah! meu amigo, sinto-me morrer!

Elle sentou-se na borda da cama, pegou-lhe no lindo braço nú que se lhe abandonava. E, n'esse meio minuto de silencio, enquanto lhe auscultava o pulso, com os olhos fitos n'ella, lembrava tempos idos, alegres horas passadas n'aquelle mesmo quarto n'uma deliciosa vida de prazer, correndo ao sabor dos seus caprichos.

Via-lhe o arfar dos seios sob o entremeio fino da camisa e pequeninas gottas côr de rosa entreluzir pela

espuma das rendas. E uma perturbação começava a invadil-o, um vago arrependimento de a ter abandonado, uma pequena tortura por a imaginar nos braços d'outro.

Mas sacudia de si aquella ideia, franzindo a testa n'uma ruga e, n'um meio tom de mau humor :

— Não é nada : uma enxaqueca. Vou receitar.

Ella encarou-o então, com os olhos velados por uma leve sombra de doçura :

— Ouça. Não sei o que a sua medicina lhe diz a meu respeito, mas tenho a certeza de que não duro muito tempo.

Elle ergueu a cabeça, espantado.

— Quem lhe disse isso ?

— O meu coração. E' d'elle que me vem todo o mal. Ha dois annos — lembra-se ? — um dia que passeiavamos de braço dado sob as arvores, disse-me que as mulheres não tinham coração. Não sei, nem nunca procurei saber d'onde lhe vinha essa opinião azeda. Agora, que sinto o meu fim proximo, quero provar-lhe o contrario.

Elle teve um sorriso vago de incredulidade. Sentia-se bastante experimentado já para ser illudido por uma

creaturinha caprichosa e linda que o enlaçava na rede da sua argúcia para o precipitar, talvez, de mais alto. Não era, porém um forte. N'um relance, viu todo o perigo que corria : aquella carne meio vélada dava-lhe titilações de prazer por todo o corpo. Ergueu-se, deu duas voltas no quarto ; e parando bruscamente :

— Vamos lá a vêr se consegue desfazer-me a má impressão que tenho das mulheres.

Ella entreabriu um sorriso que lhe fez mostrar os dentes brancos e aguçados.

— Se eu quizesse...

— O que ?

— Mostrava-lhe um jornal que está ali, sobre a cadeira.

— Um jornal ? Que relação tem ?...

— Nenhuma. Traz a noticia de que o senhor vae casar.

Elle não negou, apesar de se sentir perturbado por aquelle olhar que lhe chegava ao coração.

— E' verdade. Vou casar. Mas isso não prova que tenha mudado de opinião.

— Oh ! nem a sua noiva poupa ! Dou-lhe os parabens. Deve dar um bom marido.

— Nem melhor nem peor que os outros.

Sentou-se á beira da cama. Sentia-lhe, agora, sob a roupa, o brando calor do corpo e um perfume a violeta que lhe dava vertigens.



Ella fez um movimento, pegou-lhe na mão e, com a cabeça abandonada, rolando pelo travesseiro :

— Não me queira mal pelo que lhe disse. O senhor é livre, póde fazer o que quiser. Perdôa-me ?

Apertava-lhe a mão, com pequenas pressões que lhe punham arrepios na carne. Aquella mesma sensação tinha-a elle experimentado n'outro tempo quando era o senhor d'aquella carne rosada e perfumada. Voltava atraz dois annos, aos dias loucos de prazer e censurava se já por ter acudido tão depressa áquelle ardil que, agora, via claramente estendido. Ella fallava-lhe no coração para não lhe fallar em amor ; mas era evidente que ainda o amava, ou, então, que se queria divertir á sua custa.

Ergueu-se, como quem foge á picada de uma serpente venenosa, e pegou no chapéu.

— Não acho grave o seu estado. Umhas gottas d'ether e flôr de laranja acalmal-a-hão.

— Não me parece, disse ella envolvendo-o n'um olhar cheio de grandes promessas. O meu mal é incuravel.

— Ora !

— Verá. Ainda ha-de chorar atraz do meu caixão.

Aquella ideia lugubre, n'aquelle quarto côr de rosa, fel-o rir.

— Está a troçar commigo. Quer apostar ? Ainda a hei-de vêr, este verão, correr pelas praias como uma borboleta.

Ella poz-se séria, de repente.

— Quero pedir lhe uma coisa. Faz-m'a ?

— Conforme.

— O senhor é medico. Não é do seu dever tentar todos os meios para salvar os seus doentes ?

— Decerto.

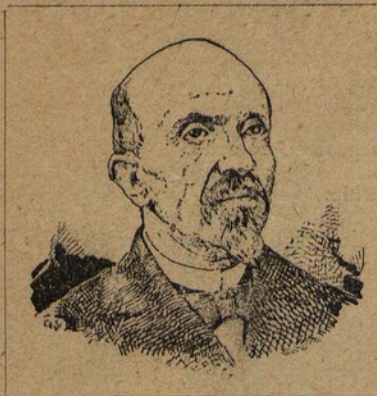
— Pois o que lhe vou pedir é em bem da minha saude: quero que me dê um beijo na testa antes de se ir embora.

— Se julga que, assim, lhe passará o mal da morte, esse remedio é pouco repugnante.

E, debruçando-se sobre a cama, poisou-lhe os labios na frescura da pelle assetinada.

Quando, só no quarto, ella se pôz a lêr, com a cabeça encostada ao braço nú, a noticia d'aquelle casamento, passou-lhe pelos labios um sorriso mysterioso que não se parecia nada com o sorriso crispado da agonia.

DR. SANTOS VALENTE



FELIZMENTE que não passou despercebida a morte d'este illustre homem de letras que levava a sua vida dobrado sobre os livros a tirar d'elles, em silencio, um proveitoso e solido saber que depois, liberamente, distribuia por todos que lh'o pedissem não mostrando n'isso favor, nem o fazendo por ostentação.

A noticia da sua morte quasi repentina entristeceu profundamente os que o conheciam de perto; chamou ao cemiterio pessoas illustres que o admiravam; todos os jornaes a deram com palavras sentidas; e as missas com que alguns piedosos lhe tem suffragado a alma teem sido concorridas por admiradores e amigos.

Felizmente que nem tudo foi esquecimento em volta d'este homem que por seu caracter honesto e muito saber devia ter chamado em vida superiores attentões que, por desgraça, vão em geral mais para os que por suas artes e maneiras conseguem fazer brilhar falsos meritos, que para os que realmente o tem, como elle.

Mas o rumor de sympathia que n'este dia se tem feito em volta do seu nome honrado e do seu saber distincto, é uma homenagem cheia de justiça ao seu merecimento de que infelizmente poucos tinham clara noticia.

Acontece sempre assim: só tarde se fazem consagrações aos que por modestia não ostentam o seu valor.

Homem erudito, professor e poeta, desde muito cedo que o dr. Santos Valente se interessou pelas letras, começando por fazer uma solida educação nas litteraturas classicas grega e latina que estudava directamente nos originaes. No grego era muito versado, mas o latim conhecia o notavelmente. Aprendendo-o como preparatorio á matricula n'um curso superior, não ficou n'este simples conhecimento, continuando sempre a estudal-o com particular affeição até se matricular na Universidade em direito. N'esse tempo, os lentes d'esta faculdade conheciam o latim como hoje conhecem o francez, exigindo alguns que as dissertações fossem escriptas n'essa lingua. O dr. Santos Valente estava então no primeiro anno, quando o lente da cadeira de direito patrio, o dr. Paes, marcou uma dissertação que devia ser escripta em latim. Todos a escreveram regularmente, mas a do dr. Santos Valente estava perfeita a ponto de entusiasmar o dr. Paes que em plena aula elogiou o auctor dizendo que aquella dissertação «estava escripta em latim de Cicero».

Ahi em Coimbra, durante o periodo da sua formatura, publicou elle o seu primeiro livro de versos — «Primicias», composto em grande parte de poesias em latim, uma das quaes, intitulada «Penedo da Saudade,» foi traduzida por João de Deus que lhe conservou a fórma em que Santos Valente a moldára — a da ode Saphica. Santos Valente fazia então parte d'um grupo de homens de letras que depois se tornaram notaveis: João de Deus, Anthero do Qental, Theophilo Braga, Alberto Sampaio, etc., em cuja convivencia o seu espirito se sentia bem e á vontade. Pouco depois de concluida a sua formatura em direito, veiu para Lisboa onde as letras continuaram a ser o seu estudo predilecto. Leccionando latim, que cada vez ia conhecendo mais porque procurava estar a par de tudo que a philologia moderna ensina, as suas traducções despretenciosas e simples eram, no entanto, cheias de rigor e postas na maior pureza de linguagem. Sentia-se que um grande prazer esthetico o ligava a estes trabalhos e era um encanto ouvir o traduzir um trecho de Cicero ou pôr em prosa amena uma bucolica doce de Virgilio.

Os nossos classicos eram-lhe familiarissimos. Lia-os sempre, estudando-os de perto, já pela elegancia de linguagem, já para o estudo da propriedade do termo e sentido das locuções ahi empregadas. Todas as citações classicas que veem no seu Dicionario Contemporaneo foram escolhidas por elle, o que representa um grande e consciencioso trabalho e tambem o conhecimento perfeito que tinha do sentido puro d'essas locuções. N'este dicionario que foi publicado em 1883 continuou sempre a trabalhar deixando á hora da sua morte um manuscripto em que ha para serem addicionadas a esta obra *mais do dobro* das palavras que estão n'esse grosso volume, o que além de o completar lhe amplia o aspecto, pois era tenção do auctor fazer um dicionario completo da lingua portugueza, antigo e moderno, indo desde a palavra obsoleta ao neologismo, desde o vocabulario erudito ao ultimo calão. Todos os dias trabalhava n'este livro, lendo os mais diversos tratados uma vez que elles lhe podessem trazer quaesquer elementos para a sua obra.

Para a parte contemporanea procurava encher o seu dicionario dos termos technicos que se usam nas diversas artes, o que é altamente trabalhoso pois que muitos d'esses termos só se apanham na convivencia de operarios, e catando miudamente o vocabulario das publicações correspondentes a cada uma das artes. Assim, tratando-se, por exemplo, de photographia o seu trabalho ia desde as visitas aos ateliers até á leitura das diversas publicações onde apparecem os termos proprios d'esta arte, gastando dias seguidos esquadrinhando os jornaes d'esta especialidade, prospectos de fabricas, annuncios, etc., onde colhia os termos empregados com os quaes ia enriquecendo o seu dicionario. Vinham depois as demais artes, e as diversas sciencias com a sua terminologia, o que tudo dava um trabalho insano, accrescentado da difficuldade que sempre ha, depois, em definir no menor numero de palavras e com clareza e precisão cada um d'esses termos. N'alguns objectos não se contentava com os nomes mais communs, mas procurava conhecer todas as variantes que elles tinham nas nossas provincias. Quem escreve estas linhas viu uma vez sobre a meza de trabalho do dr. Santos Valente uns cinco desenhos d'um mesmo carro de bois, desenho que elle havia enviado a amigos para pontos afastados do paiz, os quaes lh'o reenviavam trazendo escriptos á margem os nomes que n'essas terras davam a cada uma das peças. Outras vezes perguntava-lhes os nomes de todos os instrumentos de lavoura, de vindima, etc., assim como os das diversas operações dos trabalhos do campo como o da apanha do azeite cuja primeira operação é o *varejo* e a ultima a *escorra*.

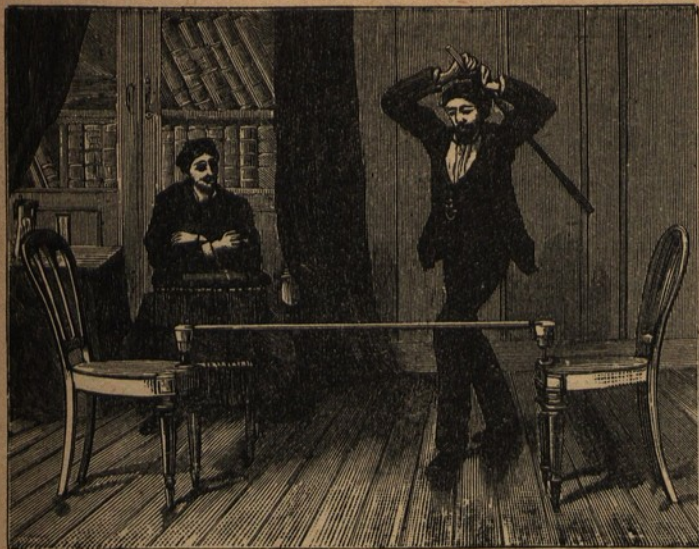
Seguia assim as pisadas do nosso Bluteau que enriqueceu o seu dicionario que catava com igual cuidado. Não ficava, porém, aqui: n'este dicionario entrariam tambem glossarios diversos que muitos dos nossos livros antigos teem precisão para serem bem comprehendidos, e que n'outros paizes andam adjuntos ás modernas e eruditas edições.

Assim se encontrariam n'esta obra todos os termos que por obsoletos perderam sentido, o que difficulta a leitura e ensombra a interpretação. Os nossos cancioneros dos seculos XII e XV, o theatro de Gil Vicente e muitas outras obras antigas teriam ahi o seu glossario tão completo como erudito, pois que se seguiam de perto todas as modernas conclusões da sciencia philologica.

Foi n'esta altura, quando estes importantissimos trabalhos, systematicamente dispostos, iam dia a dia ganhando terreno para tamanha obra, que a morte inesperadamente o surpreendeu, roubando ao paiz uma intelligencia do mais alto prestimo, e aos seus amigos o mais leal dos amigos, porque se a sua intelligencia era sã e prestadia tambem a sua alma refloria com a mais formosa das bondades.

SECÇÃO RECREATIVA

EXPERIENCIA



(Extrahido da obra em publicação, *A Chave da Sciencia*, de Travassos Lopes)

Colloca-se, pelos extremos, nos quaes ha duas agulhas ou alfinetes, uma tira de madeira de pouco mais ou menos um metro de comprimento e de tres ou quatro centimetros de secção, sobre dois copos. Dando, com uma pequena vara, uma pancada forte no meio da tira de madeira, esta quebra-se promptamente, sem que os copos soffram um simples movimento.

PELO MUNDO

Camillo Flammarion, o sabio astronomo, foi agraciado com a cruz de grande official de Carlos III, a mais alta distincção das ordens de Hespanha.

× A casa de Beethoven. Um grupo de admiradores de Beethoven comprou a casa do grande musico em Bonn. O edificio compõe-se de dois corpos separados; o da frente, uma bonita habitação burgueza do seculo passado, está um pouco deteriorado pelas familias de operarios que ha longo tempo o habitam; o do fundo, onde era a antiga moradia de Johann van Beethoven, tenor da capella do Eleitor, e a pequena mansarda onde nasceu seu filho, o compositor, ficaram, felizmente, no estado primitivo. O grupo de admiradores, graças ás receitas de dois concertos e de uma exposição, pôde restaurar o corpo principal do edificio e installar nas diferentes salas um museu de recordações e uma bibliotheca. Comprou, além d'isso, o piano que Graf tinha construido especialmente para Beethoven, e conseguiu reunir uma curiosa collecção de retratos, entre os quaes, o mais notavel é o da mãe de Beethoven.

× Ao polo norte em balão. Está provocando grande interesse no mundo scientifico a expedição ao polo que n'este momento se organisa.

Um aerostato, de uma força ascencional capaz de levar o explorador André e dois companheiros, partirá das ilhas do Spitzberg em principios d'este verão. O balão levará, comprehendendo o lastro, viveres e instrumentos de observação, um peso de 3000 kilos; a sua impermeabilidade calculada permittir-lhe ha conservar-se trinta dias no ar. Foi comprado por 10:200:000 réis e será, até certo ponto, dirigivel. O explorador conta partir n'um dia em que soprar vento sul e julga, segundo a theoria já acciete dos movimentos cyclonicos, que uma borrasca vinda do norte o levará para a direita, para as costas da Siberia. N'esta previsão, estuda n'este momento os dialectos dos povos que habitam aquellas regiões.

Um dos ascensionistas d'esta extraordinaria expedição é o geologo Eckholm, casado recentemente. Sua esposa que é franceza, pediu-lhe para compartilhar os perigos da viagem. Como não lh'o permitissem, acompanhará os viajantes a Norskear, onde terá lugar, provavelmente em agosto, a partida do balão.

O rei da Suecia preveniu os Esquimaus de que hão-de ver passar no céu um objecto de fórma extraordinaria, afim de que, avisados, não apanhem nenhum susto.

COISAS UTEIS

O QUE SE DEVE JANTAR

(Vidê n.º 3 do nosso Jornal)

DOMINGO. — Sopa de arroz Julianna. Filetes de pescada com molho de azedas. Favas com toucinho. Coelho assado com batatas. Salada de chicorea. Pudim de gabinete.

SEGUNDA FEIRA. — Sopa de missanga. Ruivo cosido com batatas. Ervilhas guizadas. Roast-beef com purée de batatas. Esperregado de alface. Ovos molles.

TERÇA FEIRA. — Sopa de cevadinha. Pastelinhos de massa folhada. Pargo assado. Lombo de vacca estufado com cebolinhas. Grellos de nabos com azeite e vinagre. Letria de leite.

QUARTA FEIRA. — Sopa de purée de feijão branco com hortaliça. Filetes de bacalhau. Frangão de fricassé. Perna de carneiro assada com salada de agriões. Cenouras com molho branco. Pudim economico.

QUINTA FEIRA. — Sopa de ervas. Salmonete grelhado. Favas com paio. Costellets de vitella panadas com macarrão. Esperregado de chicorea. Arroz de leite.

SEXTA FEIRA. — Sopa de ervilhas. Pastelinhos de pescada. Bacalhau com couves. Ovos recheiados. Salada de feijão frade. Frituras de accacia.

SABBADO. — Sopa de farinha de páu. Pastelinhos de camarão. Nabos com toucinho. Vitella assada com arroz. Salada de alface com batatas e ovos cosidos e azeitonas. Pudim de semola.

CARNEIRO Á CAÇADORA

A uma boa perna de carneiro que tenha a gordura bem branca e a carne bem vermelha, signaes da boa qualidade do animal, tira-se-lhe parte da gordura e mette-se junto ao côto uma cabeça d'alho. — Põe-se n'uma terrina e guarnece-se por baixo e por cima com a seguinte marinada — Um golpe de vinagre — azeite — dois dentes d'alho — tomilho — cebollas e cenoura em rodas — uma cabeça de nabo — pimenta — sal e dois cravos de cabecinha. Deixa-se na marinada 2 a 3 dias e depois assa-se no forno ou no espeto untando-a com uma pouca de manteiga.

A marinada aproveita-se como molho pondo-a ao lume n'uma caçapola (lume brando) por espaço de 2 a 3 horas e passando-a depois pelo passador fino, — o carneiro assim é excellente mesmo frio para almoços.

MOLHO Á FLAMENGA

(Para carne cozida)

Tira-se a gordura que o caldo da panella tenha o que se faz facilmente, e aproveita-se, refogando cebolla muito finamente picada até ficar sómente cozida, e deitando-lhe um pouquinho de farinha, e caldo ou agua, de fórma que fique bem liquido.

Este molho acompanha muito bem a carne cozida.

ERRATA AO N.º 3: — No menu de quarta feira faltou o assado; Rosbeef com salada de alface.

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

Redacção e Administração — Rua Augusta, 47, 2.º andar — LISBOA

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1\$100 réis	2\$200 réis
Africa Portugueza.....	650 "	1\$300 "	2\$600 "
Estrangeiro (paizes da União Postal).....	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$050 réis	2\$100 réis	4\$200 réis

BARBOSA DE MAGALHAES. — Codigo completo do Processo Commercial, annotado. Tomo I, 1 vol. br. 1\$000 réis. Enc. 1\$200 réis. (O tomo II e ultimo sae em junho).

ROMANCE DE MULHER, por P. Mael, traducção de José Sarmiento, 1 vol. de pag., 100 réis.

ALVES MENDES. — Santo Antonio, discurso. O mais extraordinario até hoje preferido por este grande orador, 300 réis.

N'ESTE VALLE DE LAGRIMAS, o melhor livro de Silva Pinto. 1 vol. br. 500 réis.

COLLECCÃO ECONOMICA. — Romances dos melhores auctores estrangeiros traduzidos em portuguez. Volumes de 240 a 400 paginas, a 100 réis. A publicação mais barata que em Portugal se tem feito.

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO. — Esplendida edição de amator, em papel de linho, a 1\$000 réis o volume. Sae o 1.º volume em abril.

ESGRIMA. — Manual theorico e pratico da esgrima de florete, espada e sabre, pelo professor Antonio Pinto Martins. 1 vol. com gravuras, br. 800 rs. Enc. 1\$000.

NA AZENHA, contos de Marcellino Mesquita. 1 vol. br. 500 réis.

EPILEPS'AS E PSEUDO EPILEPSIAS, pelo dr. Miguel Bombarda. Livro indispensavel a todos os medicos e a todos os advogados, delegados e juizes de direito. 1 vol. br. 1\$000, enc. 1\$200 réis.

GYMNASTICA. — Manual completo de gymnastica por D. Miguel de Alarcão. 1 vol. com gravuras br. 800 réis, enc. 1\$000 réis.

ROMANCES a 100 réis o volume na esplendida — COLLECCÃO ECONOMICA. Onze volumes já publicados. Saem 2 volumes por mez.

O DISTILLADOR PRATICO. — Tratado completo de distillação, por Ch. Vigneron, traduzido em portuguez. O livro mais claro e mais pratico que existe sobre este assumpto. 500 réis.

ROMANCE D'UM RAPAZ POBRE



Por OCTAVIO FEUILLET, traducção de CAMILLO CASTELLO BRANCO, 1 volume; edição de grande luxo, ricamente illustrada. PREÇO 3\$200 RÉIS.

A' venda na Livraria PEREIRA — Rua Augusta, 50 a 54 LISBOA.